

Carlos Imbassahy



O QUE É  
A MORTE

 EDICEL



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespirita.org](http://www.ebookespirita.org).



[www.ebookespirita.org](http://www.ebookespirita.org)

## ÍNDICE

Perfil do Autor .....	7
Imbassahy e a Morte, J. Herculano Pires .....	9
A MORTE .....	13
A morte física .....	14
Como se encara a morte .....	15
Suicídio .....	22
O último gesto .....	25
A MORTE NA LITERATURA .....	29
A MORTE E OS ANIMAIS .....	47
A MORTE NAS RELIGIÕES .....	51
OPINIÕES .....	60
O ESPÍRITO .....	65
O paralelismo psicofisiológico .....	65
Espírito e corpo .....	70
Lesões cerebrais .....	76
EXTERIORIZAÇÃO .....	82
O Duplo fluídico .....	82
AS MANIFESTAÇÕES NOS VIVOS .....	85
AINDA O ESPÍRITO FORA DO CORPO .....	96
Desprendimento voluntário .....	102
VIAGENS DO ESPÍRITO .....	105
Ainda a viagem astral .....	111
MENSAGENS ENTRE VIVOS .....	117
O ÚLTIMO DESPRENDIMENTO .....	121
ALÉM DO VÉU .....	136
Os primeiros passos .....	136
Os estudos de um mero observador .....	145

OS ESPÍRITOS SE COMUNICAM .....	153
O consolo da volta .....	153
Síntese de um relato .....	155
Um caso judicial .....	156
Mais algumas provas .....	157
Um caso pessoal .....	162
A VIDA NO ESPAÇO .....	165
Ausência de sofrimento .....	168
O reencontro das pessoas queridas .....	170
Habitações, moradas, ocupações. Como se vive no Espaço .....	172
O Carma é inexorável .....	179
EPÍLOGO .....	183
Referências bibliográficas .....	187

## PERFIL DO AUTOR

Carlos Imbassahy nasceu aos nove de setembro de 1883, em Salvador, Bahia, e morreu aos 4 de agosto de 1969, quase aos 86 anos de idade, em Niterói, Rio de Janeiro.

Valoroso pregador, polemista, estudioso e homem de caráter, deu mostras, exemplos dignos de como ser espírita de verdade. Estudioso da doutrina, não aceitava matéria que não suportasse o bom-senso e a lógica kardecianos. Como polemista era respeitado e embora fervoroso agia como um cavaleiro e fazia amigos.

Publicou cerca de 25 obras de inestimável valor. Teve atuação destacada no meio jornalístico espírita. Trabalhou na Estrada de Ferro Central do Brasil, onde participou como redator e chefe de redação da *Revista de Estrada de Ferro*. Foi secretário de redação e redator, junto com Deolindo Amorim, do grande *Mundo Espírita*. Redator do *Reformador*, órgão da FEB, e de muitas outras publicações.

Formou-se advogado, mas não exerceu a profissão por muito tempo. E o motivo, serve para evidenciar seu caráter de homem justo: defendera brilhantemente um cliente que pleiteava a tutela do filho, em mãos de mãe megera. Terminada a causa, conhecera a mãe agonizante, tão diferente do que o marido tinha pintado. Percebera que tinha defendido o algoz. Tal foi sua decepção que rasgou o diploma e não mais exerceu a profissão. Veio a exercê-la em nome da doutrina espírita, no caso Humberto de Campos, mas sem interesse financeiro. Foi na Diretoria de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda que Imbassahy fez carreira até os postos mais elevados, sempre promovido por merecimento e por folha de serviço prestado.

Amante da arte e do esporte, Imbassahy deixou feitos: em Niterói, pertenceu ao Sport Club Fluminense; ingressou como remador e depois fundou, dentro do clube, um setor de natação,

do qual foi diretor por muito tempo. Na arte, não perdia apresentação no "Theatro Lyrico".

Para maiores elucidações recomendamos a leitura de *Memórias Pitorescas de Meu Pai*, de Carlos de Brito Imbassahy, Casa Editora O Clarim, Matão, de onde este modesto resumo foi tirado.

Obras de Carlos Imbassahy: *A Margem do Espiritismo*; *O Espiritismo à Luz dos Fatos*; *Corpo e Espírito*; *Matéria ou Espírito* (com Pedro Granja); *Fantasmas, Fantasias e Fantoques* (com Pedro Granja); *Espiritismo e Loucura*; *Religião*; *Reencarnação e suas Provas* (com Mário C. de Melo); *Evolução*; *A Missão de Allan Kardec*; *A Farsa Escura da Mente*; *O Que é a Morte*; *O Poder Fantástico da Mente* (com Nazareno Tourinho); *Freud e as Manifestações da Alma*; *A Mediunidade e a Lei*; *Os Grandes Criminosos da História*; *Ciência Metapsíquica*; *Parapsicologia e Psicanálise*; *Enigmas da Psicologia*; *Hipóteses em Parapsicologia*; *Leviana*; *Os Menezes*. Traduções: *Fenômenos Psíquicos*, de Ernesto Bozzano (do francês); *Reencarnação*, de Gabriel Delanne (do francês); *A Vida Além do Véu*, de Dale Owen (do inglês); *A Filosofia Penal dos Espíritos*, de Fernando Ortiz (do espanhol); *Fenômenos Hipnóticos e Espiritícos*, de César Lombroso (do italiano).

## IMBASSAHY E A MORTE

J. HERCULANO PIRES

*Se o homem é um ser para a morte, como pretendia Heidegger, entretanto vive a esquivar-se dela. O mesmo filósofo nos ensina que a fórmula popular do "se morre" equivale a uma fuga pessoal à morte. Ao dizer que "se morre", o indivíduo descarrega na espécie humana o problema da morte e mergulha no mundo, como o avestruz que esconde a cabeça na areia. Sim, "morre-se", mas também "vive-se". Este "se" impessoal, abstrato difuso, tão útil como as próprias mãos, pois serve para tudo e a todos os instantes, é uma escapatória. Quando queremos contar um milagre e esconder o santo, recorremos à fórmula: "diz-se", "conta-se", ou "afirma-se". Graças a ela, dizemos, contamos ou afirmamos aquilo que por nós mesmos não poderíamos revelar.*

*A análise existencial da morte, feita por Heidegger, mostra-nos que o homem, ser para a morte, ao dizer "morre-se", está excluindo a si mesmo, como ser real, da ameaça da morte. Vemos os outros morrerem e sabemos que vamos morrer. Sabemos que ninguém pode escapar a ela. Mas encontramos no mundo uma forma de esquecê-la. E o "se" impessoal, tão cômodo, nos permite jogá-la sempre sobre os outros. Isso até o dia e a hora em que o "se" dos outros nos pega. Então embarcamos, revoltados ou não, na velha barcaça de Caronte, e vamos dar com os costados no Outro Mundo.*

*"— Coisa horrível é a morte! — dizia-nos um amigo, que aliás já embarcou. — Sabe-se lá como é esse Outro Mundo? Vocês, espíritas, estão muito convencidos de sabê-lo. Mas eu é que não vou nessa conversa. Prefiro continuar por aqui, pois já conheço este mundo. Fiquem vocês com a morte e deixem-me com a vida!"*

*Por sinal que, depois de passar para o lado de lá, de maneira abrupta, desconcertante, ainda muito moço, fomos encontrá-lo em estado de confusão. Era um vasto recinto espiritual. Ele estava sozinho, moço como havia morrido, pensativo. Quando*

nos viu, exclamou: "Ah, bem me dizia o coração que você era um amigo de verdade!". Conversamos longamente e ele acabou confessando-nos que jamais esperava encontrar na morte uma vida nova. "Entretanto — explicamos-lhe — aqui também se morre, voltando à vida terrena." E ele, que não conhecia Heidegger, respondeu-nos com um sorriso heideggeriano: "Sim, reencarna-se". Eis como o "se" funciona nos dois lados da vida, nas duas formas de existência, o que Heidegger, a estas horas, também já sabe, pois há tempos mudou-se para o Outro Mundo.

Mas o curioso deste livro é que Carlos Imbassahy não procura esquivar-se da morte, de maneira alguma. Tanto assim, que à moda de Maeterlink e Flammarión, e de outros mais resolveu escrever um livro sobre a morte. Isso quer dizer: enfrentar a morte face a face. Aliás, é interessante assinalar o seguinte: neste ano, em que se comemoram os oitenta anos do poeta Manuel Bandeira, o escritor Carlos Imbassahy, que já fez a curva gloriosa dos oitenta, publica um livro sobre a morte. E se Bandeira declara que a casa está arrumada e a mesa posta, para que a morte chegue, Imbassahy exclama: a vida não se apaga e a morte é uma ilusão.

Bons exemplos, estes, de um poeta e um escritor que não recorrem à evasiva heideggeriana do "se", enfrentando a morte com serenidade. O poeta, porque é capaz de intuir a morte como uma simples visita no fim da existência terrena. O escritor, que é também um pesquisador, habituado à face da morte que o Espiritismo lhe apresentou há muitos anos, porque sabe realmente o que é a morte. Dizem os parvos que ninguém voltou para contar-nos o que ela é. Imbassahy conhece centenas de casos de criaturas que voltaram e contaram tudo. Uma delas é Camilo Castelo Branco, que lhe enviou uma carta de além-túmulo, da mesma maneira que Humberto de Campos escreveu um artigo a Agripino Grieco, na frente do crítico, que acabou por nos declarar: "Como, eu não sei, mas que era Humberto não há dúvida!".

Este livro, como se vê, não é o resultado de cogitações filosóficas ou de meditações religiosas sobre a morte. Pelo contrário, é o produto de uma longa convivência com a morte. Desde que se tornou espírita, aceitando o desafio da esfinge, Imbassahy passou a ver a morte de perto e a conversar com os seus pupilos, ou seja, os pupilos da morte. Por outro lado, tomou conhecimento de experiências, científicas ou não, realizadas em todo o mundo, sobre o problema da morte. Viu o mundo cheio de mortos-vivos e de túmulos vazios. A morte lhe mostrou a sua face verdadeira, a de simples metamorfose, pela qual passa a



criatura humana, como passa a lagarta para se tornar borboleta. Como, pois, temer a morte? Vida e morte são cara e coroa da existência.

Imbassahy, por isso mesmo, não escreveu um livro lúgubre, mas um livro alegre sobre a morte. Este livro está cheio de vida: a vida que conhecemos na vida e a vida que vamos conhecer na morte. As ciências físicas provaram, neste século, que não existe o vácuo no Universo. As ciências psíquicas provaram, desde o século passado, que a morte não existe. O lugar dos céticos, dos negativistas, ficou bem definido: é simplesmente a ignorância. E isto sem nenhum sentido pejorativo. Pois somente os que ignoram as pesquisas sobre a morte podem continuar afirmando que o homem desaparece no túmulo, que ninguém volta para nos contar como é o outro lado.

Não é este o livro de um octogenário, escrito para consolar os que se aproximam da morte. Antes de mais nada, Imbassahy sabe, por experiência de mais de oito décadas bem vividas, que não são apenas os velhos que morrem. Depois, o espírita convicto não teme a morte. Sabendo o que ela é, não pode temê-la. A finalidade deste livro é contar realmente ao leitor o que é a morte. E contar baseado em fatos, em pesquisas, em experiências e observações. Imbassahy não diz: a morte é isto ou aquilo. Ele demonstra e prova o que ela é. Longe vai o tempo em que dizer isso parecia bravata ou heresia. Hoje, sabemos que os mistérios da morte, como os da vida, são perquiridos e revelados pelas ciências.

É por esses dois motivos: o conhecimento certo, seguro e claro do que é a morte, como simples fenômeno vital (incluindo o biológico e o psíquico ou espiritual); e o conhecimento certo, seguro e claro do que é o ser para a morte, ou seja, o homem, que Imbassahy nos oferece um livro alegre e vivo sobre a morte. O leitor não encontrará aqui uma exposição teológica e fúnebre sobre o problema da morte, mas uma exposição racional e científica, bem condimentada por uma verdadeira filosofia do espírito, a que não falta a finura de espírito. Porque Imbassahy não é homem que bate no peito, mas que aponta as estrelas. Longe de aprender como se arranjar na convivência dos vermes ou das sombras, o leitor aprenderá como encontrar os espíritos queridos e conviver com eles na luz da espiritualidade. Um livro que só não nos leva a querer a morte antes do tempo, porque também nos ensina que temos de viver o necessário para bem morrer. Era este um livro que faltava — assim leve e profundo ao mesmo tempo — na bibliografia espírita do Brasil e na bibliografia em geral.

## A MORTE

*Omnia definitio periculosa est...* diziam os latinos. Mas o axioma que eles aplicavam ao direito — *in jure* — pode estender-se a quaisquer atividades. Se toda a definição é perigosa, no que respeita à morte, onde se nos afiguraria difficilima, é de uma simplicidade admirável: A morte é a extinção da vida. Até o Conselheiro Acácio poderia formulá-la de improviso.

Se quisermos torná-la mais séria, poderemos dizer: É o desaparecimento dos processos vitais. Ou o desaparecimento definitivo dos processos químicos. E se preferirmos o estilo filosófico: É a alteração dos elos da cadeia infinita.

Não poderemos afirmar que a morte seja a parada das funções orgânicas, porque é comum o arresto sem que a vida cesse: é o caso da morte aparente, que tem levado tanta gente à sepultura antes do tempo.

Há seres que se diriam mortos e se conservam vivos, como os tomados de síncope, ou em estado cataléptico; há seres que se diriam vivos e estão mortos, como os fantasmas na visão mediúnica.

A morte se manifesta pela cessação dos batimentos cardíacos, pela da circulação, pela dilatação da pupila, pela queda do globo ocular, pela palidez característica, pela algidez, pela rigidez cadavérica, pela imobilidade da íris, pela putrefação.

A duração da vida, segundo a Ciência, depende da hereditariedade, do gênero de vida, da profissão, do clima, do dispêndio orgânico, da alimentação, dos vícios, dos excessos. Mas todos já devem trazer os seus dias contados. A falar verdade, cada qual deve ter um relógio invisível, que pára no momento fatal, predestinado. Tomás Ribeiro falava do relógio “que pregado na parede das horas se esqueceu”. Mas o relógio do destino não se esquece nunca das horas. Ninguém foge ao *supremum diem*.

## A MORTE FÍSICA

A morte do corpo, ao que parece, não é fácil de ser verificada, e daí haver muita gente enterrada ainda em vida, apesar dos progressos da Medicina.

O Dr. Maurice d'Halluin pergunta: "Quando chega a morte? Acompanha ela sempre o último suspiro e o desaparecimento dos sinais da vida? Qual o desfecho? Ou o desastre? *Quelle en est l'échéance?*".

A separação entre alma e corpo não se dá quando o coração pára. E entra a citar Brouardel: "Não podemos em medicina legal admitir que a parada do coração seja o momento da morte. Nem há sinais que possam em todos os casos precisar esse momento". Glenard: "A morte quebra a subordinação dos órgãos, porém não destrói a vida". Dastre: "Quando se diz que um homem é morto, estabelece-se um prognóstico, não um diagnóstico. Em summa, os fatos têm demonstrado que o homem pode retornar depois de muitas horas do desaparecimento da manifestação da vida".<sup>(1)</sup>

Isto é desanimador para os *morituri*.

Afrânio Peixoto é otimista quanto ao diagnóstico da morte, que lhe parece seguro, o que já é um consolo para os que temem ser inumados vivos.

"A tanatognose — diz ele — serve-se de várias ordens de sinais que se podem averbar de duvidosos, prováveis e certos. Deixemos as duas primeiras e vamos às certas que são: pergaminhamento do derma (pele seca, dura, amarelada); mancha verde abdominal; parada completa e prolongada da circulação. São fenômenos cadavéricos: a face cadavérica chamada hipocrática. Hipócrates refere-se à fronte enrugada e árida, olhos fundos, nariz afilado, têmporas deprimidas, côncavas, rugosas, orelhas repuxadas para cima, lábios pendentes, maçãs cavas, mento enrugado e duro, pele seca, lívida e cinzenta, vibrissas e cílios semeados de uma poeira esbranquiçada, rosto fortemente contornado e alterado. Há o resfriamento do corpo, a pele pálida, o espasmo cadavérico ou rigidez cataléptica, a putrefação."<sup>(2)</sup>

Transcrevemos em linhas gerais o que diz respeito aos sintomas da cessação da vida. Há autores mais explícitos e mais

(1) Dr. Maurice d'Halluin. *La Mort cette Inconnue*, 2.<sup>a</sup> ed. Paris. Págs. 34 e outras.

(2) Afrânio Peixoto. *Medicina Legal*. 3.<sup>a</sup> ed. Págs. 323-332.

extensos, mas paramos por aqui, numa ligeira idéia do caso, porque não é nosso intento apresentar um capítulo sobre medicina legal.

#### COMO SE ENCARA A MORTE

Para o selvagem há sempre um responsável pela morte de qualquer indivíduo; ela era imputada ao crime de alguém, e ainda hoje costuma cair nas costas largas do demônio. Na Idade Média e ainda pelos tempos afora, os feiticeiros e necromantes não estavam isentos de suspeita. Houve muita gente perneando nas fogueiras porque alguém morreu mais ou menos misteriosamente. Não faltavam também as vítimas quando padeciam dúvidas sobre a causa da moléstia, e havia quase sempre alguém para pagar os erros de diagnóstico ou de terapêutica por parte de facultativos, quando não eram os próprios facultativos que iam expiar duramente os seus equívocos.

Alexandre tomou-se de grande furor quando morreu o seu amigo Hepastion, aliás sem culpa nenhuma do médico, cujas prescrições havia desobedecido. Ele não só mandou crucificar o médico como desandou a fazer desatinos e maldades de toda a ordem, como arrasar templos, cidades, tosquiar animais, proibir folgedos, degolar pessoas que não tinham nada com a morte daquele Hepastion, vítima apenas de comezainas e carraspanas.

Não poderemos ainda gabar-nos da ausência de tais atos, posto que a civilização tenha contribuído para que acabassem as injustiças de todos os tempos. A exemplo de Alexandre, o Grande, muita gente costuma invectivar, quando não matar, o médico que não pôde curar o enfermo confiado a seus cuidados. No interior do país não era sem receio que um doutor em medicina assumia o compromisso de prestar assistência médica a parentes de um "coronel" bem fornecido de capangas.

Enfim, já se dizia no Tibete que a morte é nascimento num mundo desconhecido. O recém-morto e o recém-nascido procuram acostumar-se, uns aos órgãos psíquicos, outros aos órgãos sensorios que lhes cabem.

A definição da morte não abrange o espírito nem se declara qual a sua situação, extinta a vida. Autor muito entendido no caso acha que a crença em outra vida não é uma verdade de senso comum, mas uma idéia emitida por indução, insuficientemente demonstrada e sempre discutível. Não é esse o consenso

geral e já não é tão grande a insuficiência de demonstrações, no que toca à sobrevivência. Verdade é que muitos filósofos a negam, que os sábios a desconhecem, que a Ciência a repele, que o dogmatismo a anatematiza, e que homens eminentes, por mostrarem superioridade, timbram em assegurar-nos que o que nos espera é o nada ou que nada nos espera, o que vem a dar no mesmo.

Conta-nos, entretanto, um manuscrito de 1730, conservado na Biblioteca do Arsenal de Paris, que havia uma sineta necromântica com a qual se chamavam os mortos. Gabriel Marcel afirma-nos que já o homem primitivo tinha medo dos mortos e vivia em luta com as sombras. Se usasse "clochette nécromancienne" seria para afastá-los.

As solenidades fúnebres, os ritos, os cultos, o cerimonial concorrem para tornar a morte mais assustadora. Os frades trapistas da Tebaida tinham uma divisa — *memento mori*. Era uma ordem religiosa fundada em 1140. Viviam tristes, silenciosamente. Quando se encontravam, um dizia para o outro — lembra-te que vais morrer — *memento mori* — e isto com a voz mais lúgubre possível. E continuavam a caminhar, sem olhar para os lados, sem mover os lábios, como se fossem múmias ambulantes. Esses frades representavam a morte com o seu mais terrível aspecto. Ao saírem das celas, ou a caminharem em filas, mãos no peito, cabeça baixa, poder-se-ia dizer que eram a morte em marcha. E deixaram-na como o fim das alegrias, o fim da vida, o fim de tudo. Os materialistas, com o nada, deles pouco diferiam.

O paganismo não era tão tristonho. A deusa dos funerais em Roma era Libitina. No seu templo os parentes dos mortos não vinham chorar. Quando muito, deixavam já uma espórtula. O dinheiro é que nunca deixou de existir em qualquer parte do mundo.

Nunca se esclareceu o que era morte. Razão tinha Ribeiro Costa em sua quadra:

Quem volta do cemitério,  
alma em luta, dolorida,  
volta envolto no mistério  
que deixa a morte na vida.

Além do mistério, os costumes e as crenças encheram-na de tristeza, de sombra, de terror. Veja-se o luto, as solenidades fúnebres, as endechas, e até as carpideiras, que eram pessoas pagas para chorar. Escrevia um escritor português: "É cos-

tume apresentar a morte de forma horripilante: figura pavorosa, esquelética, envolvida numa túnica, a destra empunhando a foice inexorável. E de tal modo nos habituaram a temê-la e a abominá-la, que sentimos calafrios ao simples enunciar de seu nome, como se ela fosse um ascoroso vampiro, em busca de vítimas para imolar, sequioso de luto, apontando a dedo os condenados, indiferente pelos ricos ou pobres, sem uma hesitação, hirto e frio como um cipreste”.<sup>(3)</sup>

Muito contribui para o medo da morte a descrença na imortalidade, que eméritos escritores timbram em propagar. E assim dizia-nos de Puchesse: “O homem, declinando de hora a hora à sepultura, não pode sem horror encarar o terrível desconhecido que está além. Apavora-o o pressentimento do nada. Não tem movimento de espírito nem fibra de coração que impugne tal idéia”.<sup>(4)</sup>

Feuerbach escreveu um livro com o propósito de “tirar-nos a ilusão de uma segunda existência”. Vejamos estes seus trechos: “Conhecendo mal a verdadeira índole da morte e assombrados com seus estragos cotidianos, lançamo-nos infantilmente nos braços da ilusão de uma segunda existência de além-túmulo, de uma imortalidade individual”.<sup>(5)</sup>

E robustece a sua tese com esta outra tirada: “Assim, senhoras teístas e espiritualistas cristãos, ou concedeis como verdade inconcussa aos germanos antigos o seu Walhala, aos gregos o seu Olimpo, aos índios da América do Norte o seu País do Grande Espírito, ou declareis estar errado alçar o grito imprecando contra quem — no vosso dizer — ousa com mão cruel tirar às almas simples o doce conforto, a delícia em perspectiva do Outro Mundo”.

Em síntese: Ou o Walhala, o Olimpo, o País do Grande Espírito ou o vazio. Resta-nos a esperança de poder abalar com provas estas alegações improváveis.

Fiquemos com Lakhovsky, quando nos lança uma grande verdade: “A morte não é a triste e dolorosa separação para a qual nos preparam de toda a eternidade as religiões e as filosofias. É pelo contrário a metamorfose final, a esplêndida libertação de nossa alma, que abandona o sofrimento e a prisão corpórea para ascender à felicidade eterna”.

(3) Isidoro Duarte Santos. *Rev. de Espiritismo*. Março, 1935.

(4) B. de Puchesse. *L'Immortalité — La Morte et la Vie*.

(5) Ludwig Feuerbach. *A Morte e a Imortalidade*.

“Nossos últimos momentos transcorrem em suavidade e serenidade. (Aussi nos derniers moments se passent-ils dans l'apaisement et la sérénité.)” (6)

E nós, como La Bruyère, não compreendemos que uma alma possa ser aniquilada.

Outro erro dos credos é a repetição de que somos pó e ao pó retornaremos. E isto apesar do ensino religioso da sobrevivência. Mas vemos no corpo todo o nosso ser, e a importância que se lhe dá é de tal ordem que, segundo o dogma, ele acompanha a alma no juízo final.

Um sintoma desse materialismo inconsciente são as sentenças que se conservam através dos tempos e pelas quais nos vivem a lembrar que somos pó: — “Não passas de terra e cinzas”. Nas portas dos cemitérios lá está: — *Memento homo, quia pulvis est et in pulverem reverteris*. E no *Gênese*: “Porque barro és e ao barro voltarás”. (7) E no *Eclesiastes*: *De terra facta sunt et in terram pariter revertuntur*. (8)

Não admira que o padre Vieira visse também em nós o pó em que nos tornaremos: “Os vivos são pó levantado, os mortos, pó caído”. Mas é engano: O que é pó e volta à terra é o corpo; mas o eu, o ser espiritual não é pó nem vai ao pó. Ele se liberta do pó e feliz será se ao pó não voltar mais.

Mais certo andava Horácio quando dizia que éramos pó e sombra. Pó em vida, sombra na morte. Sombra é como os antigos denominavam as almas, as quais como sombra lhes passavam diante dos olhos.

É preciso tirar ao homem o medo da morte que, para ele, dadas as noções que lhe fornecem, é o eterno desconhecido.

Um irlandês, já às portas do túmulo, não se conformava com sua situação fatal. Diz-lhe um amigo para consolá-lo: — Olha, só se morre uma vez. — Pois nisto — respondeu ele — é que está o meu aborrecimento. Se eu pudesse morrer uma dúzia de vezes não me incomodaria.

Se, entretanto, tivesse outros conhecimentos, saberia que, de fato, morremos muitas dúzias de vezes. E talvez fosse melhor morrer uma só.

Por sábia disposição da natureza, a certeza da morte faz-nos muitas vezes esperá-la com calma. E no auge da paixão, religiosa, política, social, ou qualquer que seja, desaparece o receio da extinção: daí os heróis e os mártires.

(6) Georges Lakhovsky. *L'Éternité, la Vie et la Mort*. 1932. Págs. 7 e 11.

(7) *Gênese*. C. 111, vers. 19.

(8) *Eclesiastes*. C. 3, vers. 20.

“O medo da morte — dizia Mac Kena — é o mais débil dos temores — cede diante da glória, do dever, da religião. Sei-o de fonte segura, que o homem ou mulher, ao avizinhar-se a hora, a enfrentam com calma.” (9)

Alguns autores têm certa idéia desse fenômeno, sem precisá-lo exatamente. G. Barbaim ensinava que o homem pressente com horror o momento de expirar, mas acostuma-se à idéia e quando surge a Parca a angústia desaparece.

Não é tanto uma questão de acostumar-se. O indivíduo perde a angústia diante do que vê, do que sente, do que se abre ao seu entendimento espiritual; diante do instinto, ou da memória recôndita que lhe está a segredar que a morte não existe.

Dizia Heine, salvo de uma queda: “Quando caí, imaginei que iria esfacelar-me; percebi quando me choquei contra os rochedos, ouvi o ruído do corpo de encontro à neve que os cobria. No momento não senti dores. Diante de meus olhos perpassou toda a minha vida, iluminada por um esplendor celeste, sem angústia, sem sofrimento nenhum”.

É de fato muito interessante o que se passa no momento da morte — a chamada visão panorâmica, de cuja existência sabemos seguramente pelos informes daqueles que tiveram a vida por um fio, os que puseram um pé ligeiramente nos umbrais do outro mundo. É uma espécie de visão da consciência ou pós-visão, como a indicar-nos que não ficou esquecido na memória do tempo nenhum de nossos atos; que eles não se perdem e temos que responder por eles. Assim, às portas da morte, o indivíduo revê toda a vida que se vai extinguir. Aquela visão desdobrar-se-á mais tarde com as suas devidas conseqüências.

O almirante Beaufort caiu de um navio na baía de Portsmouth. Desapareceu na água. A angústia do primeiro momento sucedeu um período de calma e tão bem que não teve nenhuma vontade de que o socorressem. Nenhum sofrimento, antes uma sensação de bem-estar, a que precede o sono devido à fadiga. Entretanto, havia grande atividade cerebral: o acidente, sua causa; o tumulto que se seguiria, a dor de seu pai. . . Depois vieram as lembranças do passado. Em breve, o fluxo completo de sua vida, em seus pormenores; toda a sua existência se lhe desfilou diante da memória, numa revista panorâmica. (10)

Ernesto Bozzano, numa de suas monografias, apresenta-nos vários casos desta natureza, devidamente autenticados, de

(9) Mac Kena. *O Medo da Morte*.

(10) Haddock. *Somnambulisme et Psychisme*. Pág. 213 — Apud Léon Denis.



forma que já não é mais possível duvidar da realidade do fenômeno, que nos está a demonstrar a vitalidade da alma no aniquilamento das funções orgânicas.

Afirmava Paul Bodier: "Tendo abandonado o seu invólucro material, o desencarnado recobra grande liberdade espiritual e revê no éter, que lhe reflete o corpo vital, todas as imagens das cenas de sua existência finda, que lhe ficaram gravadas na memória subconsciente. Ela se lhes apresenta à consciência, como imenso panorama, que se desenrola em sentido inverso da sucessão real dos acontecimentos, vindo em primeiro lugar os fatos que precederam imediatamente a morte". (11)

Parece-nos que nem sempre será assim. Há casos em que a visão conserva a ordem cronológica em que sucederam.

Raoul Montandon notava igualmente o fenômeno: "O homem conserva integralmente em sua memória tudo o que as suas percepções sensoriais, seus estados psicológicos, suas operações mentais lhe trouxeram no curso da existência terrestre. Os mais sutis pensamentos, os atos marcantes ficam registrados na consciência, tais os múltiplos quadros de um filme cinematográfico em sua sucessão e ligações normais". (12)

Mac Kena generalizou; parece-nos, porém, que o Espírito ainda atrasado, a menos que selvagem ou inconsciente, conserva o temor, antes, durante e depois da morte. O justo pressente o futuro e a tranqüilidade que o espera. Seus últimos momentos, contrastando com as agonias e os sobressaltos da moléstia, estão a dizer-lhe que a morte é bem diferente do que supomos. Será por isto que, segundo Huc, os chineses morrem serenamente e os árabes não choram a perda dos entes queridos. Interessante é que o cristão, que mais devia confiar no Catecismo e nos sermões que ouve, é o que mais se desespera com a morte das pessoas caras. E esse desespero — segundo nos dizem os mortos — retarda-lhes o desprendimento da terra e a ascensão.

Muitos limitam-se a aconselhar-nos firmeza e calma, nos últimos instantes. Como, porém, não nos explicam por que, pensamos que nada adianta o conselho. Vejamos alguns conceitos:

---

(11) Paul Bodier. "La Mort". Conferência. Paris, 1928.

(12) Raoul Montandon. *La Mort cette Inconnue*. Paris. Ed. Attinger. Pág. 298.

Lucano: "Não deve temer a morte o homem forte". S. Bernardo achava que era prudente esperá-la, desde que ela também nos espera em toda a parte. Montaigne consolava por esta forma: "Se não sabeis morrer, não vos aflijais; a natureza se encarregará da tarefa". O homem devia, pois, fiar-se da natureza e deixar que a foice o ceifasse.

Maeterlink não era mais animador. Para ele só havia de importante a morte, e quanto mais a temêssemos mais se tornaria ela o alimento de nossos temores. Só se esqueceu de ensinar-nos como poderemos deixar de temê-la. Parece-nos isto um complemento indispensável.

As lendas sobre o que nos aguarda não são mais tranqüilizadoras, visto que é raro achar-se o indivíduo em paz com a consciência.

Algumas almas, segundo a velha Mitologia, iam até às margens do Estige, que contorna o Inferno. A travessia para o dito é feita na barca de Caronte, mediante pagamento, porque, até para ir ao Inferno se paga, embora haja por lá menos cupidez que aqui na Terra, pois os que não podiam pagar passavam de graça. Ai, porém, dos velhacos! Os que, por avareza, não entram com o vil metal, são deixados a vagar nas margens do rio durante cem anos; os que dão moeda falsa são as almas penadas. Pelo jeito, deve haver por lá muito moedeiro falso.

Os filhos dos deuses banhados no Estige tornam-se invulneráveis. As partes secas, não molhadas, escapam ao privilégio: foi o que sucedeu com Aquiles. Sua mãe Tétis mergulhou-o, segurando-o por um dos calcanhares. Este não se molhou e ficou exposto a todas as contingências da vida. Daí dizer-se de alguém que possui qualquer lado atacável: — é o seu calcanhar de Aquiles.

As notícias que possuímos ou que nos fornecem, dentro dos conhecimentos e das religiões, são tão confusas, que muitos não fazem idéia do que seja o trespasse, a viagem das almas, a localização nos lugares determinados para elas.

Contava-se de um bispo benemérito que, na sua santa missão de catequizar índios, foi comido por eles. E o narrador consolava-se, porque o santo bispo teria ido para o Céu. E um dos presentes, intrigado: — Mas como é que o bispo foi para o Céu se estava dentro da barriga dos índios?

Não admira esta perplexidade, pois já vimos várias autoridades eclesiásticas se insurgirem contra a reencarnação e

suas leis: não admitiam que “um homem”, numa vida, viesse pagar o que “outro” fizera em vida precedente.

Tratando ainda do sacrifício destes catequistas, sempre para admirar, falava-se de três padres que serviram de bandeira a trezentos catecúmenos. Um dos presentes não pôde conter-se e lançou dolorosa exclamação. — É bem verdade que merece pena — observou alguém — e V. S.<sup>a</sup> faz bem em sentir-se assim penalizado com a sorte daqueles infelizes padres. — Mas não é dos padres que me penalizo, explicou o outro, é dos índios: três padres apenas para trezentas bocas!

De onde se vê que a morte nem sempre causa arrepios e serve até de humorismo a espíritos desavisados.

Passemos agora à parte mais triste do capítulo quanto às conseqüências da morte.

### SUICÍDIO

De todas as mortes a pior é a morte pelo suicídio. Nesta não existe a suave quietação da morte comum nos indivíduos normais. Muito pelo contrário, as agonias se prolongam pela morte a dentro e continuam numa seqüência de horrores, talvez até nova prova terrena. Assim, o dizem do outro lado da vida.

A ignorância neste assunto é total. Ensinava Sócrates a um discípulo: “Será para ti motivo de estranheza verificar que há para todos necessidade de viver, mesmo para os que têm a esperar mais da morte que da vida. E notarás que não lhes é permitido procurar a morte por suas próprias mãos, sendo obrigados a esperar outro libertador”.<sup>(13)</sup>

Todas as religiões proíbem o suicídio, e algumas legislações cominam pena aos cadáveres, na impossibilidade de cominá-la às almas. E então desenterravam os corpos, expunham-nos, maltratavam-nos, mutilavam-nos, estraçalhavam-nos.

Antigamente tinha-se o suicídio como coisa natural, e ainda hoje, desconhecendo as penas horríveis a que serão submetidos, muitos se lançam cegamente no abismo. Há até quem julgue isto um ato de coragem. O filósofo Albutius Sillus certa vez convocou muita gente e disse-lhes que, estando encanecido, iria acabar com a vida. E aquela gente achou muito bem ido. Sillus, então, precursor de Gandhi, deixou de comer e beber.

---

(13) Platão. *Fédon*.

E morreu. Não se conhece um suicídio inverso: matar-se voluntariamente comendo demais.

O governo romano, entre suas medidas administrativas, tinha um serventuário, encarregado de distribuir veneno a quem quisesse morrer. Bem-entendido, o veneno não era ministrado a um qualquer, senão a quem apresentasse motivo justo e sério para retirar-se da vida. Conta-nos isto Valério Máximo, historiador de muita responsabilidade. Cornélio Tácito, outro historiador não menos respeitável, declara que muitos condenados, para não dar o certo gostinho aos déspotas e aos carrascos, resolviam fazer o serviço pelas próprias mãos.

Algumas das medidas proibitivas produziam efeito, como no caso das suicidas de Miles. As moças, povoadas de idéias fantásticas, ou estúpidas, deram para enforcar-se. Conta Plutarco que um decreto estabeleceu que as suicidas fossem despidas e expostas em praça pública. E o povo curioso pela exposição, ia todos os dias à praça ver os corpos femininos dependurados, o que deveria ser um espetáculo inédito. Não é possível pintar a decepção dos espectadores vendo o quadro desolador da praça vazia: o romantismo tinha acabado e os suicídios também.

Houve muitos suicídios românticos, como o de Cleópatra, que se fez morder por uma áspide escondida num cesto de flores; outros trágicos, como o de Sardanapalo, que se atirou em imensa fogueira, com seus tesouros, mulheres, serventes, sacerdotes e tantos quantos o quiseram acompanhar nessa cremação. Assim também a mulher de Asdrúbal, depois da traição, derrota e destruição de sua querida Cartago, vestiu-se, ornamentou-se o melhor que pôde, subiu ao alto de um templo e de lá se atirou com os filhos e os sobreviventes da catástrofe às chamas que consumiam a cidade. E ainda os cartagineses, refugiados em Asclépios, lançaram fogo ao asilo onde se achavam refugiados e pereceram nas chamas.

Podemos a propósito lembrar o que sucedeu em Massada, na Palestina, que foi uma verdadeira maçada para os judeus Estes, não podendo mais resistir nos pontos fortificados em que se acantonaram, resolveram matar as mulheres e as crianças. Depois nomearam dez com a honrosa incumbência de degolarem o resto e se suicidarem em seguida, compromisso de que esses dez se desincumbiram conscienciosamente. O resto da raça de Judá não precisou lançar mão desse sacrifício, ou desse recurso. O bom Vespasiano poupou-lhes esse tra-

balho, exterminando os que sobreviveram à dolorosa ruína da pátria.

Só por muito boa-vontade e grande pertinácia pôde a raça continuar proliferando à face da Terra, talvez para que continuasse sacrificada, espoliada e assassinada até os tempos de Hitler.

Alguns morrem escandalosa, teatralmente, como um tal Proteus, que depois de um imenso reclamo, com a declaração de que se iria matar, atirou-se a um fogueira, dando um magnífico espetáculo público aos basbaques que ali o foram apreciar.

Há os suicídios coletivos, em banquetes, como o dos cidadãos de Cápua, por ocasião da derrota de Aníbal. Deram uma festa e à sobremesa serviram-se de uma taça de veneno.

Há os que fogem à vida por pudor, como as escravas, que expunham à venda completamente despidas. Há os que, como Strozzi, se matam pelo receio de se verem obrigados a denunciar os companheiros.

Há os suicidas por fanatismo religioso, como os que se atiravam às rodas do carro de Civa; os de monges e freiras, por temor do Demo ou para alcançarem o Céu mais depressa; os por holocausto aos deuses; os que queriam ressuscitar em melhores lugares, como os paraguaios, na Guerra de 70. Há o suicídio por adoração, devoção ou coisa parecida, como o do almirante Togo, vitorioso na célebre batalha naval contra os russos, este por amor ao Micado. Há os heróis na guerra, que vão a determinadas missões, sabendo que não voltam como os kamikases, na luta do Japão contra a América; dirigiam as bombas que deviam estourar com eles.

Há os que são obrigados a matar-se, como Nero com uma espada, Sêneca que cortou as veias, Sócrates que bebeu cicuta, Rommel que tomou veneno por ordem de Hitler... Outros por promessa. Um destes jurou que iria sacrificar-se por Calígula. Como porém o sacrifício demorasse, o "Botinha" mandou que ele cumprisse a palavra. O adúlador estava arranjanando um meio de safar-se do "entrelho" quando foi atirado de um precipício. Com Calígula era assim.

O que nos dizem aqueles que, por desvario, ignorância ou indigência buscaram a morte, é que o que os esperava era o mais terrível dos desenganos, o mais atroz dos suplícios.

Um estudo sobre a morte voluntária fará ver que ela não salva ninguém da velhice, da doença, da miséria, da angústia

de uma perda, do opróbrio, da prisão, do carrasco, do algoz, da desonra ou da desgraça em qualquer de suas formas, antes decuplica ou centuplica toda a infelicidade por que passa o mísero, acrescentando-se à sua desdita os horrores do último instante e todas as dores físicas e morais que deram causa ao seu ato trágico.

Compreendendo que são necessários e imprescindíveis ao nosso resgate, fruto dos erros do passado, todos os nossos males, é preciso expiá-los, seja como for. É duríssima a prova planetária, mas necessária e ninguém lhe escapa.

Há atos convizinhos do suicídio: Assim é que o nosso patricio Silva Jardim, à imitação de Plínio, lembrou-se de espiar do cairel a cratera do Vesúvio e desapareceu no abismo. Vernet lembrou-se de pintar uma tempestade *au naturel*. Fez-se amarrar a um mastro e deu início ao quadro, porém uma onda mais forte levou-lhe a palheta, os pincéis, a tinta, o quadro, a ele e ao navio. Esqueceram-se do conselho, já do tempo de Plínio: *Prudentia ac virtus*.

## O ÚLTIMO GESTO

Não é despidiendo ver como se comportam, quanto aos gestos e aos últimos dizeres, os que estão fechando as portas da existência terrena:

Tito Flávio Vespasiano, imperador romano, estando para morrer, levantou-se do leito, e como os presentes se espantassem, declarou: "Um imperador deve morrer de pé".

Luís XVII achava-se muito mal. Com espanto de familiares e amigos continuou a andar e a ser visto. Disse-lhe d'Artois, seu irmão: "é preciso repousar" — ao que ele respondeu: "Um rei de França morre, mas não adocece". E morreu logo após.

Beethoven faleceu numa noite tempestuosa. A certa altura declarou: "Já posso ouvir". Levantou o braço como quem vai reger, parecendo, com este gesto — diz Alberto Montalvão — "lançar a última nota da sinfonia de sua existência".

O comandante Bento José de Carvalho, por ocasião do naufrágio da corveta D. Isabel, vendo que o navio se afundava, gritou em meio ao rugir do temporal: "A vida de um comandante naufragado é fardo que não se disputa ao mar".

Faz ele lembrar caso idêntico nas costas da Bahia, quando da derrota da esquadra holandesa. Adrião Pater, batido por

Dom Antônio de Oquendo, chefe da frota luso-espanhola, envolve-se em sua bandeira e se atira às ondas bradando: "O oceano é o único túmulo digno de um almirante batavo". Como ouviram isto, não se sabe.

Platão, depois de uma festa, declarou: "Agora vou descansar". Quando o foram despertar, estava morto.

Kant não receava a morte. "Espero-a impavidamente" — declarava ele. E esperou-a como um filósofo.

Muitos outros, que esgotaram sua vida trabalhando pelo progresso e por melhorar a vida de seus semelhantes, tiveram, intemoratos, suavidade na morte. Dizia Victor Hugo: "Amanhã já estarei trabalhando no Além". Edison: "Como tudo é belo do outro lado!". O grande cirurgião William Hunter: "Ah! Com que facilidade uma pessoa se extingue". Dwight Moody: "Vejo o Céu, não me prendam... a morte é bela!". Igual expressão saiu dos lábios de Scarron, que acrescentou: "Como é fácil morrer". Joana d'Arc, a grande heroína francesa, vítima da covardia de uns e do fanatismo de outros, esperou até o último momento a vitória que os seus guias lhe prenunciavam. Vieram os matadores, veio o poste, veio a fogueira. Desanimada e descrente, pela primeira vez, das promessas de seus assessores invisíveis, foi ao suplício. Mas, espantando os que presenciavam a cena, parecia indiferente às chamas que lhe envolviam o corpo, e em determinado momento, olhando para um ponto no espaço, exclamava: "Verdadeiro triunfo! É bem verdade o que as vozes me diziam!".

Contraste a tamanho esplendor foi a voz dolorosa de César, ao ser apunhalado por um dos entes a quem mais estimava: *Tu quoque Brutus fili mii...*

Felizes os que podem encarar serenamente a morte, como Sócrates, que dizia: "Em nova existência sentirei imenso prazer no convívio dos outros sábios; reunir-me-ei a outras tantas vítimas de julgamentos iníquos e, livre de vossas mãos, comparecerei diante daqueles a quem, com melhor direito, poderei chamar de juízes".

E com aquela imensa superioridade de espírito, acrescentava: "Não me fica no espírito qualquer ressentimento; nenhum ressaibo dos meus acusadores, apesar do seu firme propósito em condenar-me. Aproxima-se o termo em que nos devemos separar; vós para a vida, eu para a morte. Mas Deus sabe a quem reserva o melhor quinhão".

O que existe para além do túmulo tem sido um mistério indevassável. Alude-se à bem-aventurança de uns e à mal-aventurança de outros. Há a doce mansão dos beatos e a terrível morada dos réprobos. A religião cristã fala em sentença, justiça, ressurreição, na felicidade pela fé e boas ações, na desgraça pelas más ações e pela descrença. Tudo porém depende da aceitação do crente, da indiferença do cético, do motejo do obstinado. Nossa ignorância era traduzida nesta quadrinha:

On nait, on crie:  
Et c'est la vie;  
On crie, on sort:  
Et c'est la mort!

Resumia-se a vida nisto: nascer e gritar, gritar e morrer. Era a definição máxima, na menor síntese possível, da filosofia popular.

Fazia-se mister provar, entretanto, que a cortina já se vai levantando aos poucos, embora muitos se esforcem por mantê-la arriada. Conjugam-se duas potências a fim de que não sejam destruídos os seus postulados, e são elas a Religião e a Ciência. Parece o empenho de conservar a venda nos olhos da Humanidade, no propósito espantoso de impedir que ela veja as perspectivas que se abrem diante de si, trazendo-lhe a felicidade ou o infortúnio, conforme o caminho que tomar. Lembra-nos um trecho de Puchesse: "A imortalidade nos será o máximo objeto após a morte: Terríveis serão as conseqüências na gravidade do julgamento, na justiça da sentença, na medida da retribuição".<sup>(14)</sup>

Mas o que era simples ponto de fé vai-se concretizando nos fatos. E apesar de toda a barreira anteposta, vem-se trazendo à Ciência a demonstração, pelo fenômeno, de que o espírito é independente do corpo e lhe sobrevive; e à Religião se mostra pelo acervo de provas e pelo domínio da lógica que, se de um lado, o indivíduo sofre as conseqüências dos seus atos, do outro, depara-se uma nova e radiante aurora para aqueles que suportaram, com firmeza e sem quedas, os dolorosos rigores da existência.

Solange Lemaitre nos lembra que no *Veda* primitivo a morte consistia em um rito funerário acompanhado de fórmulas destinadas a impedir que o fantasma do defunto voltasse a perturbar os vivos.

(14) Baguenault de Puchesse. *A Imortalidade. A Morte e a Vida*. Trad. de C. C. Branco. Porto, 1869. Pág. 224.



Esses, pelo menos, tinham alguma prova de almas. O século atual já nos tem trazido alguma luz sobre tão nebuloso assunto. Parece que já se percebe um pouco de claridade. Dir-se-ia inspirado o autor de um monumento no Père Lachaise de Paris. Vêem-se ali uma escultura e figuras em alto relevo. Embaixo há um mulher que estende o braço sobre a frente de um casal e lê-se: "Aos que habitam o país das sombras uma luz resplandece".

Aliás, ao que parece, a luz que resplandece no chamado "país das sombras" é muito mais interessante e intensa do que aquela que bruxoleia no "país das luzes", porque se é certo que ninguém deseja morrer, mais certo ainda é que ninguém deseja voltar.

A vida não se apaga. E a morte é uma ilusão. Dizia Duarte Santos: "Uns olhos que se fecham, uma voz que se extingue, um corpo que se imobiliza, não são fenômenos que nos levem à certeza da morte total, porque a vida se agita em âmbitos mais vastos do que os cinqüenta ou sessenta anos de existência humana, durante os quais possamos estar na Terra. A vida é movimento, é série ininterrupta de ações e reações, de mortes e renascimentos que se exercem eternamente em linha ascensional". Como dizia Sócrates: "A vida nasce da morte e a morte nasce da vida".<sup>(15)</sup>

Os que sobrevivem de um desastre afirmam não ter experimentado qualquer sofrimento ao sentirem esvaír-se a vida. E outros lamentam não ter podido firmar o pé do outro lado, tal era o panorama que os esperava.

---

(15) Isidoro Duarte Santos. *Os Mortos Vivem*. Lisboa. Pág. 1.

## A MORTE NA LITERATURA

A morte tem sido essa paragem desconhecida, cheia de imprevistos, que enche de medo, preenhe de terrores. Dela falava o poeta como o porto imenso, nebuloso e sempre noite, chamado Eternidade.

Não há quem não a tema. O maior dos desgraçados não quer vê-la aproximar-se. Conta a fábula que mísero lenhador, fatigado das lutas da vida e a braços com a miséria, pede-a incessantemente. — Ó Morte! — repetia ele — vem buscar-me. E a morte veio. Ei-lo, porém, que se põe a tremer e lhe diz que a chamara para ajudá-lo a carregar a lenha. A fábula traduz verdadeiramente os nossos sentimentos quando pedimos à morte que venha bater-nos à porta. E dizia Homero na *Odisséia* que é ela o mais odiado dos deuses.

Chateaubriand no-la apresenta nos *Mártires* como um fantasma que surge na ombreira das portas inexoráveis. E prossegue: "Seu esqueleto deixa que raios lívidos de luz infernal lhe atravessem a cavidade dos ossos: orna-lhe a cabeça uma coroa vacilante; algumas vezes se enfeita com pedaços de púrpura e lã grossa, de que despoja tanto o rico como o indigente. Ora voa, ora se arrasta. Toma todas as formas, até as da beleza. Dir-se-ia surda, e ouve entretanto o menor ruído que a vida denuncia; parece cega e descobre o menor inseto a rastejar na erva. Com uma das mãos empunha uma foice como um segador, e com a outra oculta a única ferida que recebeu e que o Cristo vencedor lhe levou ao seio no cume do Gólgota. É o crime que abre as portas do Inferno e é a Morte que as fecha".

Interessante, embora custe admitir que o Cristo ferisse alguém, ainda mesmo a morte.

Tem sido o eterno mistério. Vemos vários oradores e vários cientistas falarem eloqüentemente da vida: nada lhes escapa sob o ponto de vista da Psicologia e da Fisiologia;

entram Biologia a dentro e dissertam sobre a Moral. Acompanham o corpo humano desde o primeiro vagido, ou mesmo antes, ainda na vida uterina; descrevem-no nas garridices da infância, nas aspirações da mocidade, nos trabalhos da maturidade, nos males e desilusões da velhice, até chegarem à borda da sepultura. Param aí. É o ponto final do conhecimento. E aí deixam uma lápide como aquela que se coloca sobre os despojos mortais.

Certo professor prometeu em aula aos discípulos que na próxima lição falaria sobre a morte. E na próxima lição estavam todos ansiosos pela fala do professor, quando ele se apresenta, solene, e declara: — Prometi-vos tratar da morte, mas a morte é tão triste que o melhor é não falarmos dela. — E não falou.

Ela não espera data para ceifar-nos. Aparece-nos assim nos primeiros como nos últimos anos da idade, na meninice ou na velhice. E destarte, dizia G. de Rezende, em "Miscelânea":

Vimos mortes apressadas  
e vidas mui encurtadas  
doenças não conhecidas,  
muitas canseiras nas vidas,  
poucas vidas descansadas.

Realmente, as vidas descansadas são difíceis de encontrar. E aqueles mesmos que supõem estar gozando a vida andam em tal agitação que é de se lhes lamentar o gozo. Este acha prazer no jogo de qualquer natureza e volta para o lar tendo no rosto os sinais de uma noite gasta e o desgosto do dinheiro perdido. Há também os jogos alegres, os jogos esportivos, onde se vai por divertimento. Quantos temos visto sair em bando, às vezes em tremenda algazarra, mas exuberantes de vida, numa alegria desmedida para ver o "jogo". O jogo é uma inofensiva partida de futebol, que esperaram a semana inteira. Mas o que eles chamam prazer é o gritarem e bracejarem durante duas horas, indisponem-se contra os "torcidas" contrários, acotovelarem-se e machucarem-se nos encontrões, rasgarem as roupas algumas vezes, descomporem juizes e jogadores e se descomporem mutuamente; na volta, correrem exaustiva e desabaladamente atrás de condução, e tornarem à casa moral e fisicamente deprimidos e maltratados, de "cabeça inchada" com a derrota do clube preferido, com o corpo quase sempre contundido no atropelo, nos empurrões, quando não nos socos e bofetões que nem sempre faltam

nas ocasiões oportunas; e chegam a penates depois de escorchados nos veículos, pois estes, nas nossas cidades populosas, dão-nos a impressão de lata de sardinhas com os peixes a espirrarem pelas frinchas. Foram divertir-se. Nem se sabe por que ficaram tão aborrecidos e desgostosos com o final da partida, visto que não perderiam nem ganhariam nada, qualquer que fosse o resultado do jogo. Nem sócios muitas vezes são de clube nenhum. No dia seguinte estão moídos, tristes, acabrunhados e com as algibeiras vazias. Divertiram-se.

Outros arruinam a saúde em situações piores e piores condições. Passam a noite em orgias, em bebedeiras, em maus contubérnios, e talvez se perca ali o que há de mais precioso, que é o tempo. E há o jogo.

Dizia-nos Ruy Barbosa, que juntava às suas excelsas qualidades intelectuais, grandes qualidades morais: “De todas as desgraças que penetram o homem pela algibeira e arruinam o caráter pela fortuna, a mais grave, sem dúvida, é essa: o jogo, o jogo na sua expressão mãe, o jogo na sua acepção pessoal, o jogo propriamente dito, numa palavra — o jogo dos naipes, os dados, a mesa verde”.

Todos os vícios encaminham o homem rapidamente à sepultura. Do fumo, dizia Cristóvão de Camargo: “Um rolo de erva seca; uma brasa numa ponta, um câncer na outra”. E quando a sepultura nos está à vista, já não há mais tempo para nada. Felizmente parece que só os sábios percebem o muito que têm a fazer em vida, e por isto lamentava o douto João Batista Ameghino, às portas da morte: “Que pena, eu que ainda tanto tenho que fazer”.

Esta paixão do jogo tem algo de misterioso, porque não se compreende vá o indivíduo ao pano verde, fique ali em contínuos sobressaltos, a perder a saúde, a perder a noite, a perder a paciência, a perder o tempo, com desgostos formidáveis a cada parada, e volte no dia seguinte para os mesmos desgostos, as mesmas inquietações e as mesmas perdas. Razão tinha Jacques Rousseau quando dizia: “Só concebo que um homem vá ao jogo: quando entre ele e a morte não houver mais que um escudo”. — “Je conçois qu’un homme aille au jeu: mais c’est lorsque entre lui et la mort il ne voit plus que son dernier écu”.

Para esses que esperdiçam, que estiolam a vida, a morte vem depressa. É como versejava Garrett em *Dona Branca*:

Entanto a morte, e para a ceifa crua,  
Co’ um pérfido sorriso a foice afia.

Ela se retardaria, se seguissem o conselho do Dr. Latamendi, médico do século XIX:

Usar de poucos remédios  
em vida bem ordenada,  
e ter presente o que segue  
não o esquecendo por nada:  
Comida, bem moderada,  
exercício e diversão,  
beber com moderação,  
sair ao campo e espriaiar,  
pouco encerro e muito ar...  
e contínua ocupação.

A raça já não acha suficiente que busque o homem o termo da vida nas dissipações, nas aflições morais que o assoberbam por culpa própria, e então se aniquilam em massa, nesse crime tenebroso que é a guerra. Esta se justificaria pela barbárie de épocas atrasadas. Assim se compreende a estrofe de J. A. de Macedo, no *Oriente*:

Do Pólo aquilonar onde agrilhoa  
Perpétuo inverno em gelo e estéril terra,  
Medonha nuvem de guerreiros voa,  
Que trazem por divisa a morte e a guerra:  
A voz do raio universal que soa  
A grande águia do Tibre as asas cerra  
E a cerviz que não fora ao jugo afeita  
Do feroz Alarico as leis aceita.

Os Alaricos se espalharam pelo mundo e as guerras não pararam mais. Lamartine descreve uma batalha e diz-nos no fim da estrofe:

Accourez maintenant amis, épouses, mères!  
Venez sur ces débris disputer aux vautours  
Venez compter vos fils, vos époux et vos frères;  
L'espoir de vos vieux ans, les fruits de vos amours...

“Vinde agora amigos, esposas e mães, vinde contar vossos filhos, vossos esposos e vossos irmãos; vinde, sobre estes despojos, disputar aos abutres a esperança de vossa velhice, o fruto de vossos amores”.

A idéia dos abutres leva-nos a uma narrativa do Dr. Johnson: “Um velho abutre dava lições e conselhos aos filhos e lhes dizia: — Vocês me viram arrebatat as aves domésticas, apañhar a lebrezinha no bosque e o cabrito no pasto; sabem como fixar as garras e como desprender o vôo com a presa, mas lembrem-se que o mais saboroso manjar é a carne humana.

— Mas onde pode ser encontrada — lhe perguntaram — desde que nunca trouxeste este alimento para o ninho?

“— Ele é muito pesado — replicou a progenitora — e quando encontramos um homem, só lhe podemos apanhar a carne.

“— E como consegues matá-lo? Por que poder é um abutre superior ao homem?

“— Não temos a força de um homem — disse a experimentada mãe — e estou em dúvida se lhe teremos a esperteza, mas se os abutres raramente se alimentam à custa dele é que a natureza não o estabeleceu para nosso uso. Infundiu-lhe, entretanto, uma estranha ferocidade, que nunca observei em outro ser. Dois bandos humanos muitas vezes se encontram e abalam a terra com o ruído e enchem a atmosfera de fogo. Quando ouvirem o ruído e virem o fogo irrompendo por todo o campo, apressem-se a todo o vôo de asas, porque os homens se estão destruindo sem dúvida nenhuma. Vocês hão de encontrar o terreno fumegando com sangue e coberto de carcassas já convenientemente desmembradas e despedaçadas em benefício dos abutres.

“— Mas — ainda perguntou um pequeno — por que o homem não come sua presa quando a mata?

“— O homem — explicou a progenitora — é o único animal que mata o seu semelhante e não o devora, e essa qualidade fá-lo merecedor de nossa gratidão. Assim, pois, quando virem os homens movimentando-se em grande número, como um bando de cegonhas, podem concluir que estão caçando e em breve se deleitarão em sangue humano.

“— Mas — insiste o abutrezinho — eu desejava saber a razão dessa mútua carnificina.

“— Isto eu não sei — respondeu-lhe a mãe. — Quando moça, visitava o ninho de um velho abutre que jazia nas rochas dos Carpatos. E a sua opinião era que os homens só tinham a aparência animal; que, por inexplicável poder, arre-messavam-se uns contra os outros até que perdiam o movimento e os abutres podiam comê-los. Alguns supõem ter observado orientação e polícia entre esses seres perniciosos (among these mischievous beings); e os que lhes têm voado mais próximo supõem que há, em cada facção, um que dirige o resto, e parece ser esse o que mais deliciosamente se compraz com a matança. O que o intitula a tal preeminência, não sabemos; ele é raramente o mais grosso ou o mais veloz, porém demonstra, por seu ardor e atividade, que, mais do que qualquer outro, é um amigo dos abutres (He shows by

his eagerness and dilligence that he is, more than any of the others, a friend of vultures)”.  
 Também outra sábia e prudente ave de rapina — como nos conta a História das Aves — dizia aos filhos, netos e amigos em torno: “Quando virem grandes massas humanas, armadas e ferozes, marchando umas contra outras, rejubilem e esperem. Um succulento banquete os aguarda”.

Essas conselheiras deviam ser aves sábias no seu meio. Tratando-se de descrições bélicas não poderíamos esquecer o nosso Camões:

Cabeças pelo campo vão saltando,  
 Braços, pernas, sem dono e sem sentido;  
 E doutros as entranhas palpitando,  
 Pálida a cor, o gesto amortecido.  
 Já perde o campo o exército nefando:  
 Correm rios do sangue desparzido,  
 Com que também do campo a dor se perde,  
 Tornado carmesi de branco e verde.

Interessante é que estas epopéias enchem muita gente de virilidade e ardor bélico. Ouvimos certa vez um orador flamante, que gritava: “Covarde é aquele que não deseja a guerra; infame quem não a ama!...”

O heroísmo consiste em deleitar-nos à vista daquelas cabeças saltantes, dos membros sem dono, das entranhas a palpitar, os rios a correrem, não de água, mas de sangue, enquanto o branco e verde das campinas se vão tornando avermelhados. Que infâmia não se gostar de uma coisa destas!...

Temos visto glorificados aqueles que apressam o nosso desencarne, os que envidam esforços para que seja grande o morticínio. Marechais, generais, grandes capitães, conquistadores, invasores, trucidadores têm as suas estátuas nas praças públicas, os seus nomes imortalizados no pincel e na pena. Há uma literatura imensa contando e cantando os seus feitos de glória. Os epinícios retumbam em nossos ouvidos como os petardos no peito dos adversários.

Não há negar que os homens vivem matando. Apesar de ser tão curta a vida, eles ainda buscam a morte. O grande mandamento do Cristo foi transformado no lema: “Odiai-vos uns aos outros”.

Dizia Jacolliot, falando pela boca dos povos: “Nós somos os budistas e os magos massacrados pelos brâmanes; nós somos os birmanos massacrados pelos budistas; nós somos os ama-

le citas, os amorreus, os saduceus degolados por ordem de Moisés; nós somos os hebreus dizimados pelos levitas... Somos as vítimas da Inquisição, os mártires das fogueiras de Espanha e de Roma... (Esqueceu injustamente Portugal)".

"Somos os valdenses, os albigenses, os protestantes de S. Bartolomeu, os Camisardos. Somos Savonarola e João Huss!".<sup>(16)</sup>

Poderia acrescentar, se vivesse mais um pouco: Nós somos os judeus, atormentados por todos os povos da Terra e supliciados por Hitler.

E a lista individual não teria fim, como as estrelas do Céu, se ele indicasse todos os mártires sacrificados ao fanatismo político, religioso e quaisquer outros, quando muitos deles procuravam esclarecer a Humanidade com as verdades científicas que descobriram, como Galileu que morreu no cárcere e na miséria, e Giordano Bruno, queimado no Campo das Flores, na Itália.

A história da Humanidade é uma seqüência ininterrupta de massacres: assírios, babilônios, persas, gregos, viviam em constantes lutas; depois, Alexandre avassala o Oriente, as águias romanas se espalham pelo Ocidente. Destroem Cartago. E foram os Césares, qual mais feroz, qual mais ridículo. E veio a invasão dos bárbaros. E houve Átila. E os asiáticos, ora com Gêngis-Cã, ora com Tamerlão, avassalam a terra como uma horda de demônios. E Carlos V e Filipe II; e o terrível Duque d'Alba, todos grandes matadores. E ainda o grande Napoleão, ou Napoleão o Grande, cantado em vários idiomas, que dizimou a mocidade européia, a da França inclusive, destruiu países, ganhou e perdeu batalhas, e constituiu-se com isto num herói mundial.

E tivemos em nossos dias a Primeira e a Segunda Grandes Guerras, fonte de um extermínio geral, de pessoas e de coisas, e, pávidos, esperamos a Terceira, que será o fim de todas as guerras, porque talvez seja o fim do Mundo. Os guerreiros irão talvez pelejar em outros rincões e seremos felizes se deles nos pudermos livrar nalgum ponto pacífico do Universo, onde Deus nos conserve por sua infinita misericórdia.

Valia a pena se indagasse a razão por que se engriponam essas ondas de furor, que estrondeiam sobre milhares de infelizes e rematam em morticínios incríveis.

Quando Máximo era imperador romano foram massacrados seis mil homens, porque não adoravam os deuses. Diocle-

---

16) Louis Jacolliot. *Le Fils de Dieu*. Pág. 40.



ciano sitia uma cidade cristã e a incendeiava com todos que lá estavam. E continuou assassinando. Durante sete anos foi tal a matança "que as espadas se embotaram". Os matadores já viviam exaustos com vida tão dura e trabalhosa. Avalia-se em quarenta mil os mortos na noite de S. Bartolomeu. Bavielle gloriava-se de só ele ter enviado *ad patres* uns doze mil hereges. Sob Carlos V e Filipe II o ferro e o fogo destruíram para mais de cinquenta mil holandeses. Há até quem julgue tal cifra bem mesquinha diante da realidade. Torquemada, mais modesto, segundo dizem os seus ardentes defensores, não foi além dos dez mil. Uma cifra maior é injustiça.

É isto que deve causar arrepios de entusiasmo nos mavórticos defensores da virilidade humana.

Dizia Chamfort que há duas classes sociais: os que têm mais comida que apetite e os que têm mais apetite que comida. Karl Marx devia ter traduzido o apotegma como a razão de todos os nossos males e deu como fonte de invasões e guerras a questão econômica. Não passaria essa calamidade de uma questão de barriga. Em busca de alimentos ia-se às terras dos outros.

Não há dúvida que, no princípio, era assim. As tribos deixavam ou transportavam os seus acampamentos para regiões onde parecia mais abundante a caça e a pesca, e daí as suas contínuas incursões. Hoje, porém, há motivos menos defensáveis. Há as guerras de religião, há as ideológicas, como as que estamos vendo, e as houve, sobretudo, por amor de glórias, grandezas, nome na História. Assim foram as de Alexandre até Napoleão. Assim foi a de Guilherme II, a de Hitler. Esses sujeitos eram ambiciosos de auréolas, de fama. Neles o megalômano predominava sobre o rapinante.

Em meio à procéla, há por vezes umas notas cômicas, como a ensinar-nos que a vida é um drama, produto de duas centelhas, como nos diz Victor Hugo — a tragédia e a comédia.

Existe no Museu Britânico uma carta dirigida a Anthony Panizzi. Este cidadão foi condenado à morte e muito prudentemente escapou-se para Londres. Lá recebeu uma conta do Governador que o condenara, intimando-o a pagar duas despesas que se fizeram inutilmente por sua causa — a da força e a do carrasco.

Não nos diz a história se o Panizzi pagou a dívida ou se preferiu entregar a cabeça ao cutelo.

O pior é que se vão aperfeiçoando os instrumentos de morte; ela se vai tornando mais rápida e cada vez engrossa

mais. Veja-se a distância que vai da bala de pedra, inaugurada na batalha de Aljubarrota, à bomba atômica que estreou em Hiroxima e Nagasáqui.

Os grandes invasores ou os guerreiros-chefes inventaram uma divisa para justificarem as suas investidas: o amor da pátria. Mas razão assistia a David Goldsburg, quando dizia: "Parece que o primeiro dever do soldado é morrer pela pátria. Erro grave. O primeiro dever do soldado é fazer que o inimigo morra pela sua".

Queremos crer que Pasteur se iludia quando supunha que a paz haveria de triunfar, que os povos se encontrariam para o progresso e não para a morte. Não é esse prenúncio que vemos, pelo menos por enquanto, nos horizontes do planeta. Da lembrança dos homens ilustres, aos que presumimos, haverá o triste consolo do epicédio que se encontra na Biblioteca da Sorbone: "Aqui os mortos vivem e os mudos revelam oráculos". — E Petrarca Maranhão parecia avisado, quando nos dava esta quadra:

O morto é etapa vencida  
De uma viagem singular.  
Lei imutável da vida  
Rio a correr para o mar.

E a guerra não tem sido até hoje mais que um fluxo constante, como a correr para uma fatalidade inexorável.

Raros procedem como Luís XIV com o inventor Poli. Este procurou o monarca e lhe disse que havia descoberto uma composição dez vezes superior à pólvora. O rei verificou que era autêntica a afirmativa do inventor, mas o despediu e recomendou-lhe que, pela honra da natureza humana e em seu benefício, nunca divulgasse o seu segredo.

Compare-se isto com a ânsia com que se procura hoje o segredo da bomba atômica, que já não é segredo.

Mas se a belicosidade é enaltecida, aqueles que no recesso dos laboratórios ou no leito dos doentes buscam salvar os corpos das dores que os cruciam e as vidas da morte que as espera, quando não sofrem como Semmelweis e como Pasteur os sarcasmos, a injúria e as perseguições dos seus coevos, vêem os acicates dos epigramas, ainda que muitas vezes por simples pilhéria.

Assim dizia um:

Vendo-o baixar à campã fria  
Um verme triste assim dizia:  
— Lá na cidade onde morava

Este doutor mais nos convinha:  
Cada receita que passava  
Era um defunto que nos vinha.

E outro:

Trata e cura qualquer louco  
O psiquiatra afamado:  
se de alienista tem pouco  
tem bastante de alienado.

Felizmente, algum mais consciencioso opunha uma réplica:

A medicina hoje em dia  
tristonha chegou a termo,  
sem que sequer um enfermo  
por gratidão a consagre;  
pois se um doente se trata  
por seu simples intermédio,  
quando morre é do remédio,  
quando escapa é por milagre.

Aquele mesmo Luís XIV perguntou a Molière: — Está contente com seu médico? — E este: — Sim, admiravelmente. Ele não lê os meus livros e eu não tomo os seus remédios.

Outros desses constantes maldizentes contava: “Eu chamo o médico porque o médico precisa viver, compro os remédios porque o farmacêutico precisa viver e ponho os medicamentos fora porque eu também preciso viver”.

Ainda a propósito de médicos e de medicina conviria lembrar o caso passado com André Rudigier, de Leipzig. Este cavalheiro, que se preparava para os estudos médicos, descobriu que o anagrama de seu nome — em latim Andrae Rudigierus — seria *Arare Rus Dei Dignus*, que significa — digno de lavar o campo do Senhor. A vista disto resolveu ele formar-se em Teologia. Mas o erudito Professor Thomasius foi a ele e lhe disse: “Estás muito enganado; o campo do Senhor é o cemitério, e quem o lava é o médico”. Diante dessa nova revelação, o teólogo passou a estudar Medicina.

Para justificar o título deste capítulo, perlustremos algumas poesias onde se fala da morte; umas quase tristes, outras muito tristes. A morte ainda é uma tristeza, visto que, deste lado da vida, dela conhecemos apenas a saudade. E a saudade, quando profunda, quando sincera, esmaece com o tempo, porém não se extingue.

Maria Bárbara era uma parda, pobre, bonita e honesta. Vivia assediada por um conquistador que, não conseguindo

que ela acesse aos seus galanteios, assassinou-a. Bento de Figueiredo Aranha dedicou-lhe então o seguinte soneto, soneto que poderia ser dela, se ela soubesse poetar:

Se acaso aqui topares, caminhante,  
Meu frio corpo já cadáver feito,  
Leva piedoso com sentido aspeito  
Esta nova ao esposo aflito, errante...

Diz-lhe como de ferro penetrante  
Me viste, por fiel, cravado o peito,  
Lacerado, insepulto, e já sujeito  
O tronco feio ao corvo altivolante:

Que dum monstro inumano, lhe declara,  
A mão cruel me trata desta sorte;  
Porém que alívio busque à dor amara,

Lembrando-se que teve uma consorte  
Que, por honra da fé que lhe jurara,  
À mancha conjugal prefere a morte.

Dor pungente é a impressão constante da pessoa querida nos objetos que deixou. O velho magistrado Cândido José de Araújo Viana, marquês de Sapucaí, tinha uma filha que adorava. Ela havia plantado um canteiro de violetas, mas quando as violetas desabrocharam, a menina já tinha baixado ao túmulo. O pai foi então levar-lhe à sepultura as primeiras flores do canteiro, e com elas as seguintes quadras:

Da planta que mais prezavas,  
Que era, filha, os teus amores,  
Venho de pranto orvalhadas  
Trazer-te as primeiras flores...

Em vez de afagar-te o seio,  
De enfeitar-te as lindas tranças,  
Perfumarão esta lousa  
Do jazigo em que descansas.

Já lhes falta aquele viço  
Que o teu desvelo lhes dava...  
Gelou-se a mão protetora  
Que tão fagueira as regava...

Desgraçadas violetas,  
A fim prematuro correm...  
Pobres flores... também sentem!  
Também de saudades morrem!

Essa dolente poesia faz lembrar os versos de Francisco Otaviano, também dedicados a uma filha morta. Tinha o título de "Flor do vale":

Ouviste um dia os cânticos do anjo?  
 Viste em seu rosto da beleza as cores?  
 E na manhã de doce Primavera  
 Flor do vale nascendo entre as mais flores?

Então pufo era o céu e verde o campo  
 E a vida alegremente lhe sorria;  
 Folgava em seu primor de mocidade  
 E nos braços de Deus adormecia.

E depois de mais quatro primorosas quadras terminava assim:

Quando voltou depois a Primavera  
 As florinhas e o campo vicejaram,  
 O vale fez-se verde, o céu sereno,  
 Mas os cantos do anjo não voltaram...

Eu lhes ouvi a voz harmoniosa,  
 Eu vi a flor do vale em seus verdores...  
 Hoje só ouço o murmurar do vento.  
 A flor do vale abandonou as flores!

Se as flores sentem a falta da benfeitora, a cujas mãozinhas devem a sua abotoadura, que dizer do órfão, que, ao abrir os olhos à luz da vida, já não tem o seio materno dos primeiros meses e o carinho de toda a sua existência? Foi esse sentimento que inspirou a Tobias Barreto os versos que levou ao túmulo de Hermínia de Araújo, morta aos dezoito anos, quando deu à luz o primeiro filho:

Teve a morte de uma santa,  
 Tendo a vida de uma flor!...  
 Eis aqui o que quisera  
 Que me explicásseis, Senhor!

Para provar que não somos  
 Todos mais que sombra e pó,  
 Será mister morrer moça  
 Deixando o filhinho só?...

Vós sabeis que há só no mundo  
 Um ente que nos quer bem,  
 É nossa mãe — ela morre,  
 E o órfão grita... por quem?...

Ora, Senhor!... perdoai-me,  
 Não compreendo isto assim:

Viver e morrer tão cedo,  
Sem um mister, sem um fim;

Passar como uma aura leve,  
Ou como um sonho de amor,  
Ter a morte de uma santa,  
Tendo a vida de uma flor.

Um dos mais conhecidos episódios de amor e mais trágicos de morte é o de Inês de Castro, tão decantado no poema de Camões:

Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo o doce fruto  
Naquele engano da alma, ledo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito...

Mas o Príncipe por ela se apaixonava e...

Tu só, tu, puro amor, com força crua  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.

É que o Príncipe "de outras belas senhoras e Princesas os desejados tálamos enjeita". Isto causa rancores ao povo, os quais se estendem ao "velho pai sisudo", que respeita o murmurar do povo e se aziúma com a "fantasia do filho, que casar-se não queria". E então "tirar Inês ao mundo determina".

Nada adiantou que ela alevantasse para o céu cristalino os olhos piedosos cheios de lágrimas. Nem que clamasse:

Ó tu que tens de humano o gesto e o peito  
(Se de humano é matar uma donzela  
Fraca e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencê-la)  
A estas criancinhas tem respeito...

Não tiveram porém respeito a coisa alguma, e os brutos matadores:

No colo de alabastro, que sustinha  
As obras com que amor matou de amores  
Aquele que depois a fez Rainha,  
As espadas banhando e as brancas flores  
Que ela dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam fêrvidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.

E o castigo veio terrível. "Não correu muito tempo que a vingança não visse Pedro das mortais feridas..."

A morta foi posta no trono e os algozes tiveram que vir beijar-lhe a mão. E depois pagaram todo o mal feito àquela que "assim como a bonina, cortada antes do tempo foi, cândida e bela". O épico parou por aqui.

Não poderemos esquecer, a propósito deste caso, o soneto que o nosso patricio, o pernambucano José da Natividade Saldanha, dedicou à vítima daquelas brutas feras:

À sombra deste cedro venerando  
Momentos mil gozaste encantadores...  
Aqui mesmo sentado entre os verdores  
Te achou mil vezes Pedro suspirando...

Parece-me que estou inda escutando  
Teus suspiros, teus ais, e teus clamores...  
Parece-me que a fonte dos Amores  
Inda está de queixosa murmurando!...

Aqui viveu Inês!... E reclinada  
À borda desta fonte clara e pura,  
Foi, que horrível memória! transpassada!

Mortais, gemei de mágoa e de ternura;  
Nesta rara beleza, não manchada,  
Foi culpa amor, foi crime a formosura...

Há outras mortes mais suaves; pelo menos não produzem lágrimas, senão, quando muito, suspiros. É o que vemos no soneto de Francisco Moniz Barreto, tanto mais de admirar quanto se trata de uma glosa e, segundo se diz, feita de improviso. Nada fica a dever aos de Manuel Maria Barbosa du Bocage e mesmo aos de Camões. Ei-lo:

Ver... e do que se vê logo abrasado  
Sentir o coração de um fogo ardente.  
De prazer um suspiro de repente  
Exalar, e após ele um ai magoados;

Aquilo que não foi inda logrado,  
Nem o será, talvez, lograr na mente;  
Do rosto a cor mudar continuamente,  
Ser feliz e ser logo desgraçado;

Desejar tanto mais quão mais se prive;  
Calmar o ardor que pelas veias corre,  
Já querer, já buscar que ele se ative;

O que isto é a todos nós ocorre;  
— Isto é amor e deste amor se vive,  
Isto é amor e deste amor se morre.

O padre Antônio Vieira, em seus admiráveis *Sermões*, apresenta-nos vários trechos em que se refere à morte: "A morte tem duas portas: uma porta de vidro por onde se sai da vida; outra porta de diamante, por onde se entra à eternidade. Entre estas duas portas se acha subitamente um homem no instante da morte sem poder tornar atrás, nem parar, nem fugir, nem dilatar, senão entrar por onde não sabe e para sempre" (Sermão em Roma, 1670. 1-2-33).

Grandes verdades, a não ser essa entrada "para sempre".

Aqui compara ele a vida da árvore à vida do homem: "Na árvore, enquanto lhe dura a vida ou a verdura, tudo são galas, tudo pompa, tudo novidade. Morre finalmente a árvore e daquele corpo tão formoso e vário que vestiam as folhas, que guarneciam as flores, que enriqueciam os frutos, não se vê mais que um cadáver seco, triste e destroncado. Nestes despojos de tudo que tinha sido, presa ainda pelas raízes e sustentando-se na terra, mas não da terra, espera a árvore em pé a última caída; e esta é a segunda morte com que de todo acaba. Assim há de morrer duas vezes quem quer morrer bem. Quantas Primaveras têm passado por nós, quantos Verões e quantos Outonos, e pode ser que com menos frutos que folhas e flores! O que fazem os anos nas árvores, bem o puderam já ter feito em muitos de nós os mesmos anos. E é bem que a razão e o desengano o faça em todos, pois são mais fracas as nossas raízes. Esperemos mortos pela morte; e esperemo-la em pé antes que ela nos deite na sepultura" (1-3.º-39).

"Quanto melhor conselho fora acabar antes da morte os anos que viveste para o remédio, que continuar depois da morte os anos que não viveste para o castigo" (1-3.º-47).

Depois deste salutar aviso, um ensino que está a entrar pelos olhos: "O homem não é composto de uma só substância, mas composto de duas: corpo e alma, carne e espírito... A morte que tanto tememos deve ser a amada, e a vida que tanto amamos deve ser a temida" (1-4.º-63, 65).

De fato, na vida é que caímos, que erramos, que pecamos. A morte deve ser o refrigério, depois de uma existência tumultuosa. Continuemos a ouvir o grande Sacerdote: "O morto, quando o levam à sepultura pelas mesmas ruas por onde passeava arrogante, tão contente vai envolto em uma mortalha velha e rota, como se fora vestido de púrpura ou brocado. Chegado à sepultura, tão satisfeito está com sete pés de terra, como com os mausoléus de Cária ou as pirâmides do Egito.



Pois se então tão pouca diferença hás de fazer da riqueza ou pobreza das roupas, por que agora te desvaneces tanto e gastas o que não tens na vaidade das galas? Pois, se então hás de caber em uma cova estreita, por que agora te não metes entre quatro paredes, e procuras a largueza da morada tanto maior que a do morador, e invejas a ostentação e magnificência dos palácios? Ainda resta por te dizer o que mais me escandaliza. Se quando estás debaixo da terra, todos passam por cima de ti e te pisam, e te não alteras por te ver debaixo dos pés de todos; agora que és o mesmo e não outro, por que te ensoberbeces, por que te iras, por que te inchas e enches de cólera, de raiva, de furor; e a qualquer sombra ou suspeita de menos veneração e respeito, o queres vingar não menos que com o sangue e a morte?" (1-4.º-67).

Ensino é este de grande filosofia, embora o ser não esteja ali, em rota mortalha, em cova estreita, sob os pés dos que passam. Nem por isto deixa de ser bela a imagem apresentada. Aquele que pompeava entre as galas do mundo, orgulhoso na elegância do porte, no esplendor das vestes, nas zumbaias dos coevos, ali jaz, despido de tudo isso, vendo talvez desfazer-se em pó e lama tudo o que era a sua glória.

Continuemos a folhear o vasto repertório: "A sepultura chamou Davi discretamente terra do esquecimento: *Terra oblivionis*. E que terra há que não seja a terra do esquecimento, se vos passastes a outra terra?" (1-29.º-532).

O texto está a lembrar-nos a frase com que os franceses mostram a rapidez desse esquecimento: — "Les morts vont vite". — E quantas vezes não vê o Espírito, cheio de profunda mágoa, a presteza com que ele se apaga da lembrança daqueles que supunha amicíssimos, assim pelas curvaturas como pelas demonstrações de estima?!

"A morte do corpo consiste na separação com que a alma, que é a vida do corpo, se aparta do corpo; a morte da alma consiste na separação com que Deus, que é a vida da alma, se aparta da alma. A separação da alma com que morre o corpo, fá-la a febre ou a espada, a separação de Deus, com que morre a alma, fá-la só o pecado" (11-5.º-99).

Do mesmo gênero é o texto seguinte: "A morte mata o corpo que é mortal; o pecado mata a alma que é imortal. Os estragos que faz a morte no corpo, consome-os em poucos dias a terra; os estragos que faz o pecado na alma não basta uma eternidade para os consumir o fogo. E sendo sobre todo o excesso de comparação tanto mais para temer a morte da alma

que a do corpo; e tanto mais para amar e para estimar a vida espiritual e eterna que a vida temporal, em que fé e em que juízo cabe que pela vida e saúde do corpo se façam tão extraordinários extremos e que da vida e saúde da alma se faça tão pouco caso?" (111-12.º-181).

Também serão consumidos os pecados da alma. Mas que trabalhos e penas para os consumir! A única diferença entre a realidade e o texto é a eternidade, que não existe, para as agonias do Espírito. "Questão foi muito duvidosa entre os antigos, qual dia desta vida era mais feliz; se o primeiro, se o último; se o dia do nascimento, se o da morte. Daqui veio que, segundo várias gentes, várias opiniões, umas se alegravam nos nascimentos, outras os celebravam com lágrimas; umas se entristeciam nas mortes, outras as solenizavam com festas. Chegou finalmente a dúvida ao tribunal do rei Salomão, o qual inclinando-se à parte que parecia menos provável resolveu que melhor é o dia da morte, que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die nativitatis*" (IV-7-7.º-113).

Finalmente: "Padecem as virtudes debaixo dos aparatos e resplendores da majestade o mesmo que as estrelas debaixo dos raios do sol; de dia estão encobertas e não se vêem: mas tanto que o sol se meteu em o ocaso, então se vê e se observa com admiração e sem-número o que antes não se via nem se contava. Estes são os efeitos da morte. Lá disse o poeta: *Mors sola fatetur quantula sint hominum corpuscula*. O que cobre a terra mostra quão pequenos são os corpos; o que descobre o céu, quão grandes são as almas" (IV-25.º-463).

Estes excertos cobrem algumas páginas; nem eles nem elas se perdem, porque à lucidez do pensador se alia a linguagem do clássico. E aí é tudo para admirar, tanto esta como aquela, por maneira que não julgamos inúteis o tempo que expendemos e a transcrição que fizemos.

Mas tantos que temem a morte e choram o morto, se mergulharem o olhar para os mistérios do Além, verão que a morte não existe. Não há por que chorar quando a separação é passageira, embora a saudade seja um acúleo doloroso.

As religiões dão-nos a esperança da sobrevivência. Assim escrevia um escritor católico: "Se o homem nada esperasse da morte, à medida que se avizinhasse dela, que triste olhar poria sobre seu corpo que vai dissolver-se, sobre os anos idos que mais não podem tornar. Que triste adeus diria a seus pensamentos, que já são os últimos, a seus projetos

que não podem mais renovar-se, a seus parentes e amigos que o deixam, não mais há de vê-los! Chagas crudelíssimas e insanáveis do coração, a não ser que a morte as cure”.

A vida é um constante sobressalto. “Neste mundo toda a carne tem seu agulhão, toda a flor seu espinho, todo o fruto seu azedume.” A sobrevivência é o fim desses males, é a esperança.

Do que nos davam pálida idéia, veio convencer-nos o Psiquismo. A morte não é o fim, é o resgate de nossas dores. Já não diremos com La Rochefoucauld — “que ela não pode ser olhada fixamente”. — O justo pode encará-la e a sua serenidade pode ser comprovada até na expressão do corpo frio que, muitas vezes, nem a beleza apaga.

Petrarca exclamou diante do cadáver de Laura: *Morte bela pareia nel suo bel viso*. E o nosso patrício José Basílio da Gama, no poema *Uruguai*, dizia de Lindóia: “Tanto era bela no seu rosto a morte”.

## A MORTE E OS ANIMAIS

Uma demonstração do atraso planetário, além de outras, é o nos alimentarmos de animais. Vivemos à custa de outras vidas. Para nossa satisfação causamos dores, agonias e vítimas. Tratando de animais, ninguém se importa, como antigamente ninguém se importava com o sofrimento dos escravos, e ainda hoje o que está bem na vida não julga merecer muita atenção o que está mal. Entretanto, o animal é um ser quase como nós, que ama, que sente, que se entristece, que se alegra, que ri, que chora, que tem saudades e que sofre.

Não iremos perder tempo em narrar o que têm padecido estes seres indefesos na mão do homem e à sua discricção. Maltrata-os como entende, fustiga-os à vontade, serve-se do seu préstimo como lhe apraz, sem lhes considerar a fadiga, o exaurimento, o mal-estar, a doença, a sede e a fome. Não há festa sem uma hecatombe. Já diz o prólogo: “Adoeça quem adoecer, quem primeiro morre é a galinha”.

Um dia de alegria, de felicidade, de regozijo num lar, numa cidade, num país, um dia de comemoração, mesmo do Cristo, como no dia de Natal, significa uma conseqüente matança de animais. O sangue e o vinho se misturam para o congraçamento das almas e dos corpos.

Dizia Ovídio nas *Metamorfoses*: “Matais os animais nocivos porém não os devoreis”. Nem estes, achava ele, deviam ser devorados. E nós matamos e ingerimos, precisamente, os mais pacíficos e úteis, aqueles aos quais, muitas vezes, havia pouco, fazíamos festas, a quem acariciávamos — carneiros, cabritos, bacorinhos, aves, sem já falar nos gatos, que tantas vezes têm passado por lebre. Apanhamos para a faca, com a maior indiferença, os que vinham, como muitos animais domésticos, buscar alimento em nossas mãos, com a simplicidade e a confiança do protegido pelo protetor. Levamos ao matadouro aqueles que nos serviam no trato da vida como o boi, ou forneciam o alimento aos nossos filhos como

a vaca e a cabra. Vamos abater o pássaro no seu ninho ou na liberdade de seu vôo, ou vamos surpreender o animal na floresta e desentocá-lo de seu esconderijo. Quando não o atacam, ferem e matam após uma feroz perseguição, onde o animal só acha o fim com a morte, depois do suplício de uma desabalada carreira, por montes e vales, tomado de terror, espavorido, tendo atrás de si uma terrível matilha de cães, tão ferozes como os homens que os acossam. E tudo isso por mero divertimento.

A caçada, como o boxe, como a tourada, como uma luta-livre, como uma rinha, são os maiores prazeres de nossa raça. Dir-se-ia uma eterna sede de sangue e de sofrimento alheio.

Bossuet, nos *Discursos*, lamentava tivessem os homens passado a usar a violência para se nutrirem, e admira-se do sangue que se derrama. Para ele são ridículos os expedientes que usamos, a fim de disfarçar o aspecto dos cadáveres de que nos alimentamos. Voltaire lembra o cheiro nauseabundo dessa alimentação. Diderot pensa no morticínio praticado cotidianamente. Rousseau acha-o estúpido, porque os homens do campo, vivendo de vegetais, é que gozam mais saúde.

Dujardin-Beaumetz, esse sábio benemérito, afirmava que o homem foi feito para viver de frutos, raízes, legumes — vegetais, enfim. Esse regime é que é a base da higiene, da terapêutica, da vida.

Velhos documentos nos dizem que a construção das pirâmides foi devida ao regime vegetariano a que eram submetidos os operários, e daí a enorme resistência deles. Só para a compra de cebolas gastaram-se nove toneladas de ouro.

Na *Revue des Revues*, Paris, nov. 1903, dizia o Dr. Cabanès que, para conseguir beleza, força e saúde era necessário o regime vegetariano. Afirmava que os povos antigos se abstinham dos alimentos de carne. Na China, no antigo Egito, entre os gregos, para os efeitos da plástica, só se usava o alimento vegetal. Os atletas sustentavam-se de frutas, queijo, pão e massas. É lendário o caldo dos espartanos.

A vitória de Salamina e Maratona — declara Bonnejoy — foi devida à frugalidade dos guerreiros gregos. Os discípulos de Pitágoras viviam de frutas, queijos, legumes, mel e pão. Platão proibia a carne aos seus prosélitos, sendo o primeiro a dar o exemplo. Na Escola de Alexandria repudiava-se “o regime dos lobos e dos abutres”.

Michelet estranhava que as mães deixassem alimentar os filhos com carne e sangue, "regime que enerva e enfraquece". Nexton indagava, pasmado: "De onde virá esse frenesi de sangue e de chacina?...".

É de autor nosso estas frases candentes: "Tem é certo este regime vivido em crise permanente, porque viciosos e maus, sem argumentos, o têm combatido. Porém, graças ao acordar vibrante das coletividades vegetarianas, os semblantes irritados dos críticos retrocedem, gélidos de morte, porque a vida dos povos pelo vegetarianismo já evoca fisionomias que se sacodem das marteladas da depravação e da velha condição de cadáveres animados pelo rumor das convenções".<sup>(17)</sup>

Numa conferência, dizia um estudioso do assunto: "As moléculas da carne são fixas e gastas, enquanto as moléculas das sementes e das frutas, carregadas de energia calorífica, têm afinidades químicas a satisfazer.

"As más digestões, a insônia, são sempre conseqüências de um mau regime alimentar, no qual predominem os ácidos animais, os produtos da decomposição, cadavérica, as ptomaiñas e outras toxinas microbianas.

"O uso e abuso das carnes enegrecem e alteram os dentes, é a boa dentadura faz os bons cabelos. O regime da fruta conserva a voz muitas vezes perdida pela carne e pelo álcool.

"Pode dizer-se que o ácido úrico, resíduo fatal do carnivorismo, é o maior inimigo da humanidade, como o artritis-mo, o mal de Bright, as nefrites, a gota, as doenças de fígado, o reumatismo, a albuminúria, o cancro, o alcoolismo, as doenças do estômago, a arteriosclerose, são devidas ao carnivorismo inveterado".<sup>(18)</sup>

Ralf Rose era um atleta, o Hércules do século XX. Vinha gente de fora para vê-lo comer, tanto ele comia. Mas comia carne e morreu moço, superalimentado. Foi o que sucedeu com Milon, outro Hércules, que viveu antes do Cristo. Matou um boi com um soco e o devorou. Logo após devorava-o a Parca. Em compensação, Cornaro, célebre por sua sobriedade e seu regime vegetariano, passou dos cem anos de idade.

E por isto João de Vasconcelos nos afirma: "Vai-se arrai-gando em meu espírito a indestrutível convicção de que os regimes alimentares que excluem os tóxicos, como a carne, e os excitantes, como o álcool, são os meios incontestavelmen-

(17) V. Vieira. *O Vegetariano*. V. 5, pág. 55.

(18) Comte. Cícero Bernardino dos Santos. Conf. no *Jorn. do Com.* em 7-12-1913.

te eficazes para a cura das doenças, crônicas ou agudas". (19)

Poderíamos ir longe. O que aqui fica é um apagado protesto, uma vez que se trata de morte, a favor desses desprotegidos que se acham à nossa mercê, e que, por fatalidade que desconhecemos, vieram cair em mãos humanas, e mãos humanas de nosso planeta que, se não é o pior, é um dos piores do infinito rebanho de orbes que viajam por esses espaços sem-fim.

---

(19) Dr. J. de Vasconcelos. *Uma Cura Extraordinária*. 1914.

## A MORTE NAS RELIGIÕES

Parece que na época quaternária, no chamado período paleolítico, os homens não tinham a menor idéa da immortalidade; é o que se supõe pelo pouco interesse que davam aos mortos, pois as suas ossadas se encontravam em qualquer parte, de envolta com as dos animais, sem que houvesse vestígios de sepulturas. E quando não havia cuidado com o corpo, sinal era que não se cuidava muito da alma.

Diz-se que o receio da morte fez que os homens criassem ou imaginassem uma vida futura, que seria a continuação desta. E o medo, perante as forças revoltas da natureza, incutiu na mente humana a idéa da Divindade e de uma outra vida.

O erro é patente diante dos conhecimentos atuais. Os novos estudos antropológicos modificaram aquele parecer. A verdade é que o selvagem, habituado às agrestias da natureza, não podia temê-las. Ele vivia familiarizado com as intempéries, andava no convívio das tempestades, neves, tufões, relâmpagos; os meteoros surpreendiam-no de céu aberto. Suas moradas pouco ou fraco abrigo lhe proporcionavam, e o perigo, quando é constante, faz que nos habituemos a ele; e então o afrontamos impavidamente. Logo, é insuficiente a teoria do medo como gênese da crença da immortalidade e comunicabilidade de Espíritos, teoria com a qual os cétricos procuram amparar a doutrina que nos apresentam.

A sobrevivência, com algumas de suas conseqüências, foi trazida ao homem primitivo, como ainda é dada aos povos selvagens ou semibárbaros, pelos fenômenos que hoje chamamos de psíquicos ou metapsíquicos, ou parapsíquicos, os quais já começamos a estudar, ainda receosos de uma palavra assustadora — a superstição —, e cheios de ressaibo pelo sorriso de mofa que afiora aos lábios do insciente, mas cõscio de si, quando se trata de tal assunto.



Entre aqueles fenômenos verificavam-se o sonho premonitório, os avisos, as visões, audições, sensações, além de outros casos extraordinários, talvez de maior vulto.

Vendo um fantasma, o indivíduo passava a crer que havia fantasmas. E estes, como ainda hoje, numa desorientadora teimosia, apresentavam-se como pessoas falecidas. É desconcertante, mas é claro que a tais manifestações se ligasse a idéia da sobrevivência.

Antropólogos, arqueólogos, exploradores, desbravadores, excursionistas, sociólogos, todos os que estudaram os povos primitivos, que entraram em contato com os povos selvagens, os que desbravaram os sertões destas chamadas terras ignotas, são contestes no assegurar que naquelas raças e povos havia a convicção da existência de almas e de sua comunicação com os vivos. Daí, desse fato consueto, nasceram as antigas religiões.

Brinton deciarava que os mais rudimentares religiosos crêem em Espíritos. <sup>(20)</sup>

George Bureau escreve: "Todo o sistema eficiente e coerente da religião na pré-História e nas sociedades primitivas é baseado na comunicação e na participação dos Espíritos". <sup>(21)</sup>

Mais tarde, como nos tempos modernos, já eram os vivos que elucidavam os mortos: "Desde a Alta Idade Média o budismo tibetano codificou um conjunto de experiências tendo por fim entrar em relação com a entidade que acaba de se afastar da Terra e ajudá-la a orientar-se no caminho da salvação". <sup>(22)</sup>

Lemaitre ensina: "A crença na sobrevivência da alma tem estado tão universalmente espalhada na origem das civilizações, que não se possui nenhuma prova de um povo que não tenha, de modo mais ou menos rudimentar, aderido a esta fé". <sup>(23)</sup>

Há muita galhofa porque os Espíritos aparecem vestidos aos olhos dos videntes. E tais como eram. E trajam conforme a época em que viveram. Nota ainda Lemaitre que o fato é observado de tempos remotos: "Desde as mais longínquas inscrições das pirâmides do Egito até à mais recente história das almas do outro mundo — 'la plus récente histoire de

---

(20) Brinton, *Religions of Primitive Peoples*. Pág. 50.

(21) George Bureau, *Mors et Vita*. Pág. 29.

(22) G. Bureau, *Obr. cit.* Pág. 40.

(23) Solange Lemaitre, *Le Mystère de la Mort*. Págs. 5 e 7.

rèvenants' — não há um testemunho que não certifique que os Espíritos conservam a aparência do que eram em vida".<sup>(24)</sup>

Era por isto que, depois das batalhas, o vencedor mutilava os cadáveres para enfeiar o fantasma.

Já Lombroso ensinava que em todos os tempos e povos é viva a crença em algo de invisível que sobrevive à morte do corpo e que pode manifestar-se aos nossos sentidos.<sup>(25)</sup>

Bozzano, depois de citar vários antropologistas e sociólogos, declarava: "Basta consultar a obra de eminentes autores para verificar que todos reconhecem, de comum acordo, que a crença na sobrevivência do Espírito humano é universal".<sup>(26)</sup>

Muitos interpretavam as aparições a seu modo, e como o caso era insólito, entregavam-se essas atrasadas criaturas a práticas extravagantes, tinham idéias ainda mais extravagantes que as práticas, tudo de acordo com suas mentalidades infantis. Diante dos fenômenos objetivos acreditavam que as coisas eram animadas de vida. Tal lhes deveria ser a interpretação naquilo que denominamos atualmente levitação, transporte, ruídos, abalos físicos, luzes, desordem mobiliária nos casos de infestação. E daí nasceria o animismo, o fetiche, o fetichismo, o candomblé, e tantas seitas, práticas e cerimônias que perduram em nossos tempos, em nossa civilização, em nossa terra.

Destarte, criaram-se os espíritos do céu, da terra, dos mares, do fogo, das doenças, como na China. Eram tantos os Espíritos como os deuses do Paganismo. Havia na Caldéia os da sombra, da luz, do bem e do mal.

Pitágoras cria ouvir a voz de um demônio no retinir do bronze. Aristóteles e Platão viam nos movimentos dos objetos efeitos de uma alma. Os presumidos de saber riem-se desses filósofos, mas os tempos passam, mudam, evoluem as coisas e as pessoas, e os objetos continuam a mover-se sem impulso visível. É que os Espíritos falam, nesse movimento de objetos, como especialmente no caso das mesas-girantes. São as mesas que dizem tratar-se de Espíritos.

Crawford, o lente de Mecânica em Belfast, via no fenômeno o efeito de uma "alavanca psíquica", sendo a energia derivada de um espírito desencarnado.<sup>(27)</sup>

---

(24) Solange Lemaitre. Obra cit. Pág. 12.

(25) Cesare Lombroso. *Ricerchi sui Fenomeni Ipnotici e Spiritici*. Torino, 1909. Pág. 273.

(26) Ernesto Bozzano. *Delle Manifestazioni tra i Popoli Selvaggi*. Roma, 1926. Pág. 5.

(27) W. J. Crawford. *The Reality of Psychic Phenomena*.

Os antigos e principalmente os selvagens acreditavam que os Espíritos, logo após deixarem o corpo, vagavam junto aos lugares em que viveram; costumavam andar também por perto das antigas sepulturas até que se afastavam ou desapareciam. Ainda hoje os videntes percebem Espíritos, necessariamente atrasados, junto às respectivas covas.

Conforme os ensinamentos trazidos a Allan Kardec, espíritos faltosos, incultos ou pouco esclarecidos, ficam como que presos às suas antigas moradas, freqüentam os lugares habituais, supõem-se vivos, entregam-se a ocupações que tinham em vida. Os viciados, os criminosos, sentem invencível atração pelos lugares onde jazem seus despojos mortais e costumam perambular junto às sepulturas.

Um observador, despido de preconceitos, que fizesse o estudo comparativo dos ensinamentos atuais com as narrativas dos antigos, verificaria por aqueles e por estas que algo de verdade deveria existir em certos fatos psíquicos, pois que seriam impossíveis as mesmas idéias, as mesmas práticas ou os mesmos casos através dos tempos, por mera coincidência.

Já afirmava Lemaitre: “Apesar da confusão muitas vezes extrema das superstições populares, a mesma idéia se impõe por toda a parte e sempre: depois da morte, a alma invisível erra por algum tempo na vizinhança de sua morada ou da sepultura antes de alcançar a cidade das almas. Nenhuma crença mais antiga e mais generalizada. — ‘Nulle croyance plus ancienne et plus générale’ ”. <sup>(28)</sup>

O mesmo autor nos diz que essas almas, por vezes, atenuavam os vivos, e estes, temendo-lhes a nefasta influência, criaram então a magia para se defenderem.

“Os homens primitivos — escrevia George Bureau — sempre tiveram medo dos mortos. E se tinham medo, alguma razão havia para isso.” O mesmo autor faz-nos ver que as referências ao Além nos livros antigos são o resultado de experiência milenar. Assim escreve: “O que nos dizem os livros sagrados chineses ou o *Livro dos Mortos*, egípcio, sobre a existência do além-túmulo, deve ser considerado como os traços de múltiplas experiências, de experiências milenárias, — a Sabedoria como o resultado de inumeráveis testemunhos pessoais, desaparecidos no esquecimento”. <sup>(29)</sup>

(28) Solange Lemaitre. *Le Mystère de la Mort*. Paris, 1943. Pág. 11.

(29) George Bureau. *Mors et Vita — Petite histoire de la communion des vivants avec les morts*. Pág. 35.

Cristóvão Colombo achou na América a doutrina da imortalidade. Os incas acreditavam na felicidade dos bons e desgraça dos maus. <sup>(30)</sup>

Crongton afirma que a crença na vida futura se acha espalhada em toda a África. <sup>(31)</sup>

Escrevia Plutarco que os mais remotos legisladores da Grécia — Triptólemo, Zaleuco, Minos, Radamante, Lycurgo, Carondas e Sólon fundamentaram suas leis no dogma da imortalidade, de que necessariamente deriva o da recompensa dos bons e castigo dos maus. <sup>(32)</sup>

Os assírios supunham a alma em modorra ou amortecimento até que despertavam para o Kernondé, local pouco invejável como futura morada, e que se devia parecer muito com o Inferno. Dos justos pouco se fala, o que é natural, pois que eles já são poucos atualmente, e em tão remota época deveriam ser raríssimos ou inexistentes.

O Bramanismo e o Budismo já nos orientam com mais precisão sobre a vida futura, embora o neguem os desconhecedores dessas religiões. As antiquíssimas leis de Manu referem-se à metempsicose: as almas dos maus reencarnam e sofrem na vida animal as malfetorias praticadas na vida humana.

Buda apresenta idéias mais adiantadas e com semblante idêntico ao das atuais doutrinas dos Espíritos. O Espírito é submetido à roda das encarnações. Esta vai ao Espaço para onde leva a alma, e com ela volta, se ainda necessita ela das provas terrenas. Aqui, no chão do planeta, como que mergulha num banho purificador, onde os ensinamentos de um lado e as dores do outro fazem o efeito da água lustral; e ela, a alma em evolução, continua nessa roda gigante, até que, liberta do sofrimento pela extinção do desejo, das idéias impuras e do sentimento do mal, entra definitivamente no Nirvana.

Correspondendo ao Nirvana, é a paz de que falava o Cristo: "Eu vos dou a paz. Não a dou como o mundo a dá" (João, XIV, 27). É enfim a Felicidade, despido o Espírito, por completo, dos laços planetários.

Heródoto dizia-nos da imortalidade e transmigração das almas. E desde então já se aludia a recompensas e castigos futuros, conforme o comportamento da criatura.

(30) Robertson. *Histoire d'Amerique*.

(31) *Revue des Deux Mondes*. 15-12-1860.

(32) Bagnenault de Puchesse. *A Imortalidade*. Trad. de C. C. Branco. Pág. 102.

É interessante afirmar-se que no Antigo Celeste Império não havia a idéia de sobrevivência e o culto dos mortos era uma espécie de veneração. Mas onde há veneração pelos mortos com oferendas e até a deposição de alimentos nos túmulos, como no antigo Egito, há idéia de sobrevivência.

Confúcio parecia preocupar-se mais com o procedimento dos homens e a vida na Terra. A alguém que lhe indagava da existência futura, respondeu: "Se nada sabes desta, como queres saber da outra?"

Tchouang-Tseu afirmava que o amor da vida é uma ilusão e o temor da morte um erro. Perder a vida não é uma desgraça, antes essa partida conduz à felicidade como a noiva que deixa o lar paterno.

O Taoísmo foi fundado por Lau-Tseu (ou Lao-Tsé), contemporâneo de Confúcio. Doutrina de excelente moral, proclama que a alma será absorvida em Deus. Isto significa, como se supõe, que ela chegará à perfeição e à felicidade. No Taoísmo se diz que as alternativas da vida e da morte são predeterminadas no Céu como a do dia e da noite. Uma sucederá sempre à outra.

Os japoneses não receiam a morte, e daí o seu heroísmo fanático; invocam os antepassados, os gênios protetores, os Kamis, e deles recebem auxílios e conselhos. A morte é a extinção do sofrimento em regiões melhores.

Zoroastro fundou o Masdeísmo, que dominou na Medo-Pérsia. Baseava-se na vida futura. Os bons seguiam Ormuz, o deus do Bem, e iam para o Céu; aos maus, tal como na religião cristã, cabia o Inferno, onde iam fazer companhia a Ahriman, o destruidor, que corresponde, salvo seja, ao nosso Diabo. O Inferno persa levava sobre o de nossos catecismos a vantagem ou desvantagem de não serem eternas as penas: era mais uma espécie de Purgatório.

Ghazali, escritor persa, dizia: "Não chores os mortos, que a vida não é mais do que a gaiola de onde os pássaros voaram".

Os judeus orientam-se pelo Talmude e pelo Velho Testamento; não têm uma noção clara a respeito da imortalidade, e ainda hoje não fazem preces pelos mortos, como no Protestantismo. Justifica-se na religião de Lutero essa ausência de orações pelos defuntos; foram excluídas por inúteis, desde que, transpostos os degraus da Eternidade, fica selada a sorte do indivíduo e firmado o destino da alma: Céu ou Inferno. Não há meio termo; os que vão para o Céu não precisam de preces, já possuem a bem-aventurança; para os que caem no

Inferno, elas são ineficientes. Mas nas mensagens que chegam até nós, os Espíritos protestantes lamentam o vazio que sentem pela falta de preces e invejam os demais religiosos que as recebem de todos os templos e de todos os corações.

Os hebreus admitem o Xeol, morada sombria, um Inferno, senão autêntico, um tanto parecido. Daí se saía para uma situação definitiva, boa ou má, uma espécie de Juízo Final, onde as almas ressurgem com seus corpos para a felicidade ou para a desgraça.

Escreve Louis Bourdeau: "O silêncio do Antigo Testamento em relação à vida futura embarçou os apologistas do Cristianismo, pela dificuldade de conciliar duas revelações tidas como verdadeiras. Para explicar a estranha omissão, os teólogos procuraram razões bizarras. Lutero e Calvino emprestaram a Deus o desígnio maquiavélico de terem procurado manter os judeus na ignorância da vida futura, a fim de que pudessem ser condenados com mais segurança".<sup>(33)</sup>

O abade Fleury achava que, naquele tempo, as verdades ainda não podiam ser compreendidas. Não admira essa opinião, quando ainda hoje se justificam certos trechos abstrusos com a escusa de que, naquela época, era impossível entenderem o assunto. E o Criador, então, lançava um despautério.

Nos tempos homéricos a sobrevivência era descrita conforme a fantasia dos escritores. Na *Odisséia*, Homero pintava os mortos como sombras ou larvas, a vagarem estupidamente, a se nutrirem de sangue. Talvez tivesse suas razões.

Para Hesíodo, os mortos não passavam melhor que os vivos. Segundo Zeller, na Filosofia dos Gregos, antes de Píndaro não se falava na continuação da vida.

Conforme ainda Bourdeau, a concepção da vida futura desenvolveu-se no mundo helênico a partir do sexto século, graças aos mistérios órficos e às especulações filosóficas. Pitágoras estabeleceu as metamorfoses. Na época de Péricles a imortalidade consistia na glória, e Ésquilo dizia que a morte é a não-existência. Não andavam distantes de alguns filósofos nossos:

Sócrates e Platão viviam melhor informados. Sócrates dizia a seus discípulos: "ou a morte é o aniquilamento, e o nada seria uma noite sem sonhos, ou será uma simples mudança de morada e é uma felicidade encontrar os que conhecemos e nos entretermos com os sábios" (Xenofonte, *Apologia*).

(33) Louis Bourdeau. *Le Problème de la Mort*. Pág. 39.

Provavelmente Sócrates referia-se aos bons. Para essa multidão de indivíduos belicosos, egoístas, desonestos e maus, difícil será conceber esse futuro no convívio das pessoas amadas e dos sábios.

Diziam que ele falava da imortalidade com reservas. Não pode haver maior desmentido que o veneno que o obrigaram a beber, quando condenado pelos "Quinhentos de Atenas", sob a acusação de perverter a mocidade.

"Um homem — dizia ele — deve morrer na firme esperança de fruir bens infinitos ao deixar esta vida. A alma só atinge a verdade quando liberta de sua prisão corpórea, e a libertação só se alcança pela morte. Enquanto possuímos um corpo e a alma se atolar na corrupção, jamais alcançaremos a verdade."

"A vida provinha da morte como a morte provinha da vida" — afirmava ele. É célebre a sua frase: "Saber é recordar". E assegurava: "Se a alma existe anteriormente à vida, deverá subsistir após a morte".

"A alma — ensinava ainda — é insuscetível de destruição; é ela que vivifica o corpo; traz consigo a vida onde aparece. Não recebe a morte — é imortal."

Perto da hora fatal, dizia aos discípulos, em torno dele: "Se a morte fosse a dissolução de toda a existência, seria um benefício para os maus, que se libertariam do corpo, da alma e dos vícios. Como é imortal, só há salvação tornando-se a alma boa e sábia; só leva seus hábitos, que serão a causa de sua felicidade ou infelicidade".

Como os discípulos chorassem, disse-lhes: "O homem que renunciou às voluptuosidades e aos bens do corpo, que buscou apenas o que a Ciência oferece e ornou a alma com a temperança, a justiça, a coragem, a liberdade, a verdade, esse deverá esperar tranqüilamente a hora da partida".

E a Críton, que indagava como o deveria enterrar: "Sepultem-me como quiserem, desde que possais agarrar-me e eu não vos escape das mãos".

Chegado o momento, "levou a taça aos lábios e bebeu com uma tranqüilidade e doçura admiráveis".

Para Platão os bons gozarão de recompensas junto aos deuses e os maus voltarão à Terra na triste condição de animais, passando pelo que fizeram passar.

Aristóteles achava que a alma não era separável do corpo e com ele finalizava. A inteligência, porém, alava-se e confundia-se com a natureza. Um conceito um tanto confuso para um dos maiores filósofos da antigüidade.

Declarava Hegésias que as penas da vida excediam de muito os prazeres, e que sendo a morte um fim, seria a verdadeira felicidade. Sua doutrina causou suicídios em massa e foi tal o desvario que Ptolomeu Filadelfo mandou fechar-lhe as escolas e dissolver os discípulos.

Nas sepulturas romanas encontram-se epitáfios como este: "Eu não era, já não sou e o que serei pouco importa".

Chegamos ao Cristianismo. O destino das almas está irrevogavelmente assinalado: um lugar de suplício e um de bem-aventurança: O Céu e o Inferno, conforme os protestantes. O Catolicismo estabeleceu uma terceira estância — o Purgatório, onde as almas estacionam até se encaminharem para o Céu. O Inferno é terrível morada, as penas são eternas, as chamas inextinguíveis, e quem para lá entra não sai mais. Já o Dante fazia inscrever em seu portal: "Lasciate ogni speranza voi che entrate". O Céu é a região da felicidade eterna, da eterna ociosidade, com a Humanidade inteira, a boa, sentada à mão direita de Deus-Padre.

Há uma seita protestante que indaga: Onde estão os mortos? E explica: Declaram alguns que continuam a viver; dizem outros que os mortos dormem inconscientes em suas sepulturas; afirmam alguns, que sabem mais do que quando viviam, e outros que nada sabem. Há quem pense que os finados estão no gozo da bem-aventurança, outros que estão no Purgatório, outros que esperam no sepulcro a ressurreição.

Diante de tão contraditórias assertivas, a seita propõe-se restabelecer a verdade: O *Eclesiastes* (9-10) determina: "Tudo quanto te vier à mão faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura, para onde irás, não há obra nem indústria". Dormem no pó os mortos, segundo a Escritura; veja-se Daniel, Isaías, os Salmos... É do *Eclesiastes* (9,5) que os mortos não sabem coisa alguma; não têm recompensa, nem memória, tudo lhes perece. Texto semelhante se encontra em *Salmos*, 146, 4. E em Isaías, 38, 18: "Porque não pode louvar-te a sepultura".

Os mortos estariam na sepultura, porém não mortos definitivamente, porque ainda iriam ressurgir no Juízo Final, e então o rebanho imenso dividir-se-á: os que praticaram o bem, sairão para a ressurreição da vida, e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação.

Como se vê, alguns ressurgem para a morte, mas a morte mil vezes pior que a extinção completa, porque vão para o fogo que nunca mais se apaga.



## OPINIÕES

A falta de provas quanto à existência da alma tem acarretado, através dos tempos, a anarquia das idéias. O choque das opiniões, com os mais disparatados pareceres, deixa-nos supor que o vazio espiritual continua como antes do *Fiat* genesiáco.

Para Plotino, os bons transformavam-se em estrelas. Virgílio, Lucano, os alexandrinos achavam que o homem voltava ao Ser Supremo. Queria Cícero que renunciássemos à imortalidade. Plínio achava pueril a sobrevivência. Juvenal tinha como idiotas os que supunham viver eternamente. É como também pensava Luciano.

Tertuliano e outros acreditavam na materialidade da alma. Averroes afirmava que ela estava fadada à destruição. Para Hegel o que sobrevive é a idéia. Descriam da espiritualidade várias escolas: os saduceus na Judéia, os epicuristas na Grécia, os estóicos em Roma; os peripatéticos na Antigüidade, os averroístas na Idade Média, os cientistas na Contemporânea.

As mesmas dúvidas, a mesma incerteza, a mesma balbúrdia, no que toca à vida futura. Quer do lado materialista, quer do religioso, o problema da morte é uma dolorosa interrogação. A palavra da Ciência poderia resumir-se nas conclusões de um cientista que se propôs dissertar sobre a vida e o decesso. Na primeira parte, médico que era, discorreu brilhantemente; na segunda, onde esperavam, ansiosos, a sua palavra, declarou: "A Ciência esbarra às portas do túmulo". E foi só. A religião apresenta-nos o ensino dos catecismos. É o dogma. Crê-se.

Se alguém resolver sair dos pontos da fé, mete-se numa nevasca. Se há uma doutrina que, escudada nos fatos, nos vem dizer o que é a morte, como se processa, o que se passa além, eis os sacerdotes da Ciência e da Fé revoltados contra a ousadia e a procurar destruir todas as pegadas.

Vejamos algumas opiniões e logo se notará que os opinantes, ou não sabem, ou não entendem, ou não entendemos nós o que entendem eles.

O Dr. Martin Buber é claro e sintético: "Não sabemos nada. Nada sabemos da morte".<sup>(34)</sup>

Fernand Devoire apresenta as três doutrinas existentes: Fé numa vida eterna, fé na pluralidade das existências, fé num materialismo absoluto. Coloca-se no mesmo pé, visto que "em cada uma dessas doutrinas há todas as nuances da dúvida".<sup>(35)</sup>

O Padre Mainage assegura: "O homem só vive uma existência e esta decide de sua sorte eterna. A duração compreendida entre o berço e o túmulo lhe é dada para pronunciar o sim e o não fatal de que depende seu futuro destino".<sup>(36)</sup>

De sorte que o destino do homem, cujos atos, a maior parte das vezes, são o reflexo de instintos, impulsos, sentimentos atávicos, atraso racial, fica dependendo dos estreitos limites do berço ao túmulo, quando ele tem diante de si a eternidade.

Quanto à morte, limita-se à opinião do autor dos ensaios: "Mergulho, de cabeça baixa, estupidamente, na morte, sem considerá-la e reconhecê-la, como numa profundidade muda, que me abocanha de um salto e me abafa, num instante, em um sono poderoso, cheio de insipidez e insolência".<sup>(37)</sup>

Esse sono poderoso, cheio de insipidez e insolência, é o que é a morte para Montaigne e o padre Mainage.

O Rev. Allo chama os experimentadores de mitômanos. Basta para ele que o crente saiba que tem uma alma. Ainda que desprovido de senso filosófico, a fé em Cristo o ensinaria.

Não nos explica, porém, como o crente poderá saber que possui uma alma e como a fé lhe ensinaria isto. Declara ainda: "Quando se tomam as coisas assim, fica-se na sobriedade do mistério e não se crê, despertando a atividade dos mais sutis sentidos, poder evocar espíritos ou almas de mortos, para verificar-lhes a presença ou arquitetar provas de imortalidade".<sup>(38)</sup>

O período, mais sutil que os sentidos, deixa entrever que não se deve evocar Espíritos ou arquitetar provas; o seguro é ficar na sobriedade do mistério apesar do ensino ministrado pela fé em Cristo.

(34) Dr. Martin Buber. *L'homme après la mort*. Pág. 94.

(35) Fernand Devoire. Obra cit. Prefácio.

(36) Rev. R. P. Mainage. Obra cit. Págs. 52, 56.

(37) Montaigne. *Essais*. 1580.

(38) Rev. P. Allo. *L'homme après la mort*. Págs. 65, 67.

Baumann descobre que sua vida começou no útero materno e terminará com o último suspiro. E indaga, sem saber responder: “De quem a tive? Para quem voltará?”. Declara que o dogma católico não suprime o mistério, mas tem a certeza da ressurreição. <sup>(39)</sup>

Temos aqui uma certeza baseada no dogma.

Para Ehrhardt: “Os povos crêem na sobrevivência pela idéia da alma independente do corpo e pela interpretação dada aos sonhos pelos primitivos. Quanto às almas evocadas pelos espíritas só fazem ouvir coisas pueris. E Deus quando exerce seu julgamento após a morte não é para aperfeiçoar-se ou corrigir a obra da justiça humana, senão para manifestar sua soberana majestade”. <sup>(40)</sup>

Pelo visto, o Criador seria o *Tal*, que não fez mais que “manifestar sa souveraine majesté pour faire éclater aux yeux de tous que sa volonté et sa loi auront toujours le dernier mot”. O que tinha ele por fim, na opinião do escritor, era pavonear-se aos olhos de todos: um fátuo equiparável ao pior dos sátrapas.

Berdiaeff: “A religião cristã ensina antes a ressurreição do que a imortalidade”. <sup>(41)</sup>

Fumet: “Na morte o consciente não desaparece senão por momento, mas subsiste como inteligência do passado. Querer dois enunciados da individualidade do Verbo, como os partidários da reencarnação, é não ter sabido contemplar o gesto definitivo inscrito no signo do homem”. <sup>(42)</sup>

Não parece que fiquem muito elucidados os que folhearam Monsieur Fumet. A inteligência do passado, os dois enunciados do Verbo, a contemplação do gesto definitivo no signo do homem, são coisas que devem aumentar a penumbra quando se lançar o telescópio para os véus que encobrem o Outro Mundo.

P. Wadia é teosofista. Dele devíamos esperar grandes elucidações. Mas vejamos:

Aceita a teoria de Blavatsky, que considera de acordo com a exposta nos *Upanichades*, nos *Puranas*, nos *Vedas*, com as Escrituras Sagradas do Egito, da China, da Pérsia, com a filosofia de Platão, de Pitágoras, dos neoplatônicos.

(39) Emile Baumann. *Après la Mort*. Págs. 71, 75.

(40) Doyen Ehrhardt. Obra cit. acima. Pág. 84.

(41) Nicolas Berdiaeff. *Les Cahiers Contemporains*. Pág. 92.

(42) Dynan Victor Fumet. Obra citada. Pág. 105.

Crê, porém, que nada de novo se adquire depois da morte. Falecido, o indivíduo deixa uma casca no Kama-loca — “une coque privée de toute conscience humaine”. — Só com o que havia de nobre segue a alma no estado de Devachan para o “mundo dos deuses”. Essa alma, “privada do conhecimento humano real”, é que é o espírito visitante das sessões espíritas, o fantasma dos cemitérios e das casas assombradas. Atrair estes “restos” é perigoso; são eles imbuídos de tendências baixas e sensuais. Buscá-los é como desenterrar cadáveres físicos para tocá-los ou sentir-lhes o odor fétido.

As almas despojadas de sua natureza inferior — cascas ou cascões — ficam inconscientes, privadas de qualquer comunicação com o meio terrestre. São ignorantes no Devachan e vivem no mundo que criam, povoado do que recolheram de puro e generoso. Aí vive-se feliz, com a imagem da pessoa amada, que então parece real. A duração dessa felicidade anda por 1.500 anos. A alma volta à Terra e de passagem pelo Kama-loca apanha o que ali havia deixado, como quem reveste a roupa suja, e temo-la reencarnada em nova personalidade. <sup>(43)</sup>

Diante do que nos expõe o autor, ficamos sem saber como os cascões — andrajos inconscientes jogados no Kama-loca — “cette coque privée de toute conscience” — podem apresentar-se em sessões, tornarem-se perigosas, encherem-se de tendências...

Qual seria ainda a vantagem dessa temporada no seio dos deuses, se as almas não aprendem nada, não evoluem, visto que “por deixar a terra não nos tornamos mais sábios”: “Nous ne devenons ni plus savants ni plus sages”. Nem o Devachan revela qualquer verdade: “Le fait d’être dans l’état de Devachan ne nous révèle donc pas la vérité des choses”.

Nessas regiões “onde se vive perfeitamente feliz”, o ser também não paga o mal que cometeu, não sabe o que se passou, e aufere uma felicidade a que não fizera jus. Seriam 1.500 anos de inutilidade para o Espírito, desde que não se podia instruir ou modificar, sem o preparo que lhe fornece a vida no Espaço, os conselhos de guias e amigos, sem o arrependimento e a disposição para ele, a fim de ingressar numa vida de reparação.

A certa altura o autor fornece uma explicação: “A alma recolhe experiências variadas, pois que no Kama-loca rejeita o que não lhe pode servir de nutrição, e no Devachan assimila

---

(43) P. Wadia. *Les Cahiers Contemporains*.

o que pode utilizar e que, fazendo parte de sua própria natureza, ficará assim mortal e divino”.

Mas assimila o quê, se não dá um passo no caminho do progresso? Que lhe adiantaria a divinização, se na volta às asperezas do orbe arrepanha a farandulagem do que se despira no Kama-loca?

Pela retomada de sua farraparia no Kama-loca, não compreenderíamos a vida dos que atravessam o nosso orbe cheios de virtudes, sofrimento e resignação. Onde se purificariam e reformariam para voltarem como cordeiros entre os tigres humanos? Passam, entretanto, pelo sarçal da vida, sofredores e bons, espalhando benefícios, distribuindo dádivas, curando de graça, tendo em troca a ingratidão, o motejo ou a cadeia.

Mais clara é a doutrina que nos assegura que aqueles que deixaram os seus erros não mais os retomam. Os andrajos do Kama-loca não são mais envergados. Não há recuos no domínio espiritual. Depois da queda — a dor, a reparação, a prática do Bem.

A morada dos deuses, segundo o autor, ou o Nirvana segundo os budistas, ou o Céu dos cristãos, ou a paz do Cristo, ou os Planos Superiores, segundo o ensino espírita, é alcançada depois de muito tempo, de longos sacrifícios e ingentes esforços. Mas será então a felicidade.

Força é confessar que o pensamento regrediu, e ficou muito longe da sabedoria antiga, que ainda hoje brilha, como os astros, muito tempo depois de haverem desaparecido.

Segundo Platão, o corpo é para a alma o que a vestimenta é para o corpo, o posto para o soldado, a ferramenta para o operário, o navio para o piloto.

E mais longe ainda lê-se no *Mahabarata*: “Assim como o homem lançando um vestido melhor se entraja de vestes novas, também a alma, lançando fora um corpo envilecido, reveste-se do corpo novo. O corpo é coisa finita, mas a alma que o habita é indivisível, imponderável, eterna. Quando predomina a sabedoria, ela evola-se para a região dos seres puros; quando predominam as paixões, volta à Terra. Todo o renascimento, feliz ou infeliz, é consequência das vidas anteriores”.

Rolaram os séculos. Vão-se desfazendo as brumas que encobriam os outros planos da vida e verifica-se então a verdade que palpitava no seio das velhas religiões e das filosofias não menos velhas.

## O ESPÍRITO

### O PARALELISMO PSICOFISIOLÓGICO

O espírito, não o definem nem sabem o que ele seja. E como, aparentemente, acha-se em completa dependência do cérebro, os céticos vêem nessa subordinação o espeque de seu ceticismo, e a Ciência, baseada nessa união, alicerça o materialismo dos céticos.

Vamos ver se abalamos o rochedo. É portanto no paralelismo psicofísico que se acha o sustentáculo dos que negam a independência espiritual, afirmando que o espírito se acha iniludivelmente escravizado às funções orgânicas.

Ninguém nega o fato, *lato sensu*, mas as provas da libertação do eu já nos mostram, mesmo aqui, que existe a independência em vida, que existe a independência entre espírito e matéria, que os laços são temporários, e que, se eles podem afrouxar, desprender ou romper, cai o baluarte em que tanta fé depositam os cientistas, como Haeckel, Le Dantec, Karl Vogt, Lanessan, Metchnikoff e outros.

Como os doutos vêem as manifestações do espírito dependentes das funções cerebrais, e não lhes percebem as escapulas, acreditam que aquele não pode existir sem estas. E muitos para demonstrarem a impossibilidade de um ser espiritual têm-se matado a descrever-nos o cérebro e suas funções, e provar-nos que tal ou qual lesão, tal ou qual insuficiência, bastam para emperrar a mola do espírito.

Verificava-se, por exemplo, que a razão desaparecia quando a temperatura do corpo ultrapassava certo limite, dando origem ao delírio. Daí a subordinação.

Bourdeau escrevia: "O trabalho de enervação é, como a atividade psíquica, tão intenso e contínuo, que basta deixar o sangue de afluir ao cérebro ou lhe chegue um pouco menos

carregado de oxigênio, para que logo se perturbe o espírito e pare. Assim, estreitamente ligado às transformações da matéria e aos desprendimentos de força, não pode o pensamento deixar de ser uma forma de energia".<sup>(44)</sup>

Alexis Carrel ensina: "As atividades mentais dependem das fisiológicas. As modificações orgânicas correspondem à sucessão de nossos estados de consciência. Inversamente, fenômenos psicológicos são determinados por certos estados funcionais dos órgãos".

O mesmo Carrel, porém, apresenta as seguintes dúvidas: "O espírito é a mais colossal potência do mundo. É ele produzido pelas células cerebrais como a insulina o é pelo pâncreas? Quais são nas células os precursores do pensamento? A expensas de que substâncias se elabora? Vem de um elemento preexistente como a glicose do glicogênio ou a fibrina do fibrinogênio? Trata-se de uma forma diferente das energias estudadas pela Física, não se exprimindo pelas mesmas leis e produzidas por células da camada cortical do cérebro? Ou, ao contrário, é preciso considerar o pensamento como ser imaterial, existente fora do tempo e do espaço, fora das dimensões do universo cósmico, inserindo-se por processos desconhecidos em nosso cérebro, que seria a condição indispensável de suas manifestações e determinante de seus caracteres?".

Como se vê, não responde às próprias interrogações. Mais adiante nos diz: "Sabemos que somos um composto de tecidos, órgãos, líquidos e consciência. Mas as relações da consciência com as células cerebrais são ainda um mistério.

"Não possuímos técnica que nos possa introduzir nos mistérios do cérebro e da harmoniosa associação de suas células.

"Dizer que as células cerebrais são a sede de processos mentais é uma afirmação sem valor, pois que não existe meio de observar a presença de um processo mental no interior das células cerebrais".<sup>(45)</sup>

Ora, o argumento materialista seria o mesmo do mecânico que nos quisesse provar que o chofer não poderia existir sem o automóvel ou a máquina sem o maquinista, pois que um desarranjo, nas velas, nos pneus ou nas caldeiras impediria o funcionamento.

---

(44) Louis Bourdeau. *Le Problème de la Mort*.

(45) A. Carrel. *L'Homme, cet Inconnu*. Paris, págs. 138, 5, 11 e 35.

O cérebro é o veículo por onde transita o espírito, ou o aparelho por onde se manifesta; claro que as perturbações do aparelho prejudicam as manifestações do espírito.

Suponhamos um prisioneiro numa cela; sua vida de relação dela fica dependente; suas atividades físicas, psíquicas, fisiológicas e mentais tornam-se parcial ou inteiramente sujeitas às condições, às deficiências, às compressões da cela; fechem-lhe portas e janelas, ele já não ouve mais nada, já não verá mais nada, nem dentro nem fora da cela; já não sabe do que se passa; tapem completamente todas as frinchas, nenhum som lhe chegará aos ouvidos; tais sejam as aberturas do cubículo, ei-lo sem movimento. Abram-se-lhe, porém, as portas, e ele sairá na plenitude de seus sentidos, em plena liberdade de fazer e dizer o que quiser. Tal é o Espírito.

Isto já o notaram homens eminentes. Destarte, o paralelismo psicofisiológico não seria argumento para a segurança da tese dos negadores. Assim pensa o prof. Richet quando afirma: "Não existe o paralelismo psicofísico absoluto".<sup>(46)</sup>

Dizia Bozzano: "No paralelismo há apenas uma correlação entre os fenômenos psíquicos e fisiológicos ou funções morfológicas do cérebro. O cérebro é o meio pelo qual o espírito entra em relação com o meio terrestre".<sup>(47)</sup>

E Bergson: "A inteligência, o pensamento, não pode ser o produto da matéria. Porque certo parafuso é necessário a certa máquina, porque a máquina funciona quando se coloca o parafuso e pára quando o tiram, ninguém pretenderá que o parafuso seja o equivalente da máquina. Ora, a relação entre a consciência e o cérebro é como o parafuso para a máquina".<sup>(48)</sup>

Um dos maiores psiquistas franceses, Gustave Geley, ensinava: "Não há paralelismo psicanatômico, pois que ações dinâmicas, sensoriais e psíquicas podem ser verificadas fora do organismo.

"Não há paralelismo psicofisiológico porque o transe durante o qual o supranormal se manifesta em todo o seu poder é uma espécie de aniquilação da atividade dos centros nervosos, indo por vezes a um verdadeiro coma.

"A função do cérebro é a de registrar as vibrações físicas que lhe chegam pelos sentidos e transformá-las em vibrações

(46) Charles Richet. *L'Avenir et la Prémonition*.

(47) E. Bozzano. *Cerveau et Pensée*.

(48) Henri Bergson. "L'Âme et le Corps". Conf. em 28-4-1912.



psíquicas perceptíveis ao espírito, registrar as imagens psíquicas pelas quais o espírito responde às vibrações específicas que lhe chegam do meio terrestre, traduzindo-as e transmitindo-as à periferia em forma de ações apropriadas".<sup>(49)</sup>

Segundo William James o cérebro é passível de três funções: "a produtiva — dos materialistas; a permissiva — que lembraria o gatilho permitindo a explosão; e a transmissiva — que é a da lente". Para o filósofo esta é que é a função do cérebro. A individualidade psíquica é distinta do corpo do qual se serve, como a luz é distinta do prisma que a refrata e decompõe. E em apoio dessa tese apresenta vários fatos.<sup>(50)</sup>

O professor A. Rey, da Sorbonne, foi incumbido de expor a psicologia da invenção. Depois de alguns infrutíferos rodeios acabou declarando que as operações do espírito inventivo se acham na bruma e no mistério, que a invenção é a vida mental intensa, complexa, pouco conhecida e difícil de entender.

Num congresso de psicologia, o Dr. Eugène Osty, com aprovação geral, proclamava que o pensamento precede em conhecimento as realizações da matéria e que a matéria não poderá ser criadora do pensamento ao qual sucede.<sup>(51)</sup>

E Richet confessa: "A Fisiologia ensina que a integridade do cérebro é necessária à inteligência, e somos obrigados a admitir, *malgré nous*, que sem cérebro não há inteligência. Mas, a falar verdade, esta conclusão ultrapassa os dados da experiência fisiológica".<sup>(52)</sup>

E temos o grande mestre assegurando que não há provas daquilo que a Fisiologia ensina. Estendamo-nos um pouco sobre o que diz o sábio físico-químico inglês, Sir Oliver Lodge, em *Porque creio na Imortalidade Pessoal*:<sup>(53)</sup> "Admito que um veículo qualquer para o funcionamento da inteligência seja praticamente necessário, mas não creio que o corpo se componha unicamente de cargas elétricas positivas e negativas que costumamos chamar matéria. . .

"Uma lesão no cérebro implica uma lesão correspondente no espírito; a destruição de um equivale à do outro; é evidente que uma lesão cirúrgica do cérebro corresponda a um fato mental. Inútil dizer que esses fatos são completamente admitidos por mim, mas as deduções sugeridas vão além do que é

(49) Gustave Geley. *Revue Métapsychique*. Jan-Fev. 1922.

(50) William James. *Immortality of Man*.

(51) Eugène Osty. *Revue Métapsychique*. Out. 1925.

(52) Charles Richet. *Annales des Sciences Psychiques*. Paris, 1905.

(53) Sir Oliver Lodge. *Why I believe in Personal Imortality*. 1928.

legítimo. Tudo o que se provou é que se o instrumento é avariado, o poder de desenvolver uma atividade mental é igualmente prejudicado. Não se segue porém que tenhamos de deduzir o que quer que seja relativamente ao espírito.

“Os que consideram que o cérebro não é o instrumento do espírito são obrigados a emitir a suposição estranha, gratuita, absurda de que a matéria encerrada no crânio é capaz de pensar, conceber, encarar o futuro e o passado, projetar grandes obras literárias e artísticas, imaginar grandes poemas, explorar o mecanismo do Universo, experimentar o pesar, a afeição, determinar ações, e não só manifestar, mas ainda sentir em si própria os sentimentos associados à fé, à esperança, ao amor”.

E no resumo: “Identificar o poder que anima o veículo com o próprio veículo-matéria é tornar-nos ridículos e fechar os olhos à realidade”.

Como se vê, ninguém ignora a relação entre espírito e cérebro, mas o que também se vê é que esta relação não implica a suposição de que este secrete aquele, pois custa crer que a inteligência e os sentimentos sejam fruto de manobras celulares.

E a propósito dizia o professor polonês Wincenty Lutoslawski, que William James tinha como uma celebridade: “Para compreender a relação entre o pensamento e o cérebro basta admitir que o cérebro é o órgão através do qual recebemos as impressões exteriores e graças ao qual produzimos os movimentos e particularmente a palavra. Mas toda a asserção em que se atribui ao cérebro o poder de pensar é baseada num sofisma que se assemelha ao que atribui ao coração as emoções, porque elas têm influência sobre ele.

“Assim, o pensamento nos é conhecido não como um processo fisiológico, mas um fato de consciência pela nossa experiência mental, e não há qualquer razão para supor que se identifique com uma atividade corpórea, ainda que visível”.<sup>(54)</sup>

Notemos que há conhecimentos que os indivíduos não sabem de onde vieram. Já dizia Osty que “eles vêem, ouvem, sentem de diversas maneiras as informações surgidas não se sabe por que, nem de onde”.<sup>(55)</sup>

---

(54) Wincenty Lutoslawski. *The World of Soul*.

(55) Eugène Osty. *Comment déceler, développer la faculté de connaissance*. 1931.

Stainton Moses tinha o poder da escrita automática. Para convencer-se que não eram dele as idéias, pediu ao comunicante que lhe ditasse determinado trecho de livro que desconhecia. E o trecho lhe foi dado. <sup>(56)</sup>

Com razão afirmava Hans Driesch que as leis superiores da vida se ligam à matéria porém não dependem dela.

O prof. Flournoy adverte: "O corpo e o espírito, a consciência e o movimento molecular cerebral, o fato psíquico e o fato físico sendo simultâneos são, entretanto, heterogêneos, díspares, irredutíveis, obstinadamente dois". <sup>(57)</sup>

E finalmente o Dr. Osty: "Parece que os biólogos estão muito longe de se entenderem sobre o processo da vida mental. Tenhamos como certo que não se sabe quase nada do jogo orgânico pelo qual essa vida mental se conhece, e absolutamente nada sobre a natureza do pensamento". <sup>(58)</sup>

Não há processo que demonstre provenham do cérebro a inteligência, a vontade, o caráter, a memória, a virtude, a consciência do bem ou do mal. As razões para mostrar a dependência do espírito ou sua inexistência são falhas. O cérebro será apenas o meio da manifestação, a aparelhagem necessária para a sua manifestação. Ele é para o espírito o que o violino é para o violinista, o piano para o pianista, o telefone para o comunicante. Quanto à independência espiritual, vê-lo-emos.

#### ESPÍRITO E CORPO

Vimos que o espírito depende da estrutura física como o mecânico depende da engrenagem que dirige. Ele se apresenta através da aparelhagem orgânica e necessariamente sofre as conseqüências dos desarranjos que lhe empecem, entorpecem ou anulam as manifestações.

Entretanto, como que para mostrar-nos a sua independência, ei-lo que se apresenta em pleno vigor, apesar das deficiências somáticas, e em plena atividade, apesar das condições que o deviam amortecer ou mesmo aniquilar, como o sono, a narcose, a síncope e o coma.

No sono, o indivíduo resolve problemas que lhe pareciam insolúveis na vigília, descobre o que lhe estava oculto, tem ótimas idéias, por vezes geniais.

(56) Gabriel Deianne. *Rev. Métapsychique*. 1924, pág. 432.

(57) Th. Flournoy. *Métaphysique et Psychologie*. Genebra, 1890. Pág. 17.

(58) Dr. Eugène Osty. *Rev. Métapsychique*. 1920. Pág. 102.

O nosso distinto conterrâneo, Dr. Osmar Faria, vem em nosso auxílio quando apresenta relatos comprobatórios. Banting quer achar a solução de um problema; cansado, adormece e o resolve. Para Fehr a maioria dos descobrimentos de sábios foi feita em sono. Condorcet fazia cálculos, Coleridge, Tartini, Rosny, Von Göttingen, compunham dormindo. Conta Voronoff que uma jovem escrevia versos à noite de olhos fechados.

A esses casos acrescentaríamos outros muitos. Lembremos aqueles em que, nas nossas lucubrações, parece nula a intervenção do espírito. Dizia Schopenhauer: "Não fui eu que criei a minha filosofia, essa foi criada em mim, sem minha intervenção, quando minha vontade parecia adormecida".

E Lamartine: "Não sou eu que conduzo as minhas idéias". Daudet: "Meus livros se compõem sem que eu intervenha". Rousseau: "As idéias me vêm quando querem e não quando eu quero". Nietzsche: "As idéias tomam-se e não se pergunta quem as dá". Musset: "Não se trabalha, escuta-se". (C'est comme un inconnu qui vous parle à l'oreille.)

As pacientes de Janet — Rose, Lucie e Leoni — mostram-se muito mais inteligentes dormindo.

As idéias vivem eternamente conosco, assegura Binet em *Les Alterations de la Personalité*.

Os nossos exemplos confirmam o do médico hipnologista, corrobora-os, amplia-os, explica-os. Temos neles o que se costuma chamar inspiração.

Ora, a Fisiologia ensina que no sono a atividade física amortece, e verificamos que há por vezes maior exaltação cerebral no surto das idéias, o que vem ao arrepio das noções comumente ministradas. (\*)

Ainda vemos que o indivíduo exausto física e intelectualmente vai para a cama; o cérebro trabalha a noite inteira, ele sonha durante todo esse tempo, e em vez de se acentuar o seu cansaço e de chegar a um completo exaurimento, o que aconteceria em vigília, ao acordar acha-se inteiramente tranqüilo, iniludivelmente repousado.

Não é sem comoção que vemos a trabalhadeira da Ciência para explicar isto: as células se substituem, saem as fatigadas, vêm as folgadas, como se houvesse no cérebro um contra-regra. Mas porque essa *mise-en-scène* não acontece na vigília, onde o cérebro está em maior funcionamento?

---

(\*) O sono é o repouso; a volição e a consciência estão parcial ou completamente abolidas; as funções físicas parcialmente suspensas.

Muito mais fácil é, entretanto, supor que a energia é do espírito e, por isso, não sofre das contingências materiais.

Vamos notá-la ainda em condições outras em que é iniludível a impotência física.

Já essa energia é inexplicável quando o organismo está em repouso como no sono; vamos vê-la em outros estados, onde melhor ainda se patenteia o desprendimento dos laços corporais.

A síncope é o desmaio; há perda de sensibilidade e movimento; é a suspensão temporária da consciência devida à anemia cerebral.

Entretanto, o indivíduo vê, ouve, transpõe obstáculos, percebe o que não pode perceber em condições ordinárias, atravessa corpos opacos.

Conta L. H. Hysman que, numa cadeira de dentista, foi submetido à ação do clorofórmio; viu-se então flutuar, sentiu-se hígido; de olhos abertos; viu do espaço o cloroformizador, o dentista, o consultório...

Em Londres foi acometido de uma síncope; pensou que estava morto, pois se percebia no espaço e ao mesmo tempo notava o corpo inanimado, de olhos fechados, com a palidez desenhada no rosto. Chegou o médico, fizeram-no voltar a si, e ele percebeu que não tinha perdido a memória e a consciência. <sup>(59)</sup>

Narra a Sra. d'Espérance em seu livro *No País das Sombras* — pág. 355: "Era uma radiosa manhã de um domingo de verão. Estendida num sofá, tinha um livro nas mãos e o espírito ocupado em projetos que pretendia pôr em prática. Comecei a ter uma sensação estranha de depressão e as páginas que procurava ler já não as distinguia. Tudo se tornou sombrio e pensei que iria recair. Minha fraqueza porém desapareceu imediatamente; lancei o olhar para o livro, que me pareceu afastado e como envolto em nevoeiro. Levantei-me do sofá, mas uma outra pessoa nele se achava com o livro. Quem poderia ser? Sentia-me espantosamente leve e cheia de vigor. A fraqueza desaparecera e substituíra-a um maravilhoso sentimento de saúde, de força, de vitalidade como nunca sentira.

"A vida acordava em mim, cintilante, palpitante, circulando através de minhas veias como correntes elétricas. Todo meu corpo parecia abrasado de novo ardor e gozava de uma liber-

(59) Dr. E. Osty. "La Vision de Soi-Même", pub. na *Revue Métapsychique*. 1930. Pág. 190.

dade sem obstáculos. Pela primeira vez conhecia o prazer da vida.

“O quarto me parecia estranho, sombrio, e essa forma confusa no sofá, quem era? Parecia reconhecê-la; mas o sentimento de liberdade que sentia me satisfazia; não podia estar parada, mas para onde ir? Dirigi-me à janela. A paisagem me pareceu estranhamente brumosa; as paredes pareciam aproximar-se para logo desaparecer; mas onde, não o poderia dizer.

“Testemunhei eu mesma a sensação de completo bem-estar, de liberdade, de leveza, de energia que a pessoa sente logo após haver deixado o corpo físico, por mais robusto que o fosse. Maior deverá ser o contraste quando se trata de um corpo fraco e doente.

“Ainda mesmo que tal experiência fosse um fato cotidiano, a sensação é tão nova, tão maravilhosa, que o ser se vê feliz por sair da prisão e entrar na radiação da luz”.<sup>(60)</sup>

Escolhi, de preferência, entre centenas de casos, o da Sra. d'Espérance, por ser ela reconhecida, unanimemente, entre os psiquistas, como pessoa de inatacável probidade.

A uniformidade dos relatos faz-nos ver que o fenômeno é quase sempre o mesmo, ou pelo menos se apresenta pelo mesmo aspecto e se desenvolve da mesma forma, o que indica não haver nenhuma fantasia no caso. É o Espírito que se libra, independente, no espaço.

Em outras ocasiões, afasta-se do corpo e do local, atravessa muros e paredes. No caso, o que se verifica é que o Espírito vê, ouve e sente fora do organismo, e é inteiramente inútil a exposição anatômica e a descrição fisiológica a que se entregam os doutos, embora com grande proficiência, para mostrar a escravização da consciência ao organismo físico.

Por vezes o paciente obedece ao pedido do experimentador, e como tais experiências se assemelham aos casos comuns de hipnotismo, temos os nossos amigos confundindo-as na mesma rubrica, embora não possam explicar devidamente o fenômeno.

Na experiência do Dr. Martins Velho ordenou-se ao chamado *sujet* que fosse a uma loja ver o que lá se passava. Declarou ele o que vira e, mais, que atavam um pacote. E como lhe pedissem que observasse o que continha, declarou, depois do exame — “ora essa, fiquei com a mão suja de verde”.

(60) Mrs. d'Espérance. *Shadowland*. Pág. 355.

Dirigindo-se o experimentador ao comerciante, este confirmou as declarações da paciente: o pacote continha verde-montanha.

A pedido de um amigo, transportou-se espiritualmente a Tomar onde nunca estivera e, orientado por aquele, encaminhou-se para sua casa; descreveu o itinerário, as paisagens, o que encontrara no caminho. Em certo ponto, desviou-se e foi dar em Lisboa, que não conhecia e lhe devia ter parecido mais curioso que Tomar. Descreveu a cidade, seus principais edifícios, praças, inscrições, monumentos, voltou ao ponto de partida e acordou. <sup>(61)</sup>

Parece claro que o espírito, obedecendo ao experimentador, vai a Tomar e depois desprende-se da obediência e dirige-se a Lisboa, que não estava no itinerário.

Se já é difícil verificar como poderia um cérebro adormecido produzir melhor que acordado, mais difícil será vê-lo descobrir o que não se podia achar nos limites do conhecimento humano. Entretanto, e este será um simples exemplo, em 1912 o Dr. Antonioui, de Atenas, tratando da senhorita Sofia, pô-la em hipnose, e ela fez espontaneamente a previsão de toda a guerra balcânica, com seus incidentes. <sup>(62)</sup>

Vejamos agora uma situação onde muito menos acreditável ainda é supor-se a atividade consciente: Trata-se do coma.

“O coma — define Roger — é um estado mórbido caracterizado pela perda completa ou incompleta da atividade cerebral.” Pierre Marie, na *Presse Médicale*, de 6-6-14: “O coma completo é função da hemorragia cerebral”. E Sergent, em *Neurologie*, t. I, p. 137, ensina: “O coma é um estado persistente de sonolência profunda, com perda do conhecimento, da motilidade, da sensibilidade, mas ainda com a conservação das funções vegetativas, sendo porém habituais as suas perturbações”.

Entretanto, assegura-nos o Dr. Eugène Osty, alicerçado numa prática de muitos anos: “Em certas afecções em que o equilíbrio mental ficou particularmente comprometido, os médicos têm assistido a manifestações de prodigiosa metagnomia”. <sup>(63)</sup>

(61) J. F. Cabrera. “Da existência da alma”, pub. em *Estudos Psíquicos*, Ag.-Set. Lisboa.

(62) “Un fait de prévision d'événements généraux”, pub. na *Rev. Métapsychique*, 1925, n. 6. Pág. 377.

(63) Dr. Eugène Osty “Metagnomie et Psycho-Physiologie Expérimentale”. pub. na *Rev. Mét.* n. 6. Pág. 377.

E mais: "Na agonia, o organismo está por tal forma abalado no seu equilíbrio, que a desordem se torna incompatível com a continuação da vida. Essa crise catastrófica do corpo determina o aniquilamento da função do pensamento (coma) e, no entanto, muitíssimas vezes, pouco modifica a consciência, que se conserva lúcida no desarranjo acelerado das funções. O agonizante percebe o racionalmente imperceptível, revela a realidade inacessível ao meio intelectual dos que o rodeiam".<sup>(64)</sup>

De pasmar será vermos ainda "nessa crise catastrófica" a visão, a previsão, a supervisão do espírito. E vemo-las.

Voltaremos ao assunto e aos casos, num capítulo especial.

Teríamos ainda que falar na memória, muito simples para muitos, a quem a sua conservação através das constantes modificações do organismo não impressiona, mas que deixa perplexos fisiologistas como Richet, um dos maiores entre os maiores. Mas este já vai longo.

Lembremos, para o fecho, que Taylor, em *Primitive Culture*, nos diz que os selvagens, percebendo formas nas visões, já admitiam a alma-fantasma, e que a ausência desta faria o corpo privar-se da vida.<sup>(65)</sup>

A alma era uma espécie de vapor ou sombra, impalpável e invisível, salvo quando se manifestava no sonho ou na visão; exerce poder físico e assemelha-se à pessoa a quem pertence; apresenta-se com as vestes e mais petrechos usuais. Ela pode não só deixar o corpo, senão lançar-se ainda de um lugar a outro sem que a distância lhe faça obstáculo. A alma é o princípio da vida e de toda a atividade moral do indivíduo a que pertence.

Vê-se que os tempos decorrem, passa-se do estado selvagem à civilização, e os fenômenos são os mesmos, as modalidades as mesmas, a impressão a mesma. Essa uniformidade, essas características, essa identidade no fato e na observação, assim no tempo como no espaço, passa despercebida. Os esforços dos que mais deviam estudar o assunto e estariam aptos a compreendê-lo é, entretanto, amarrar a alma ao corpo, segurá-la rigidamente, como se fazia antigamente aos balões, presos pelas cordas, a fim de que não tomassem vôo.

Iremos a ponto mais sério ainda, o das lesões cerebrais.

---

(64) Dr. E. Osty, *Obra cit.* Pág. 165.

(65) I. Taylor. *Primitive Culture*. I. Pág. 387.



## LESÕES CEREBRAIS

Há um fato desconcertante para a Fisiologia e sobretudo para os fisiologistas, no caso das lesões cerebrais, isto é, quando há operações em partes essenciais do cérebro sem que a consciência e a inteligência fossem suprimidas ou mesmo alteradas.

Geley assegurava que havia a privação de grandes porções do cérebro em regiões que se acreditavam essenciais, e que não era seguida, entretanto, de graves perturbações psíquicas ou restrição da personalidade. Era exemplo o caso publicado pelo Dr. Guépin, em que um jovem sofrera a ablação de parte considerável do hemisfério cerebral, conservando-se perfeitamente íntegro. <sup>(66)</sup>

O afamado psiquiatra e neurologista Enrico Morselli, diante do fato, foi obrigado a confessar que ele o desnor-teava. E a propósito do assunto, escrevia Ernesto Bozzano: "Há fatos de enorme importância teórica, que servem para conciliar a sobrevivência do espírito humano com a patologia mental sob todas as formas: delírio alcoólico, demência, idiotia, etc. Não me ocorreu apontar a eficácia resolutive desta ordem de fenômenos supranormais. Se dela me houvesse lembrado, tê-la-ia podido aproveitar para demonstrar ao Professor Morselli que, com a existência de um cérebro etéreo, se explicará um enigma psicofisiológico, isto a propósito de achar-se sobre a secretária daquele eminente professor uma revista tedesca contendo longo artigo sobre alguns casos, observados durante a grande guerra, de soldados que tiveram o cérebro despedaçado por estilhaços de granada, com abundantes perdas de matéria cerebral, e que se curaram, conservando íntegras suas faculdades intelectuais".

Concluía o autor citando outros casos do mesmo gênero, ainda mais extraordinários, entre os quais o muito conhecido de um suboficial da guarnição de Antuérpia, que havia dois anos se queixava de persistente dor de cabeça, o que, entretanto, nunca o impedira de cumprir os deveres de seu posto. Tendo morrido subitamente, procederam-lhe à autópsia do cérebro e descobriram que um abcesso de evolução lenta lhe reduzira todo o órgão cerebral a uma papa de pus. <sup>(67)</sup>

(66) Gustave Geley. *De l'Inconscient au Conscient*. Paris, 1920. Págs. 81 e segs.

(67) E. Bozzano. *Animismo e Espiritismo*. Trad. de G. Ribeiro. Pág. 188.

Observava então o professor Morselli que tão extraordinárias exceções à regra constituíam, um enigma dos mais perturbadores da hodierna Psicofisiologia.

Por onde se vê que o cético professor, rendido à evidência, não pôde ou não soube explicar em termos de Fisiologia o caso extraordinário, caso que vinha demonstrar a afirmativa de que o espírito é independente do corpo e prescinde por vezes do cérebro, o que vem acentuar aquela independência.

Digamos que se entende por cérebro etéreo o cérebro perispiritual. Vamos, porém, a uma explicação rápida, a mais rápida possível, para não nos embrenharmos numa técnica difícil de entender e por isto fastidiosa.

Temos, ligado ao espírito, e que o acompanha na vida e na morte, um outro corpo, uma espécie de luva, uma fôrma do corpo físico, que o reproduz anatomicamente e se denomina *perispirito*. É com esse corpo, possuidor de várias denominações, como corpo etéreo, corpo fluídico, corpo ódico, corpo astral, duplo fluídico, que os Espíritos se nos mostram durante a vida ou durante a morte, conseqüentemente desacompanhados das respectivas vestiduras somáticas.

É esse corpo que se desprende do ser vivo, ou melhor, do soma, deixando-o em ligeiro transe, por vezes imperceptível, ou a dormir, ou inerte, e vai apresentar-se alhures, como nos chamados casos de bilocação, de que se acham refertos os agiólogos, que são descritos pela História, profana ou eclesiástica, e enriquecem atualmente os anais da fenomenologia supranormal. O fenômeno é conhecido por diversos nomes como desprendimento, transporte espiritual, bilocação, bicorporeidade e outros. A bicorporeidade é fato indubitável para os que estudam o Psiquismo.

É esse corpo que se nota muitas vezes ao lado do outro, o físico, repetindo-lhe os movimentos como, entre vários, no célebre caso da senhorita Sagée.

Dir-se-ia o perispirito uma espécie de envoltório, de capa; esta não se desfaz com o corpo; é o indumento talvez eterno do Espírito; segue-o na morte; é nele que ficam gravadas as sensações de natureza física que o Espírito leva algumas vezes para o Espaço, mormente quando se acha muito materializado, muito impregnado de paixões mundanas e estas são bastas vezes um castigo aos seus desregramentos. O perispirito acompanha o ser em sua evolução, volta a novo corpo em suas reencarnações, e a esse corpo costuma transmitir as marcas,

falhas, defeitos, deformações, deteriorações que os vícios e maus hábitos transmitiram ao corpo anterior; ele se transforma fluidicamente à proporção que o Espírito se aperfeiçoa, adaptando-se aos novos corpos, aos novos terrenos, aos novos planos de vida, às contingências das novas existências.

É com esse corpo fluídico que o Espírito se entremostra aos videntes; que é perceptível, que é assinalado nas sessões mediúnicas, que se incorpora na ectoplasmia, que é fotografável. E se torna por vezes o espantinho nas casas mal-assombradas, nos palácios infestados, o terror das crianças, neófitos e inexperientes, e passa a ter a denominação de "Alma do Outro Mundo", que a tradição consagrou.

Ora, o cérebro etéreo seria a reprodução do cérebro material, a parte do perispírito correspondente a esse cérebro, o que nos explicaria os fenômenos que a Ciência desconhece, mas que realmente existem, embora o ignorem. Fica explicada a frase de Bozzano.

Fechado o parêntese, prossigamos.

No *Corriere della Sera* de 30 de outubro de 1931, escrevia um médico: "Dizem-nos de Viena que ali foi feita audaciosa operação que consistia em retirar-se quase metade do cérebro do indivíduo, cujo crânio fora rachado com uma certa machadada. O operado pôde retornar às suas ocupações habituais com a integridade de suas faculdades psíquicas".

O mesmo jornal menciona o êxito do Dr. W. Daudy, cirurgião de Baltimore, numa senhora atingida de um tumor cerebral no hemisfério direito. Dois meses depois da ablação, com exceção dos corpos estriados, a paciente tinha apenas a inevitável paralisia do lado esquerdo e anomalias da sensibilidade.

Edenger e Fisher estudaram o caso de uma criança que viveu quatro anos sem cérebro, apenas respeitados os centros estriados.

Brown Séquard comunicou ter observado um caso onde, na autópsia, encontrara todo um lóbulo cerebral inteiramente destruído, sem que se verificassem durante a vida do indivíduo, outras manifestações além de cegueira e dores de cabeça.

Chamava ele a atenção para a vida sem medula; referia-se aos pássaros e a um gato; este cresceu normalmente, embora privado de terço de sua medula. <sup>(68)</sup>

(68) Dr. Roger Morvand, *Documents pour servir à l'étude de la vie.*

O citado Brown Séquard procurou explicar as anomalias que observou pelas substituições (par les suppléances), isto é, pela adaptação das células contíguas à função das atrofiadas ou desaparecidas. Essa hipótese, aliás inverificável, era posta em dúvida pelo Dr. Bouquet, para quem a explicação não abrangia as grandes deteriorações (L'explication ne vaut que pour les petits délabrements). De fato, com um cérebro todo, ou quase todo destruído, onde achar as células contíguas?

Escreve o Dr. Henri Bouquet em *Le Temps*: "Telegrama da Checoslováquia refere-se ao caso de um operário que ferido na cabeça apresentava uma abertura de 12cm de comprimento por onde escoava parte da matéria cerebral. Sem esperanças de salvá-lo, os cirurgiões limitaram-se a limpar a ferida, extrair os fragmentos de ossos e deixaram tudo como estava.

"Com geral espanto, o paciente, poucas horas depois, pedia comida e se entretinha com os que o cercavam. E o telegrama acrescenta: 'É um caso verdadeiramente único nos anais da Cirurgia' ".<sup>(69)</sup>

Mas não é o único, como veremos e como o afirma o Dr. Perin, que o comenta e declara: "Único? Estamos longe da conta. Conhecem-se alguns mais estupefacientes".

Na presença de um deles declarava ironicamente um cirurgião de Lião: "Pelo que vejo, o cérebro serve unicamente para encher a cavidade craniana".

O Professor Roesemuller cita várias autoridades que verificaram a persistência das faculdades psíquicas apesar de graves lesões cerebrais, e, entre elas, os cirurgiões Hirth, Hufeland e Ennemoser; notaram eles perdas sensíveis da matéria cerebral, sem que ficasse alterado o pensamento dos indivíduos.<sup>(70)</sup>

Schmick e Benecke citam o caso de um arquiteto, normal até o último instante, mas em cujo cérebro a autópsia encontrou grandes vazios.

Schleich observa vinte pessoas com os cérebros gravemente lesados, sem alteração psíquica.

Benecke refere o caso de um amigo, o Professor Surya, que faleceu inteiramente lúcido. Na autópsia verificou-se que o cérebro estava inteiramente decomposto e que essa anormalidade já devia durar desde muito tempo.<sup>(71)</sup>

---

(69) Dr. Henri Bouquet. "Le Paradoxe du Cerveau", pub. em *Le Temps*. Paris, 15 Nov. 1935.

(70) M. Roesemuller. *Die übersinnliche Welt*. 1923, n. 10. Pág. 23.

(71) Benecke. *Walnes Leben*. 1923. Pág. 34.

Hallopeau comunica à Sociedade de Cirurgia, em Paris, que uma jovem, em estado psíquico normal, fora operada e se lhe achou grande porção de matéria cerebral reduzida a matéria líquida. <sup>(72)</sup>

Conforme o Dr. Iturricha, uma jovem morrera em pleno uso de suas faculdades mentais, tendo a massa encefálica destacada do bulbo; estava nas condições de uma pessoa decapitada. <sup>(73)</sup>

Saint Marck refere-se à operação num oficial em cujo cérebro encontrara um montão de pus. Cumpria, entretanto, normalmente, suas obrigações. <sup>(74)</sup>

Edmond Perrier comunica à Academia de Ciências de Paris que um indivíduo falecera com seus sentidos normais. Na autópsia verificou-se que o cérebro se apresentava sob a forma de delgada casca de onde o pus espirrava. <sup>(75)</sup>

Ennemoser, em documentada publicação, declara que a razão, a vontade, a consciência se conservam intactas em vários casos, apesar da extinção da matéria cerebral. <sup>(76)</sup>

Von Kern apresenta o caso de um homem cujo cérebro estava em parte dissolvido, sem que houvesse sinal de alteração do espírito. Verificação idêntica apresenta o Dr. Huschland; declara ele que a sua doente tinha o cérebro semelhante a uma caixa d'água; não havia ali traço de massa encefálica. <sup>(77)</sup>

O Dr. Olivecrona assegura que ele e seus colaboradores operaram, em Budapeste, importantes massas cerebrais, sem que notassem alterações nas faculdades psíquicas dos enfermos. <sup>(78)</sup>

Finalmente, o nosso patricio Dr. Leonídio Ribeiro, em jornais, revistas e livros, reporta-se ao que observou na Inglaterra e declara que a destruição ou o isolamento completo de parte do cérebro não implica o desaparecimento ou perturbação dos fenômenos de consciência, como ocorre, por exemplo, nos casos de traumatismo do cérebro ou em certas doenças mentais. Há casos de tumores que chegaram a destruir completamente a

(72) Dr. Hallopeau. *Annales des Sciences Psychiques*. Paris, 1914.

(73) Faure da Rosa. *Estudos Psíquicos*. Lisboa, julho de 1949.

(74) Le Clément de St. Marek. *Revue Scientifique et Morale*. 1907. Pág. 275.

(75) Prof. Dr. Edmond Perrier. *Annales des Sc. Psychiques*. Paris, 1914. Pág. 29.

(76) Dr. Ennemoser. *Zeitschrift fuer Metapsychische Forschung*. Out. 1939.

(77) Dr. Huschland. *Journal de Médecine Pratique*. Outubro, 1928.

(78) Dr. Olivecrona. *Ricerca Psíquica*. Milão, 1938. Pág. 102.

região hipotalâmica sem que os pacientes apresentassem distúrbios graves da consciência. Já se praticam correntemente extirpações totais dos lobos frontais, em casos de tumores que se estendem até a outras regiões do encéfalo, sem que a personalidade seja seriamente atingida. E o mesmo professor lembra a opinião de Lhermitte, a de que seria uma quimera procurar a sede das faculdades intelectuais e morais.

Já o Dr. Gabriel Gobron assinalava em *Le Cerveau Humain* que havia uma demarcação vaga, indecisa, entre as sensações, as percepções e a memória. Seria impossível determinar de que parte do cérebro depende tal função. Também assegurava Dewelshauvers que não é possível localizar a menor das sensações e muito menos assinalar no córtice cerebral as faculdades que se chamam vontade, sentimento, imaginação. . .

Em suma, o que a Fisiologia descobriu é que, normalmente, comumente, o cérebro é necessário à manifestação do Espírito. O estudo de determinados fatos fisiológicos, psíquicos ou metapsíquicos, provam, entretanto, que a dependência não é constante, absoluta. O Espírito faz-nos, por vezes, o efeito de certos mágicos a quem se amarra ou acorrenta com laços e cadeias irremovíveis; ei-los, porém, que se desembaraçam, não se sabe como, e se apresentam em cena, sorridentes, completamente livres.

O mecanismo cerebral é inútil como prova a favor das doutrinas materialistas.

## EXTERIORIZAÇÃO

### O DUPLO FLUÍDICO

Uma das provas da existência independente do Espírito é a visão do chamado duplo fluídico. O Espírito com seu perispírito costuma destacar-se do corpo vivo, e temos então diante de nós a duplicata, em forma fluídica, do corpo somático.

Convém notar de início, e nunca é demais repetir, que o ser humano é uma dicotomia, formado de corpo e espírito — o que todo o principiante sabe. Ao espírito se acha unido o perispírito, espécie de envoltório, como o pericarpo de um fruto. No fenômeno do desprendimento é o perispírito que se dissocia e produz a série de fenômenos que servirão de estudo nesta forçada síntese. Na visão é o perispírito que é visto; as chamadas "almas do outro mundo" apresentam-se em forma perispiritual, e daí serem observadas e até fotografadas como se vivas fossem.

Como geralmente os seres que perambulam nas proximidades da Terra são atrasados e sofredores, e por isso tristes, ou maus, deram-lhes também o nome de "almas penadas". A existência dessas almas penadas tem o testemunho dos séculos, não obstante passar a crença como tola superstição.

A ignorância toma, as mais das vezes, o aspecto negativista. Mas o caso é que essas almas, penadas, penitentes ou sem penas, existem, e nelas o Espírito com seu envoltório tem a mais generalizada demonstração dessa existência.

A prova da realidade desse perispírito já a possuímos, preliminarmente, com o fenômeno denominado de *duplo fluídico*. É a primeira e mais simples demonstração de sua existência. Em determinadas circunstâncias, vêem-se ao mesmo tempo dois corpos de que um é a representação exata do outro. Dir-se-iam corpos gêmeos: são absolutamente idênticos.

Reportemo-nos a um caso clássico, porque amplamente divulgado e constante de livros, opúsculos e revistas, especializadas ou não. É o da senhorita Emília Sagée.

Esta moça era de origem francesa. Em 1945 lecionava perto de Riga, na Rússia, no colégio Neuwelcke. Era instruída, delicada, e por isso muito estimada. Mas costumavam vê-la ao mesmo tempo em lugares diferentes. Dava, certa vez, uma aula a treze alunas, quando se dirigiu à pedra para explicar melhor. Viram então, com grande espanto, duas Sagées, uma junto à outra. A de carne e osso tinha um giz na mão, enquanto a outra lhe imitava os movimentos.

Houve grande alvoroço no Colégio, alvoroço que ia aumentando à proporção que o fenômeno se reproduzia. De outra feita, Sagée prestou-se a auxiliar, nos aprestos, à menina Wrangel, que ia a uma festividade. Eis que esta vê no espelho que era auxiliada por duas Sagées perfeitamente iguais.

O mais impressionante fenômeno se deu em ocasião na qual se achavam presentes 42 alunas. Sagée estava sentada numa cadeira, em sala que dava para o jardim, e as educandas viram, ao mesmo tempo, a professora sentada na sala e a colher flores no jardim. A Sagée sentada estava imóvel como uma estátua, a que parecia viva era a que apanhava as rosas. Uma das meninas chegou a tocar na que estava sentada, sem que ela desse por isso; a florista desapareceu em pouco tempo. Esses fatos reproduziram-se por alguns meses, até que as meninas, amedrontadas, se foram retirando, ficando a escola com doze alunas apenas.

Já havia a moça passado por dezoito colégios, de onde fora despedida, à vista do impressionante fenômeno. Acabou por sair de mais este, e a sua vida continuou a ser um triste peregrinar em busca do pão de cada dia, tão difícil de angariar diante de seu funesto predicado. <sup>(79)</sup>

Verificou-se que, nesta duplicidade, o corpo físico se torna mais fraco e insensível, fraqueza e insensibilidade que se acentuam à proporção que o Espírito se afasta.

É comum ver-se a imagem de alguém, antes de ele aparecer em corpo e alma. E costumam alguns dizer: Fulano vem aí. . . É que lhe notaram a presença antes de seu aparecimento. O fato é simples de explicar: desejando ou pensando chegar em determinado ponto, como que o Espírito se projeta à frente do corpo e é este que chega em primeiro lugar.

(79) Alexandre Aksakof. *Animismo e Espiritismo*. Trad. Garnier. Pág. 543.



O coronel Bigge vê um dia, a poucos passos, um colega, com umas vestes que nunca usara, pelo menos diante dele, e uma grande aparelhagem de pesca. Dez minutos depois aparece-lhe o colega e, com grande surpresa sua, tinha no corpo a tal roupa e trazia os utensílios de pesca com que o notara dez minutos antes. <sup>(80)</sup>

A sra. Hall é vista em fantasma por seu marido, por dois parentes e, o que é mais interessante, por ela própria, numa sala de jantar, quando estavam todos à mesa. Diz o relato que ninguém se espantou, provavelmente, deduzimos nós, porque já estavam todos familiarizados com a visão do duplo. <sup>(81)</sup>

Mr. Carroll, no seu lar em Shoterbrook Lodge, percebeu uma noite, em seu quarto, quando nem pensava em ir para a cama e, portanto, perfeitamente acordado, a imagem do irmão, que morava em Londres. Achava-se muito intrigado com a aparição, quando ouviu bater à porta: era o irmão, perfeitamente vivo, pleno de saúde, que vinha vê-lo e visitá-lo, não anunciando a sua vinda por lhe querer causar surpresa. Como se vê, a surpresa foi dupla. <sup>(82)</sup>

---

(80) Gurney, Myers and Podmore. *Phantasms of Living*, 11. Pág. 94.

(81) Idem, idem, 11. Pág. 217.

(82) Idem, idem, I. Pág. 96.

## AS MANIFESTAÇÕES NOS VIVOS

Vários autores, entre os quais os dois notáveis psiquistas Alexandre Aksakof e Ernesto Bozzano, já estabeleciam para os fenômenos parapsíquicos a divisão de anímicos e espíritos. A primeira se referia aos vivos, e a segunda, aos mortos, sendo que aquela era um preparo para a compreensão desta. O fenômeno anímico para o qual já não poderá haver dúvidas diante do fato patente, prova-nos a independência da alma, desmentindo o aforismo científico de que nada existe na mente que já não tivesse vindo pelos sentidos: *nihil est in mente qui prius non fuerit in sensu*.

Segundo as doutrinas vigentes que ensinam o paralelismo psicofisiológico, não pode haver memória, inteligência, critério, conhecimento, sem a participação do corpo; são as funções orgânicas que produzem as manifestações do espírito. Logo, com a morte do corpo desaparece o espírito, como, com a chama, extingue-se a vela.

Mas os estudos chamados agora parapsicológicos vieram desmentir todos os velhos postulados, visto que o indivíduo vê sem os olhos, ouve sem os ouvidos, sente sem o contato material. Até então, a Psiquiatria se ia acomodando e amparando com a sua *alucinação*, que estendia por toda a parte e aplicava a todo o fenômeno. Esse unguento maravilhoso, receitável a doentes e sãos, forrava os nossos Mestres a maiores pesquisas. E, fiados nos psiquiatras, os demais ficaram dormindo descansadamente.

Entretanto, as experiências se foram avolumando, e temos os indivíduos vendo os objetos perdidos, ocultos ou afastados; ou em caixas hermeticamente fechadas; temo-los ouvindo ruídos longínquos, ou recebendo avisos salutares, ou premonições que se realizam; ou conselhos; ou coisas inesperadas, demonstrando origem criteriosa e inteligente; temo-los ainda com sensações extranormais, com uma fonte verificável. Estamos, pois, em pleno campo objetivo. E mais do que isso, há o

desprendimento do Espírito, e a sua presença fora do corpo é verificada por vários testemunhos. Quando o indivíduo volta a si, após a exteriorização, narra a sua viagem espiritual, declarando o que viu, ouviu e sentiu, o que posteriormente se averigua. Temos, pois, a convicção cabal de que a união entre corpo e espírito é apenas temporária, espécie de contrato bilateral, não importa o prazo.

O caso de desprendimento de vivos — quando estes nos vêm relatar o fenômeno por que passaram — conjugado com os da hipnose e ainda com os de vidência no leito mortuário, como iremos ver — apresenta extraordinário valor probante quanto à independência e sobrevivência do Espírito.

Limitamo-nos a alguns exemplos, na impossibilidade de acumular neste ligeiro capítulo os inúmeros fatos constantes da literatura psíquica.

Temos o do Dr. Wiltse, médico no Kansas, já estudado por eminentes psicólogos, entre os quais o Dr. Hodgson e Frederico Myers, e que constou de trabalhos científicos como o do *Jornal de Medicina e Cirurgia* de S. Luís e da *Revista Mid. Continental*.

Narra o Dr. Wiltse como vamos sintetizar: "... Finalmente minhas pupilas se contraíram, a percepção enfraqueceu e a voz sumiu, e senti-me invadido por uma sensação de entorpecimento geral; fiz violento esforço para esticar as pernas, levei os braços ao peito, depois, unindo os dedos crispados, caí em completa inconsciência".

Conta o médico, conforme as observações do seu colega presente, o Dr. Raynes, que ele ficou quatro horas sem pulso nem movimentos cardíacos; acreditaram-no morto, e até os sinos lhe anunciaram o passamento. Continua ele: "Perdera a faculdade de pensar e qualquer sentimento de vida; inconsciência absoluta. Quando retornei o sentimento da existência, verifiquei que ainda estava no corpo, mas entre ambos nada havia de comum. Com a curiosidade de médico, contemplei as maravilhas da fisiologia corpórea com a qual me confundia, alma viva nesse corpo morto.

"Muito calmo, raciocinava assim: — Estou morto, conforme a linguagem dos homens e entretanto me conservo homem como nunca. Estou na iminência de sair do corpo, e observava o interessante processo da alma que se desprendia. Sentia-me embalando como um berço e isto auxiliava o desprendimento. Comecei a retirar-me docemente dos pés para a cabeça ...

“Quanto à forma e à cor, pareci a mim mesmo algo como uma medusa. Solto, vi duas senhoras à minha cabeceira e senti imenso desassossego ao perceber que iria ficar despido diante delas; dizia comigo, porém, que elas não me podiam ver, desde que eu era um espírito. Logo que saí, flutuei de baixo para cima, e de um lado para outro, como bolha de sabão que adere ao canudinho, até que enfim me destaquei e surgi com toda a aparência de um homem comum. Estava transparente como uma chama azulada e completamente nu. Com penosa sensação de vexame deslizei para a porta entreaberta a fim de escapar aos olhares das senhoras, assim como de outras pessoas. Mas ao atingir a porta vi-me vestido. Meu cotovelo tocou o braço de um cavalheiro e com espanto seu braço atravessou o meu sem resistência. Olhei para ele a ver se percebera o contato, ele porém não dera o menor sinal. Lá estava o meu cadáver na atitude que tive tanto trabalho em dar-lhe. Não me vira ao espelho havia muitos dias e me achei muito pálido; felicitei-me pela atitude decente que soube dar ao corpo.

“Vi numerosas pessoas sentadas em torno a ele e notei duas mulheres que pareciam ajoelhadas; compreendi que choravam; eram minha mulher e minha irmã, mas na ocasião não tinha consciência das personalidades. Quis atrair a atenção das pessoas: fazia alegres mesuras e saudações com a mão, punha-me em meio deles, mas ninguém prestava atenção. Percebi então a minha situação cômica e pus-me a rir.

“Saí pela porta aberta, abaixando a cabeça e procurando ver onde punha os pés para descer ao vestibulo. Franqueei o pórtico, desci os degraus e me achei na rua. Parei para olhar em torno; nunca vira a rua tão distintamente. Lancei um olhar ansioso em torno como quem vai deixar os penates por muito tempo. Verifiquei que estava maior do que era em vida, o que muito me agradou. Era pequeno, a meu pesar, e pensei então que, na nova existência, ia ficar como desejava. Como me sinto bem — dizia eu — quando, há alguns minutos, estava horriavelmente enfermo; eis aí a mudança a que chamamos morte e que eu temia tanto! Que bem-estar, que lucidez! Nunca mais adoecerei, nem morrerei. Saltava de alegria e recaía na contemplação de minha nova forma e de minhas vestes.

“Virei-me para ver pela porta entreaberta e notei um fio delgado como uma teia de aranha, que partia de meus ombros e ia até a base do pescoço, no corpo. Desci à rua; depois de alguns passos tornei a perder os sentidos. Quando voltei a

mim, flutuava, sustido por mãos que me seguravam ligeiramente. Levantei os olhos ao Céu e as nuvens me pareciam em sua altura habitual, e abaixando-os via o cimo verdejante dos bosques. Tinha chovido e estava fresco. Não experimentava qualquer fadiga em caminhar; meus pés estavam leves e meus passos eram incertos como os de uma criança. Invadiu-me grande sentimento de solidão. As três grandes faculdades do espírito, a memória, o julgamento e a imaginação, ainda agiam em mim em sua completa integridade.

“Esperei um companheiro cerca de meia hora, mas ninguém apareceu. Pensei então: — É provável que, quando se morre, deva-se fazer o seu caminho individualmente e seja-se obrigado a caminhar sozinho. Tinha por certo que algum ser deveria vir a mim. Entretanto, não pensava em algum, particularmente. — Anjo ou demônio, alguém virá — dizia eu. Julguei que não havia acreditado em todos os dogmas da Igreja, mas, pelos meus escritos e discursos, afirmara uma crença que me parecia a melhor. Mas eu não sei nada; haverá aqui um lugar para a dúvida e um lugar para o erro? Pode ser que caminhe para um destino terrível. Mas houve uma coisa interessante a descrever: em torno de mim e vindo de pontos diferentes, sentia que me diziam: — Não tenhas medo, estás salvo. Não ouvia nenhuma voz, nem via nenhum ser, mas estava certo que alguém pensava a meu respeito. Entretanto um sentimento de dúvida e de temor invadiu-me e comecei a sentir-me infeliz. Nisto, um rosto cheio de inefável amor e ternura apareceu-me um instante e sustentou-me a fé.

.....

“Sem consciência e sem esforço, meus olhos abriram-se; percebi minhas mãos e o leito branco no qual me achava deitado e, verificando que entrara em meu corpo, exclamei com surpresa e desapontamento: Que aconteceu? Irei morrer de novo? Estava muito fraco, mas ainda bastante forte para contar o que aqui fica, a despeito de todas as exortações para que me conservasse quieto”.<sup>(83)</sup>

Temos aqui um caso de desprendimento espontâneo, em estado normal, sem que se saiba o que o ocasionou. Conta-o

(83) *Journal de Médecine et de Chirurgie de Saint-Louis*, nov. 1889; *Méd. Continental Review*, fev. de 1890; Fred. Myers. *Human Personality*, v. 11. Pág. 315; *Proceedings*, v. 111. Pág. 180; L. Chevreuil. *On ne meurt pas*. Paris. Pág. 294.

Bedbrook: "Estava em minha cama quando, de repente, senti-me elevar lentamente para o teto, do qual me aproximei perto de 5 ou 6 centímetros, podendo tocá-lo com a mão. Inteiramente cômico do fato, voltei e vi meu corpo sob as cobertas. Isto me pareceu muito natural e não me espantei. Depois senti que descia gradualmente e não conservei a lembrança da entrada em meu corpo nem vi o cordão que o ligava a ele.

"Lembro-me perfeitamente que outra vez flutuei fora da janela, em plena noite. Achava-me em estado consciente, porque me recorde de ter visto o céu claro e estrelado.

"Por muitas vezes tive a sensação de partir para uma viagem e voltar obliquamente para o meu corpo, mas sem saber para onde tinha ido".<sup>(84)</sup>

M. Alois também tinha o hábito de deixar o corpo material. Conta ele que, certa vez, doente, refletia sobre vários assuntos, quando percebeu que dava passadas pelo quarto. Mirando-se num espelho viu com surpresa que este não lhe refletia o rosto e compreendeu que houvera deixado o corpo. Com efeito, viu-se estendido na cama e notou que vestia uma túnica branca. Voltou ao corpo inopinada e rapidamente como o tinha deixado.

Outra vez era de noite. Meditava sobre Deus e os aspectos divinos da vida. Pouco a pouco uma sensação estranha invadiu-o: uma espécie de repuxão que partindo dos pés estendia-se a todo o corpo. Viu que o corpo psíquico se desprendia lentamente e notou o momento em que as faculdades intelectuais passaram do soma para a alma. Esta ergueu-se e voou pela janela fechada até acima da casa vizinha. Via tudo com precisão, como por intermédio dos olhos físicos. Após certo tempo, retornou através da janela fechada, balançou um instante acima do corpo físico antes de por ele ser absorvido.<sup>(85)</sup>

Aqui o desprendimento é no sono ordinário:

A César de Vesme, diretor da *Revista de Estudos Psíquicos*, contou um cavalheiro que sua mulher sonhava com uma casa que nunca vira e em sonho a visitava freqüentemente.

Desejando comprar uma propriedade, foi procurá-la em lugar afastado. Teve que alajar-se nela e a dona o colocou num compartimento que costumava — disse ela — ser assombrado por uma dama. O cavalheiro, que não acreditava em assombrações, lá ficou.

(84) David Bedbrook, *Dons Spirituels*. Pág. 106.

(85) Alois Senn, *Le Monde Supérieur*. Agosto 1939.

Quando mais tarde a mulher veio a seu encontro, declarou, admirada, que aquela era a casa dos seus sonhos, apenas com algumas modificações; explicaram-lhe que, de fato, houve recentes modificações no prédio.

Mais tarde, foram em visita à proprietária e esta, apontando para a moça declarou: "Ora essa! Esta era a senhora que visitava à noite o meu quarto!" (86)

Vejamos um caso de exteriorização provocada por sonambulismo:

A Sra. Eugênia Garcia é levada ao estado sonambúlico. Vê-se no meio da sala, enquanto seu corpo repousava numa cadeira longa. Sente-se luminosa, transparente, leve... Parece uma pena. Olha para o corpo — lá estava na cadeira. Passou a ver o interior do corpo que se diria de vidro. Percebia os apartamentos vizinhos, com o seu mobiliário e as pessoas que lá estavam.

De repente declara ao magnetizador: "Não se diria que estou morta?". Nesse momento já falava com os lábios do corpo. (87)

No presente caso há o desdobramento psíquico por intervenção cirúrgica.

Um oficial britânico é anestesiado. Sentiu-se ele transportado ao espaço, ficando pouco acima da mesa, de onde observou toda a operação, com a máxima calma. Desapareceu-lhe toda a sensação dolorosa, embora parecesse não ter dormido. (88)

Deixemos desfilar os exemplos:

A narrativa seguinte é feita pelo Dr. Franz Hartmann: "Certo militar deixara o serviço militar havia pouco. Estava na cama quando se viu em pé, no meio do quarto; pôs-se a examinar o corpo estendido sob as cobertas. A situação pareceu-lhe bizarra, tanto mais quanto nunca ouvira falar de fato semelhante.

"Com o fim de fiscalizar a sua mentalidade começou a dar voltas no quarto e a observar o que nele se continha. Na sua escrivaninha estava um livro aberto; entrou a lê-lo, mas quando quis voltar a página não o conseguiu. Chegou à janela, olhou

(86) C. de Vesme. *Revue des Études Psychiques*. 1902. Pág. 151.

(87) Hector Durville. *Le Fantôme des Vivants*. Pág. 175.

(88) Paul Brunton. *L'Égypte Secrète*. Pág. 185.

para a rua, observou as chamas trêmulas do gás. Convenceu-se que observava tudo de forma normal.

“Repentinamente veio-lhe ao espírito que podia estar morto quis verificar se era possível atravessar a parede. Tentou-o, e instantaneamente achou-se no compartimento vizinho, onde viu um companheiro assentado a uma mesa e pronto a desenhar; fez o possível para chamar-lhe a atenção, mas foi tudo inútil. Voltou para o quarto e lá estava o seu corpo estendido, inerte, na cama.

“Pensou então em sair para o ar livre, através da janela fechada, e dirigiu-se à estação onde observou o movimento dos trens e dos viajantes. Notando ao longe um túnel, para lá se dirigiu, entrou e verificou os trabalhadores que aí estavam. Nunca nele tinha penetrado e ignorava até sua existência.

“Voltando ao quarto viu o criado abrir a porta, entrar, farejar o ar, precipitar-se para a cama, sacudir-lhe vivamente o corpo, enquanto ele assistia à operação ao lado deste. Depois do que, o criado correu a abrir a janela.

“Uma corrente de ar frio, súbito, despertou o lugar-tenente que logo perguntou à ordenança o que havia acontecido. Soube por ele que o ar estava saturado de gás carbônico e que ele havia sido considerado como morto por asfixia.

“No dia seguinte o militar foi ao túnel, que visitara durante sua exteriorização, e encontrou tudo como tinha visto. Quanto ao locatário vizinho, disse-lhe este que estivera ocupado em desenhar, exatamente como o vira o lugar-tenente”,<sup>(89)</sup>

Com o título “Morta durante duas horas”, publicou a seguinte notícia *O Globo*, vespertino carioca: “Penka Naidenova, enfermeira húngara de 23 anos, trabalhava no Hospital de Sofia. No dia 24 de março do ano passado, estava ela a esterilizar os instrumentos para serem usados numa operação no dia seguinte. Em dado momento, por volta de 17h30m, enquanto abria a torneira, casualmente tocou a outra mão num fio de eletricidade com uma corrente de 380 volts. Um choque violento, e o corpo de Penka Naidenova caiu ao chão, ouvindo-se apenas profundo suspiro.

“Um médico, chamado à pressa, declarou: Não se ouve o bater do coração, não se sente o pulso.

“Imediatamente iniciaram a respiração artificial. A seguir abriu-se o tórax e fizeram-se massagens diretas no coração. Passados 37 minutos, este passou de repente a vibrar, mas

---

(89) Dr. Franz Hartmann. *Occult Review*, 1908. Pág. 159.



anormalmente. Novos expedientes médicos e, aos 43 minutos, obtinham-se contrações normais. Mas, sempre que paravam com as massagens, extinguiu-se a atividade do coração.

“O corte no campo operatório começou a sangrar. Levaram-na rapidamente para a mesa de operações. Cento e vinte minutos depois de clinicamente morta, o coração dela iniciou o seu batimento: 110 pancadas por minuto. Penka Naidenova ressuscitava para a vida terrena, mas ainda permaneceria mergulhada em profunda inconsciência durante 72 horas.

“Muito lentamente foi recuperando os sentidos. Após dez dias, começou a falar: palavras isoladas, frases curtas. Não conhecia ninguém, mas sabia seu próprio nome e respondia a algumas perguntas.

“Só dois meses mais tarde Penka Naidenova entrava numa vida quase normal. E por esta altura começaram a despertar nela estranhas recordações do tempo em que... estivera morta, e ela mesma é que nos conta: ‘Estive num mundo estranho. Era maravilhoso estar ali. O Sol brilhava. Os prados eram verdes. Movia-me tão levemente, como se pudesse voar. Quando era criança, com quatro ou cinco anos, a minha avó falava-me do Paraíso e do Céu e com a minha imaginação infantil imaginei o Céu tal como o vi agora. Também encontrei pessoas, mas não consigo lembrar-me delas. Conheci-as, já as devo ter visto alguma vez. Tento constantemente lembrar-me dos seus rostos para recordar os nomes. Mas, quanto mais me afasto desse acontecimento, cada vez se tornam menos claras as recordações. Julgo poder dizer que nunca experimentara tal sensação de felicidade e de alegria como durante aquelas horas no mundo maravilhoso; digo horas, mas não sei ao certo quanto tempo durou. Devem ter sido os minutos ou horas em que fui considerada clinicamente morta (Condensado de *O Globo*; 31-10-61).<sup>(90)</sup>

Há fatos históricos, devidamente comprovados, que demonstram a exteriorização do Espírito, que muitos chamam — visão à distância. Assim, por exemplo, a Sra. Broughton acordou uma noite, em Londres, e disse ao marido que um grave acontecimento se tinha realizado em França. Testemunhara em sonho o acidente de que fora vítima o duque de Orleans. Vira-o quando jazia no leito; lá estavam amigos, membros da família real chegaram a toda pressa; o rei e a rainha assis-

---

(90) *Reformador*, Janeiro, 1962.

tiam em lágrimas aos últimos momentos do duque. Logo que amanheceu, ela escreveu num diário os detalhes do acontecimento. Isto se passou antes da existência do telégrafo e só dois dias depois o *Times* anunciava a morte do duque.

Quando mais tarde a Sra. Broughton visitou Paris, reconheceu o lugar onde se dera o acidente.<sup>(91)</sup>

Várias explicações têm sido aventadas para tais casos, por maneira a não se meter o Espírito nisso, ou pelo menos a faculdade que ele possui de desprender-se do corpo e agir à sua revelia. Os escravistas, isto é, os afeiçoados à escravatura do ser espiritual às funções orgânicas, quando lhes faltam os recursos para explanar o fenômeno ou ajeitá-los às conveniências teóricas, recorrem aos nomes, alguns suficientemente difíceis para que se possa supor que eles, só por si, resolvam o complicado problema.

Num livro recente, festiva e entusiasticamente recebido, o padre Quevedo dá a última demão no caso, e chama o fenômeno de hiperestesia.<sup>(92)</sup> A narrativa acima deve estar enquadrada na hiperestesia da visão. E ela é tão importante, que até os cegos, na opinião decisiva do autor, quando se guiam sem qualquer intervenção ou auxílio, fazem-no por hiperestesia ocular. A vista do que, não há perplexidades para a vidência da Sra. Broughton. Ela viu de Londres, e a dormir, o que se passava em Paris, por acuidade visual. É nesta ciência, de clareza lunar, que se vai diluir a superstição espírita.

O transporte aos planos críticos é hoje provocado por uma substância, a mescalina, ou o peyotl dos indígenas do México e da América Central, de onde se extrai o ácido lisérgico. Esta droga está sendo empregada por médicos e experimentadores outros que crêem ter desvendado os mistérios do Espiritismo. Não perceberam ainda que se trata de um desprendimento provocado onde, por vezes, as visões do paciente se confundem com a reminiscência do espírito; onde o passado, o presente e o transcendental se misturam; e onde, até, as alucinações verídicas se vêm juntar às inverídicas, dando às imagens tons escuros e obscuros, os neófitos extraem então daí conclusões estupefacientes.

É interessante nesse sentido a obra de Huxley intitulada *Céu e Inferno*.<sup>(93)</sup> O autor chegou a fazer experiências em

(91) *Proceedings*. Londres. T. 1, Pág. 30, t. II. Pág. 160.

(92) Oscar Gonzalez-Quevedo. *A Face Oculta da Mente*. Eds. Loyola.

(93) Aldous Huxley. *Heaven and Hell*.

si próprio. Os pacientes tinham as sensações e visões que os "desprendidos" nos relatam, ou as que os falecidos descrevem quanto ao panorama que descortinam ou as sensações que experimentam: as cores vivas, as luzes brilhantes, os sons inebriantes, a libertação do corpo.

Para não empregar termos ou idéias espíritas, que tirariam o sabor científico da obra, Huxley diz que o fenômeno é apanhado nos antípodas da mente. Não se entende, mas o falar na mente dá um colorido mais sério à descrição. Assim é que refere: "Tudo o que é visto pelos que visitam os antípodas da mente é inteiramente iluminado e parece possuir um fulgor que emana de si mesmo".

Esse fulgor emanado de si mesmo vai por conta do autor. Continuemos: "As visões sob a influência da mesalina ou da hipnose são sempre de um colorido intenso, de um brilho preternatural".

O vocábulo preternatural torna insuspeitas as experiências. Mas o autor como que se distrai e tem expressões que se diriam traições do subconsciente: "Lendo as visões do Outro Mundo ficamos surpreendidos com a grande semelhança entre as visões, os céus e paisagens da religião ou do folclore: luz preternatural, intensidade preternatural de colorido... Uma espécie de Jardim das Hespérides ou da ilha de Leuke...".

Notou ainda o reverso da medalha para certos indivíduos: "Há também o inferno. Para a pobre Renée, vítima da esquizofrenia, a iluminação é infernal — intenso clarão sem sombra, implacável. Tudo lhe traz pavor e o sentimento da irrealidade. O sol é maligno; a existência de cada objeto é sentida como uma ameaça".

Percebeu ainda que as emoções negativas como o medo, o ódio, a ira, a maldade trazem consigo a certeza de que a experiência visionária será aterradora. E mais — que o pecador arrependido tem maior probabilidade de encontrar a bem-aventurança na experiência visionária.

Nestas observações Huxley reforça o que nos dizem os Espíritos — o homem honesto e bom, ao desprender-se, encontra-se num bom ambiente, em situação agradável, ao passo que o de mau caráter acha-se sempre em ambientes desconfortáveis, nas paragens ultraterrenas.

Nota ainda que "as visões felizes são, via de regra, associadas a uma separação do corpo, a um sentimento de des-

personalização". É a sensação por que passa o Espírito quando se desliga dos laços físicos.

O Dr. R. Smythies esclarece que as visões não têm qualquer ligação visível, emocional ou volitiva, com os objetivos, interesses ou sentimentos da pessoa. <sup>(94)</sup> Russell declara que viu também um inexcédível esplendor de luzes e panoramas como os do Paraíso: havia cores suaves e uma grande harmonia. <sup>(95)</sup>

De tudo se depreende que, em vez de desmentirem as descrições espiritualistas, as experiências lisérgicas vêm confirmá-las. Os vocábulos incomuns, os termos técnicos, as expressões nebulosas, as interpretações pessoais, as idéias obscuras, as explicações difíceis ou confusas não obstam à confirmação.

---

(94) Dr. R. Smythies. *American Journal of Psychiatry*.

(95) Georges Russel. *Candle of Vision* (Apud Huxley).

## AINDA O ESPÍRITO FORA DO CORPO

Em virtude de umas tantas analogias, confundem os doutos os fenômenos espíritos com os anímicos. Mas as analogias levam-nos a grandes enganos e se tornam indesculpáveis no terreno científico.

Ver-se o indivíduo fora do próprio corpo não é fato espírico, mas simplesmente anímico. É bom salientar esta parte, porque da confusão surgem grandes equívocos doutrinários.

Por efeito do desprendimento, o indivíduo costuma ver-se fora do organismo; desconhecedor do fenômeno, o caso lhe causa espanto, quando não terror. De outras vezes, julga-se morto e volta ao corpo sem poder explicar o que lhe acontecera. O interessante é que, desprendido do soma, sente, as mais das vezes, indefinível bem-estar, leveza, higidez. Bom prenúncio é este, que nos está mostrando quais serão as nossas sensações quando libertos do fardo físico. Tal seja o nosso comportamento, entretanto. Nem falemos dos maus para não prejudicar o capítulo com assunto triste.

Assim, pois, entre as provas de animismo, teremos as manifestações de espíritos fora do corpo e que o vêem inerte. Narra Frank Lovell: "Gravemente enfermo, viu-se de repente a flutuar no espaço, acima do corpo. Sentia-se são, inteiramente feliz. Notou que dele se aproximavam entidades falecidas, parentes, amigos. . . Estavam mais fortes, mais moços, bem dispostos. Entendia-se com eles pelo pensamento. Viu também junto de si a irmã Mabel, o que estranhou, porque ele já se supunha morto, e ela, deixara-a viva.

"Melhorou, acordou e contou sua aventura nos umbrais de uma outra vida. Grande foi a sua surpresa quando lhe disseram que a irmã tinha falecido; e não foi menor a surpresa dos parentes com a revelação, visto como lhe haviam escondido o triste acontecimento, para não abalar-lhe ainda mais o estado de saúde.

"A irmã falecida lhe havia dito, no espaço, que preparara umas frutas para a progenitora e as deixara na despensa. Surpreendera-a a morte e ninguém iria achá-las, porque nada dissera a ninguém, pretendendo fazer uma surpresa. Recomendou ao irmão que fosse apanhá-las. E ele foi cumprir o pedido. Lá estavam as frutas de que ninguém suspeitava, nem suspeitaria ele se não fosse o encontro fraterno, na síncope. Como se vê, não tinha sonhado, nem se tratava de uma fantasia. Trata-se, inegavelmente, de afastamento espiritual, inconfundível com os casos hipnóticos".<sup>(96)</sup>

Refere um cônego que fora chamado à cabeceira de uma de suas amigas em grave enfermidade. E esta lhe foi dizendo: "Acabo de chegar de sua igreja; que embelezamento!". E pôs-se a narrar as modificações que vira e que não pudera conhecer, presa ao leito de enferma.

A doente morrera pouco depois. Após um mês, velha empregada lhe narrou que vira, certa vez, uma senhora ajoelhada na igreja, a qual desaparecera; não sabia como entrara, estando as portas fechadas e as chaves em suas mãos. O pároco pediu a descrição da pessoa: era a falecida. A empregada apontou-lhe o retrato, entre muitos; a hora e o dia da aparição coincidiam exatamente com o momento em que ele chegara ao quarto da moribunda.<sup>(97)</sup>

Vê-se claramente, que ela deixara o corpo físico no leito mortuário e fora ao templo, numa espécie de despedida, fazer as suas costumeiras preces e o seu culto habitual.

Conta o Professor Leaning que, depois de lauta refeição, adormecera sem querer. Logo notou que deixara o corpo e o percebia ali em posição incômoda. Lembra-se bem que podia andar por toda a parte; viu um preto e verificou que o preto não o via: estava invisível. A folhas tantas aproximou-se do corpo e pareceu-lhe que este o havia chupado pelos pés. Veio a si. Não foi sem tempo, porque a dona da pensão já batia à porta.<sup>(98)</sup>

A situação é diferente da do sono comum. O paciente vê-se fora do corpo, nota-o na posição contrafeita em que se encontra, repara no preto, no ambiente, nos objetos... Percebe nitidamente que há dois corpos, um que dorme, insensível,

(96) Frank Lovell. *Your Fate*. Fevereiro de 1958.

(97) *Journal of the S.P.R.* Gurney, Myers and Podmore. *Phantasms of the Living*; Mariller. *Hallucinations Telepathiques*.

(98) Prof. F. E. Leaning. *British Journal of Psychical Research*. 1928. Pág. 26.

com as aparências da morte; o outro se encontra mais vivo que nunca.

O cientista Oliver Lodge refere um caso de guerra. Certo combatente, depois de penosa viagem e perigosa marcha, chega a uma trincheira, que é um poço cheio de lama e imunidade: um verdadeiro pedaço do inferno, se existisse.

Vencido pela fadiga, pelo desgosto e pelo sofrimento físico e moral, deixou o corpo, como se estivesse morto. Infelizmente não o estava. Voltou a si para narrar a sua aventura, naquele rápido e feliz afastamento da vida terrena e das balas do inimigo. <sup>(99)</sup>

O Sr. Hysman senta-se numa cadeira de dentista e é submetido à ação do clorofórmio. De repente, vê-se no ar, com o corpo na cadeira, o dentista e o assistente ao redor. De outra vez, em Londres, é vítima de uma síncope. Ei-lo de novo no ar, vendo, cheio de pasmo, o corpo inanimado. Voltou a si e narrou o acontecimento. Não perdera absolutamente a memória. <sup>(100)</sup>

Charles Quartier, jornalista cético, cronista da *Revue Métapsychique*, relata o fato que se passou com ele próprio. Enfraquecido por longa enfermidade desmaiara. E, fora do corpo, viu-se no canapé, de cabeça para baixo, pés ao alto. Contrastando com sua palidez, a postura e a situação cada-vérica, sentia-se eufórico, feliz. Procurou, entretanto, chamar a atenção de sua progenitora, a qual, repentinamente, como se recebesse um aviso, sem saber de onde vinha, declarou aos presentes: Vou ver meu filho. Encontrou-o no canapé, desacordado, tomou as necessárias providências e ele acordou. Como vemos, narrou o caso publicamente. <sup>(101)</sup>

Nos casos de premonições e avisos, tão conhecidos na literatura psíquica e onde há intervenção de mortos, o processo não deve ser diferente. Acompanhando esses casos anímicos estaremos mais aptos a compreender o que se passa nos bastidores do Além.

“Un misterioso avvenimento” é descrito por Giuseppe Costa, conhecido literato. Foi numa noite abafada que o caso se deu (Era uma noite afosa de um torrido giugno).

(99) Oliver Lodge. *Journal of S.P.R.* 1919. Pág. 126.

(100) *Revue Métapsychique*. 1930. Pág. 190.

(101) Ch. Quartier. *Revue Métapsychique*. 1930. Pág. 191.

Exausto, atirou-se à cama. Eis que se vê separado do corpo, ali ao pé, exânime. A lamparina, caída, desprenhia densa fumaça, que o iria sufocar. Ele, porém, não sentia nada. Via-se no meio do quarto, livre, etéreo, pensante. Só o angustiava a cena, a situação. O corpo, o quarto, os móveis, tudo ia ser devorado pelas chamas. Pensou intensamente na mãe. E esta, por misteriosa impressão, deixa o seu quarto à pressa, vem ao aposento do filho, abre a janela, apanha a lâmpada e obsta ao terrível quadro que era de esperar. <sup>(102)</sup>

Certo, se G. Costa vira o que se passou quando o corpo estava desfalecido, insensível, inerte, e tudo relatou posteriormente, é que suas faculdades psíquicas não estavam no corpo, senão no espírito.

Paul Gibier, na *Análise das Coisas*, descreve longa e pormenorizadamente um caso interessante, que somos forçados a sintetizar:

Um seu amigo estendera-se num canapé, quando começou a ver tudo rodando. Depois, achou-se em espírito no meio do quarto, mas deu consigo estendido no sofá, e pensou que estivesse morto. Ficou ansioso; notou, porém que o corpo respirava, via-lhe o interior, com o coração a bater, o sangue cor de fogo. Tranqüilizou-se. Notou mais a lâmpada a iluminar, silenciosa, o quadro. Mas sobressaltou-o a idéia de que podia pegar fogo ao cortinado; procurou em vão apagá-lo. Colocou-se ao pé do espelho, o qual em vez de refletir-lhe a imagem, deixou que a vista o ultrapassasse, e ele pôde notar o que estava além.

Veio-lhe a idéia de penetrar na casa do vizinho, o que nunca fizera, nem fora convidado a fazer. Logo a ela foi transportado não sabia como, e então, qual um abelhudo, entrou a verificar tudo o que lá havia, sem esquecer a biblioteca e os livros das estantes. Para mudar de lugar e ir onde quisesse, bastava o querer. Nunca sentira tão grande o poder da vontade. Pela madrugada acordou. Conseguiu com o porteiro da casa vizinha visitar o aposento, o que até então lhe fora defeso. Lá estava tudo como tinha visto, a biblioteca inclusive, e os livros com os respectivos títulos nas lombadas. <sup>(103)</sup>

---

(102) Giuseppe Costa. *Di la della Vita*. Torino. Pág. 18.

(103) Dr. Paul Gibier. *Analyse des Choses*. Durville, Paris. Pág. 120.



Não havia dúvida que lá estivera de alma, como agora estava de corpo.

O autor dessa momentânea fuga corporal perguntara a Gibier o que pensava daquilo. Não sabemos o que Gibier respondeu.

Diante de casos que tais, salientava Bozzano, a nosso ver, com grande acerto: "Psicologicamente falando, merece ser profundamente meditado o fato de o indivíduo sentir que existe pessoalmente na plenitude de suas faculdades cientes e conscientes, fora do corpo e defronte do corpo. Trata-se de um sentimento dificilmente redutível às formas elucidativas, deduzidas da psicologia universal".<sup>(104)</sup>

Enid Smith refere, numa revista portuguesa, interessantes casos pessoais. "Por duas vezes se desprendera do corpo; uma, num hospital da Califórnia; visitara o outro mundo, pois sentira atravessar um rio e, quando chegou à outra margem, disseram-lhe: Volta, ainda é cedo. Na outra vez, em Nova York, o seu desprendimento foi devido a um anestésico; ao aportar aos umbrais da outra vida, exclamava — mas isto é o Céu, e sentiu-se rodeada de paz e inteiramente sã.

"Ela deixa o corpo em estado semiconsciente, parecendo viver em dois mundos. Em 1943, no Hospital Boot Memorial, N. Y., ao desprender-se, notou junto de si dois belos espíritos. Sentia-se bem e queria comunicar isto aos que a rodeavam, sem o poder. Entristecia-se, vendo que médicos e enfermeiros não podiam compreender o fenômeno. Começou a afastar-se, a percorrer o espaço, chegando a lugares plenos de luz; viu cores mais variadas que as do céu tropical; visitou duas pessoas amigas em Los Angeles, onde vivera quatorze anos. Estas, não sabendo que ela se submetera a uma intervenção cirúrgica, trataram de comunicar ao pai que a tinham visto e perguntavam se ela havia falecido".<sup>(105)</sup>

Bem dizia Francis Bacon que nós podíamos ver "o que se achava do outro lado do mundo". Tomamos ainda alguns casos emprestados à aludida revista.

Sylvan Muldoon refere o fenômeno que se produzia com a sensitiva Lautor. Ela, a princípio, sentia-se morrer, mas

(104) Ernesto Bozzano, *Animismo e Espiritismo*, Trad. G. Ribeiro. Pág. 140.

(105) Enid Smith, *Estudos Psíquicos*. Janeiro de 1964.

o corpo se ia tornando leve e começava então a elevar-se horizontalmente até tomar a posição vertical, já longe do corpo físico. Percebia-se então desperta, flutuando com facilidade; via-se calma e com o corpo estendido no leito. Depois explorou toda a casa, teve a impressão da morte e voltou à vida.

O Dr. Hornell Hart, professor na Duke University, conta o caso de um médico, que viajava. Este, de repente, sentiu esfriar-lhe as pernas, e lá se foi, espaço a fora. Pensou, então num amigo distante, e logo se transportou a seu quarto, o que descreveu ao voltar a seu estado normal. Teve que atravessar paredes, não sabe como, até tornar à cama.

Resumamos, finalmente, as impressões de pessoa que lidou com tais assuntos por longo tempo, e que, pelas suas pesquisas e por sua honestidade, merece a máxima confiança. É ela ainda a Sra. Enid S. Smith.

Narrou que, certa vez, uma anciã, em coma, levantou-se e lhe disse: "Acabei de falar com meu defunto marido e em três dias estarei com ele. Apresentou à enfermeira viúva um recado do seu finado esposo, e voltou à cama e ao coma, que durou três dias.

Afirma ela que os atos bons e carinhosos têm força criadora na construção, lá no Espaço, de belas moradas, enquanto os feitos danosos e os pecados, tristes coisas acarretam.

Existem nessas regiões, campinas, mansões decoradas, vinhedos, árvores frondosas, música que conforta, procissões que enlevam, pessoas que caminham cantando alegremente. A luz não depende do Sol. Os rios e as fontes brilham com irradiações imortais, as flores parecem vivas, as paisagens são maravilhosas.

Dizia-lhe Ella Wheeler Wilcox: "Minha passagem para a outra vida foi muito agradável. Nenhuma dor. O mais maravilhoso foi estar novamente com meu esposo. Vivía numa casa de cristal que refletia as cores do arco-íris; as fontes tinham sons musicais; as flores pareciam animadas. As pessoas se conhecem pelo que precisamente são. Ajudamo-nos mutuamente. Temos o poder de aparecer e desaparecer, de vencer as distâncias com o pensamento, de penetrar os objetos com o poder mental, de excluir o indesejável, e tudo com a esperança de uma carreira quase interminável de progresso". (106)

Veremos como são contestes semelhantes descrições, quando tratarmos das que nos são fornecidas pelos defuntos.

Enxameiam os fatos. Nernette Rhodes viajava em corpo astral para ver e tratar doentes. E por várias vezes alguns médiuns a perceberam nesse mister. Muito se aprofundou nesse estudo o cientista norte-americano Hereward Carrington. Nestor Durville e o Dr. Charles Lancelin transportavam-se a lugares distantes, fora do corpo. Houve mesmo grupos de trabalhos científicos, que provocavam o fenômeno, a que davam o título de "morte filosófica". Cora Richmond descreve as suas viagens astrais no livro *Minhas Experiências Fora do Corpo*.

Vejam os casos sobre o desdobramento voluntário bem interessantes:

#### DESPRENDIMENTO VOLUNTÁRIO

Numa interessante obra intitulada *La Route du Graal*, editada por La Colombe, Mme. Simone Saint-Clair reproduz alguns extratos de *La Route silencieuse*, de W. Tudor Pole. Encontraremos ali uma sugestiva e interessante experiência sobre desdobramento e verificada pelo autor. Tem por título: "A missão do médium curador".

"Em 1919 eu vivia nas dunas sobre o Nilo, tendo por únicos companheiros uns domésticos bérberes. Inesperadamente um acesso de febre me derrubou tão violentamente, que não podia nem mesmo fazer os servidores, compreenderem que um deles precisava ir ao Cairo em busca de um médico. Já estava enfermo havia uma semana, recolhido ao leito, quando ouvi baterem à porta. Em seguida um homem entrou. Era, aparentemente, inglês, de classe média. Como estávamos em pleno verão, lembro-me de que, apesar de meu torpor, espantei-me de que se vestisse de maneira tão estranha: trazia uma jaqueta e largas calças listradas. Nas mãos tinha uma bengala, um chapéu e uma maleta preta.

"O visitante saudou-me cordialmente e assentou-se à beira da cama. Senti nitidamente seu peso sobre o leito e pensei que era talvez um médico enviado pelas autoridades. E agradecendo-lhe a visita, disse-lhe que chegava tarde demais. Ignorando o que eu dizia, ele me examinou cuidadosamente, depois recomendou que enviasse um servidor ao Cairo a fim

de trazer, de um negociante de ervas, certo remédio que prescrevia: uma mistura de ervas que eu deveria tomar como infusão três vezes ao dia. Além disso eu deveria tomar suco de limão puro e não ingerir mais nada. Esqueço-me de dizer que, entrando no aposento, o visitante fora depor sua bengala e seu chapéu num aparador, atrás do qual havia um espelho. Durante a conversa, meus olhos caíram sobre seu chapéu e, para minha estupefação, eu via o espelho através dele. Então reparei que o visitante não estava presente, por assim dizer, em carne e osso. Perguntei-lhe quem era e de onde vinha.

“Respondeu-me que era um médico inglês e que, havia tempos, adquirira o hábito de fechar-se à chave em seu escritório por uma hora cada noite; concentrava-se, orava e rogava que fosse enviado para onde pudesse ser útil. Acrescentou que só raramente se lembrava de suas experiências, porém sempre sabia se seu trabalho fora ou não bem-sucedido. Depois de me haver afirmado que eu me restabelecera, desejou-me boa saúde e foi-se. Duvidando ainda da veracidade dessa visita, chamei o criado e perguntei-lhe se reconduzira o doutor. Muito admirado, ele assegurou-me que ninguém viera por toda a noite. Mandei o cozinheiro ao Cairo: ele encontrou o herborista e trouxe os medicamentos prescritos. Não posso dizer se minha cura foi devida aos remédios ou à simples presença do doutor, mas não tenho dúvidas de que minha vida foi salva pela intervenção desse mensageiro desconhecido.

“Quando voltei a Londres, no ano seguinte, envidei todos os esforços por encontrar o meu visitante, sem todavia nenhum êxito. A B.B.C. difundiu minha experiência sob o título — “O fato mais estranho que me ocorreu”, num programa de âmbito nacional. Algumas semanas depois recebi da Escócia uma carta confidencial de um prático em medicina geral que, presentemente, está morto. Contava-me que tinha o hábito de desdobrar-se e ir para onde o enviavam, mas não se lembrava de nenhum episódio de desdobramento no Egito. Possuía, porém, um amigo em Belfast que também se desdobrava em trabalhos semelhantes. Costumam discutir suas experiências. Rogava-me que não confiasse a ninguém o que contava, pois que temia o ridículo da Ordem dos Médicos.

“Ao curso de umas férias na Escócia bati à sua porta, mas estava ausente e quando, mais tarde, voltei a escrever-lhe, seu filho, médico também, respondeu-me que seu pai morrera no decorrer de uma viagem. Compreendi que o missivista

ignorava as surpreendentes experiências de seu pai, e forçado fui, embora aborrecido, a abandonar as pesquisas”.

Muitas vezes, pessoalmente, tivemos oportunidade de verificar casos de desdobramento de um excelente médium. Concluo que W. Tudor Pole, autor da obra, no dia em que a experiência se produziu, e provavelmente em razão de seu estado de saúde, tivera um momento de lucidez supranormal que lhe permitiu ver o duplo do médico vindo com o propósito de auxiliá-lo.

O livro de Mme. Simone Saint-Clair contém a narrativa de experiências do maior interesse, razão pela qual nós o aconselhamos vivamente a todos os leitores. <sup>(107)</sup>

---

(107) M. Lemoine. “La Mission du Medium Guérisseur”, pub. em *La Tribune Psychique*. Paris. Reproduzido no *Clarim*, Matão, São Paulo, de 15-3-1965.

## VIAGENS DO ESPÍRITO

Esse máximo problema é incompreensivelmente descurodo. Convimos que não tenha importância para os frívolos, para os que vivem apaixonados por questões terrenas, empolgados por suas ambições, preocupados com uma série de futilidades, senão de tolices, que fariam rir, se não fossem tão raras as exceções, por maneira que os ridentes é que ficariam com cara de idiotas.

O que é de pasmar, porém, é que a mesma indiferença, senão certa animosidade, para de estudiosos, de pessoas ilustres e até de cultores do Psiquismo.

Há uma Ciência que poderia facilitar esses estudos, abrindo terreno a grandes descobertas; é o Hipnotismo. Mas os hipnólogos fecham-se em idéias fixas, irremovíveis, e não só deixam de aproveitar-se da situação que os pacientes lhes proporcionam, como repelem, sistematicamente, tudo o que se possa opor às suas idéias já preliminarmente assentadas.

Assim, por exemplo, há margem no Hipnotismo para a verificação desse fenômeno básico que encaminha a verificação do dualismo — corpo e espírito. Mas os cientistas, ou não lhe prestam atenção, ou procuram uma explicação, que apresentam rápida e fugitivamente, como se lhe vissem o absurdo e tivessem pressa de abandonar a cartada.

No transe hipnótico o indivíduo obedece ao hipnotizador. Até aí compreende-se: o paciente faz o que o outro manda. Nada há em suas ações que não tenha uma origem conhecida. Explica-se o que ele faz e porque faz. Em determinada ocasião, porém, como que o *sujet* se torna independente; entra a fazer revelações, diz o que não sabe, chega a desligar-se do operador e desobedecer-lhe, ou a fazer coisas diferentes do que ele manda. Declaram os hipnotizados o que vêem ou ouvem, transportam-se a vários lugares, por comando ou livre alvedrio, descrevem o que presenciaram, as sensações que experimentaram, as impressões que tiveram.

Mas isto não parece interessar muito o hipnólogo, o qual, além de não saber nem poder explicar o caso, afasta com ironia a explicação espírita, a qual, por vezes, tem o dom de irritá-lo.

Vejamos exemplos de casos de desprendimento, com suas respectivas explicações científicas. É o *travelling clairvoyance* dos ingleses. Thomas Bret chama-lhe *metagnosie voyageuse*.

Ninguém trata de espírito, desprendimento ou coisa parecida: é clarividência, metagnosia... E para Bret, o paciente fala como se estivesse "realmente" em pessoa nos lugares que designa. A irrealidade para ele, porém, é patente, embora não se saiba porque.

A Srta. Signetti é hipnotizada por M. Navone. A Condessa Galatéri pede-lhe que vá a Turim, no local Vayrier-du-Lac, perto de Annecy, na Sabóia.

A sensitiva entra a descrever sua viagem; atravessa altas montanhas cobertas de neve e sente um grande frio, e sofre com essa temperatura glacial. Chega à cidade onde vê um belo castelo; é o de Chambéry. "Vou entrar para visitá-lo" — diz ela. A Sra. Galatéri opõe-se e pede que a paciente continue a viagem sem parar. Ela porém não obedece, entra no castelo e o descreve, admirando-lhe os suntuosos salões, verificando, entre outras coisas, que o parque estava cheio de escudos. Deixa depois o castelo e continua a descrever as paisagens e mais tudo que encontra e percebe até chegar ao destino.

Vejamos agora os esclarecimentos do Sr. de Bret. Cita ele, a propósito do frio, que tanto incomodou a Srta. Signetti, o caso da hipnotizada por Cahagnet, que, em fenômeno idêntico de "viagem espiritual", sentia um calor sufocante, e o sol, dardejando-lhe na face esquerda e no pescoço, tornou-os de um vermelho violáceo, que só desapareceu 24 horas depois. Tudo muito simples para o autor: "gênero de estigma, representativo de um efeito imaginário".

Quanto aos fatos da primeira, diz Bret: "Todos os que conhecem hipnotismo consideram essa narrativa como o resultado, com a dramatização apropriada, da diapsiquia da hipnotizada sobre o hipnotizador".

Como a diapsiquia da hipnotizada sobre o hipnotizador poderia produzir os informes certos? Quem quiser que entenda. Não no-lo esclarece o cientista.

Quanto aos escudos, diz ele que a médium os apanhou de um assistente; não se sabe se isto é fato averiguado ou palpite; deve ser uma saída. As demais informações, não explicam de onde a paciente as colheu. E passa, sem lhes tocar, por vários outros casos onde se prova que o hipnotizado não os poderia ter sabido de fonte nenhuma.

E quanto ao frio, que teríamos como demonstração da viagem, serviu a Bret de prova contrária: "A sensação de frio experimentada por um 'espírito' é prova de que a viagem é puramente imaginária".

Bret não sabia que o espírito ainda preso ao corpo pode participar das sensações do corpo; não conhecia as experiências da exteriorização da sensibilidade. E não podia perceber, desconhecendo a vida *post mortem*, que Espíritos, ainda presos à Terra, apesar de inteiramente desligados do soma, têm impressões físicas, sofrem como se estivessem no corpo, padecem distúrbios fisiológicos, e alguns, tal seja o seu atraso, inferioridade e crimes, sentem a terra pesar-lhe e o corpo decompor-se.

Mas, que pode saber disso Thomas Bret? "Rien, mais absolument rien." E transmite a sua insciência a milhares de pessoas. Vejamos outro caso:

Em 1863, a Sra. Wilmont ficou sem poder dormir até alta madrugada, sentindo-se angustiada, atormentada por esse pensamento: Como posso saber o que está acontecendo a meu marido, nessa terrível tempestade que dura tantos dias e que já ocasionou o naufrágio de um grande navio?

O marido narra: "Ela veio procurar-me. Atravessou o mar e encontrou meu navio; subiu a bordo e chegando à minha cabine disse: — Havia um homem aqui que me olhava fixamente, e cheguei a ter medo de entrar. Depois aproximou-se, abraçou-me e voltou".

O caso é da coleção de Frederico Myers.

A Sra. Wilmont, por sua vez, afirma que possuiu a sensação nítida de ter ido procurar o marido e o ter visto. Tal era a sua certeza que ela, presa até então de indizível angústia, sentiu-se feliz, inteiramente reconfortada.

Myers, como os dois protagonistas, acreditam na viagem em espírito...

Bret sorri superiormente, com aquele sorriso discreto dos sábios, e declara: "Eles ignoram a existência e a possibilidade da telediplosia".

Com o letreiro se satisfaz, e devia ter dado por satisfeitos os seus leitores e discípulos.



Sob o título de “Interessante Caso de Bilocação” (An interesting case of bilocation — *American Journal*, abril, 1932, pág. 174), a Dra. Gerda Walther publicava o seguinte caso: “Quando fazia conferências em Copenhague, travei relações com o Sr. Jensen, presidente da Sociedade Metapsíquica e sua senhora, que possuía excepcionais faculdades psíquicas. E eles me contaram o seguinte: ‘O Sr. Jensen costuma viajar e ela sabia para onde ele ia. Certa vez, doente, foi passar tempos na ilha Bornholm. Uma noite despertou com um terrível trovão; lembrou-se então de entrar em comunicação com o marido, que, desta vez, não sabia onde estava. Procurou-o mentalmente, saiu em espírito, e achou-o por fim, caminhando por uma rua; ele entrou numa casa, foi para o quarto, despiu-se e deitou-se. Ela viu ainda que ele não tomara o remédio, o que a contrariou. No dia seguinte escreveu ao marido contando o sucedido. Este, por sua vez, a vira. Ele estivera em Renders, onde sua mulher nunca fora. Dera um passeio, voltou ao hotel e foi, muito fatigado, para a cama. Aí, repentinamente, viu o fantasma da consorte, com veste habitual. Espantou-se, supondo que algo lhe tivesse acontecido, mas a face calma do fantasma não denunciava acidente. “Remeteu-lhe um telegrama no dia seguinte, dando-lhe o endereço, e o telegrama cruzou com a carta de sua mulher, que lhe escrevia, precisamente para o lugar onde ele se achava, e narrava a sua aventura noturna”’.

Parece lógico que se trata de “viagem espiritual”: ela vai ao hotel onde ele está, e o vê, e nota que não tomou o remédio; ele, por seu turno, a vê e lhe nota o vestuário e o semblante. Tudo se passa como se o espírito da Sra. Jensen ali estivesse.

Nada! Interpretação infantil, de primitivos. Os doutos viram no caso pura telepatia. Mas o Dr. Bret, que não dorme de touca, logo pôs o dedo na solução: psicorragia telediplósica.

Não há nada, para as situações difíceis, como o milagre de uma nomenclatura.

Todos esses exemplos foram colhidos na própria obra de Bret <sup>(108)</sup>, autor francês, erudito na matéria, mas empenhado em descobrir, fora da independência do espírito e do fenómeno patente do “desprendimento espiritual”, uma “causa científica” que o pudesse justificar. Para muitos, falar em Espiritismo, tocar em sua doutrina, ou crer na manifestação

(108) Thomas Bret. *Les Métapsychoses*.

do Espírito sem a escravização da matéria, ser-lhes-ia uma *capitis diminutio*, por maneira que, nem de leve, afloram a hipótese, que se tornaria em desdouro para a Ciência e em vilipêndio para o conhecimento de que eles são os sédulos sacerdotes e, para eles, as vestais da verdade.

O escritor Vincenzo Turvey, que tinha a faculdade de deixar o corpo, relata as impressões que produziam suas singulares viagens. Diz ele: "Quando o meu espírito abandona temporariamente o corpo, parece-me voar através do espaço com tal rapidez, que fica indistinta e confusa a minha visão e a paisagem sob mim. Crendo librar-me a não mais de duas milhas da superfície terrestre, torna-se-me bastante árduo distinguir a terra da água, as florestas da cidade. Não distingo inteiramente os pequenos rios e as pequenas aldeias.

"Quando alcanço a mera — digamos que ela seja a casa de Mr. Brown em Bedford — posso deambular pelo apartamento, observar os móveis dos quartos, distinguir o conteúdo dos recipientes, apalpar os cortinados e perceber que são de veludo, advertir um escapamento de gás, diagnosticar uma doença, conhecer os negócios de Mr. Brown. Algumas vezes conseguem ver-me. Chego ainda a escutar as conversas familiares, e, em semelhantes circunstâncias, consegui comunicar-me por um médium e conversei com os presentes". (109)

Faz-se fiador do narrador e da narrativa o eminente filósofo Ernesto Bozzano, que assim se externa: "Trata-se de leve incidente, ao qual não falta valor sugestivo, tanto mais se levarmos em conta que o sensitivo-protagonista é o próprio autor do livro em que narra esta história. Convém dizer que é ele um perfeito gentil-homem, cujo nome sugere a mais escrupulosa autenticidade e há que confiar no que ele refere em torno de suas próprias experiências". (110)

Orazio Catucci, membro de um centro de experiências, quando conversava com um amigo, recordou que àquela hora os companheiros de Vera Cruz se encontravam reunidos em sessão. Pediu ao amigo que o deixasse tranqüilo: apanhou uma folha de papel, escreveu algumas linhas, e propôs-se transmiti-las telepaticamente àqueles companheiros.

Houve um momento — disse ele — em que viu o aposento das sessões, a mesa redonda e as pessoas que estavam em

(109) Vincenzo Turvey. *The Beginnings of Seership*. Pág. 221.

(110) Ernesto Bozzano. *Delle Comunicazioni tra Viventi*. Roma, 1924. Pág. 40.

torno. Pareceu-lhe que se avizinhava do presidente do Grupo que apanhava a mesa com ambas as mãos e transmitia tipologicamente letra por letra, o conteúdo da mensagem que intentava enviar. Declarou mais, que não tinha grande esperança de êxito, pois ignorava as condições necessárias para tal experiência. E não mais pensou nisto.

Mas o presidente, noticiando o resultado da sessão, escrevia-lhe: Tudo andou bem, mas logo se intrometeu um espírito mistificador, que intentou enganar-nos, transmitindo-nos uma mensagem, imagina, assinada por ti. Envio-te uma cópia para que te divirtas, lendo-a.

O Sr. Catucci, em vez de divertir-se, ficou seriamente espantado, pois que a mensagem colhida tipologicamente em Vera Cruz, era a reprodução fidelíssima da mensagem que ele transmitira. <sup>(111)</sup>

Muitos fatos como esse correm por aí. Para uns é patente a mistificação, ou do Espírito, ou dos experimentadores. Os mais científicos estão vendo no caso a transmissão do pensamento, apesar das minúcias referidas pelo transmissor, que não se sabe onde o pensamento as iria colher. E há ainda a semelhança deste caso com outros, onde o apelo às transmissões será impossível de aceitar.

Extraio agora o seguinte caso do repertório de Richet: “O Dr. Backman, de Kamar, Suécia, observava a jovem Alma L., em sono hipnótico. Num caso muito interessante, em que parece haver algo mais que lucidez, pediram-lhe que fosse à casa do diretor geral de pilotagem em Estocolmo, onde a sensitiva nunca estivera. Ela vai e vê o diretor junto à escrivãzinha, descreve exatamente o quarto em que ele se achava. Deram-lhe então a ordem de apanhar as chaves que estavam na mesa e colocar a mão no ombro do diretor para chamar-lhe a atenção.

“O diretor, por quem não passava a idéia de uma experiência com ele, disse que sentira algo de esquisito no dia e hora em questão. Estava ocupado em seu trabalho quando, sem saber por que, olhava para as chaves. Entreviu, então, uma forma de mulher. Como o fato se repetisse, chamou alguém e foi verificar do que se tratava. Ora, mulher nenhuma viera ao quarto...” <sup>(112)</sup>

As coisas se passaram, pois, como se o Espírito da moça viesse ao quarto do diretor e procurasse executar o que lhe

(111) *Light*. 1893. Pág. 164.

(112) Charles Richet, *Traité de Métapsychique*. 2.<sup>a</sup> ed. Pág. 154.

mandaram, não sendo tudo exequível, porque lhe faltavam os órgãos materiais. Mas fez o que lhe foi possível, com seu corpo espiritual: descreve o que vê, o que se passou, e o diretor sente a sua presença.

É ainda da grande experimentadora que foi a Sra. Sidgwick o seguinte relato:

Hansen hipnotiza o Sr. Balle, advogado em Copenhague e manda que ele vá a Roeskilde, onde está sua progenitora. Balle dirige-se em espírito ao lugar designado e declara que a mãe do hipnotizador se acha acamada na Rua Skromager. Contestou-se a informação, porque a senhora não estava enferma nem residia na aludida rua. Feitas as necessárias pesquisas, verificou-se a exatidão de tudo que dissera Balle. <sup>(113)</sup>

#### AINDA A VIAGEM ASTRAL

Uma das modalidades da exteriorização é o afastamento mais ou menos prolongado do Espírito, com todas as características de uma viagem pelo Espaço, cheia, algumas vezes, das peripécias comuns aos viajantes.

No sono natural, a exemplo do sono provocado, o espírito liberto tem percepções que não lhe seriam permitidas em vigília, pelos embarços que o corpo lhes opõe. Temos então os relatos de viagens a lugares conhecidos ou estranhos, dos encontros com vivos ou mortos, os avisos, as revelações extraordinárias, a premonição. Tudo é levado a conta de sonhos... Seriam para a Ciência reminiscências, retalhos da vida cotidiana, ou então perturbações do cérebro, do estômago, do fígado, quando não entramos no terreno freudiano.

E como se trata de sonhos, não se lhes presta atenção. À miopia científica vem juntar-se a empáfia dos "espíritos esclarecidos", e o assunto, que se prestaria a grandes estudos e nos proporciona grandes ensinamentos, fica lançado nos rincões da fantasia. Mas o caso é que se registram provas patentes da presença e da ação do dormiente, conhecidas agora ultimamente como fato supranormal:

Mr. Newnham vê-se, em sonho, de repente, transportado para perto de sua noiva, em lugar distante; sente que lhe toca, e ela, perfeitamente acordada, sente que é tocada pelo

---

(113) *Proceedings*, VII, 1892. Pág. 366.

noivo. A surpresa é mútua quando cada qual conta o sucedido. <sup>(114)</sup>

O vigário Boyle quando morava na Índia vê em sonho o sogro, então residindo em Brighton, na Inglaterra, e que supunha perfeitamente hígido, estendido na cama, muito pálido, enquanto a sogra atravessava silenciosa o quarto para administrar-lhe os medicamentos. Dissipada a visão, continuou a dormir, sem mais se preocupar com o sonho. Mais tarde recebe a notícia do falecimento do sogro e depois a confirmação dos detalhes. <sup>(115)</sup>

Frederico Myers, que nos apresenta uma compilação de casos que tais, escreve: "Os fatos que temos citado mostram que, muitas vezes, durante o sono ordinário, a alma abandona o corpo e conserva, de modo mais ou menos confuso, o que ela viu durante sua excursão clarividente".

E ainda: "Os pacientes afirmam muitas vezes ter revisto no sono cenas terrestres e verificado mudanças que se haviam produzido efetivamente, desde que visitaram, em vigília, tais lugares pela última vez". <sup>(116)</sup>

Ao grande psicólogo não escapou essa viagem do Espírito durante o sono. É que os fatos não podem ser ajeitados à feição das doutrinas, senão que as doutrinas é que derivam dos fatos.

Tais fenômenos já foram amplamente observados e devidamente registrados em várias obras, e delas poderemos destacar os *Proceedings of Society for Psychical Research*, o *Journal of Society for Psychical Research*, e o trabalho de Gurney, Myers e Podmore — *Phantasms of the Living*.

Myers declarava em *Personalidade Humana*: "Está provado para mim que certas manifestações de individualidades centrais associadas atualmente ou anteriormente a organismos definidos, foram observados independentemente desses organismos, quer durante a vida deles, quer após a morte".

E, tratando do hipnotismo: "Nos estados profundos a alma pode, em parte, distrair sua atenção do organismo e levá-lo a alguma outra parte, podendo retomar instantaneamente sua atitude para com o organismo. Produz-se a morte corporal quando a atenção da alma é completa e irrevogavelmente des-

(114) Gurney, Myers and Podmore. *Phantasms of the Living*, 1. Pág. 225.

(115) *Proceedings of. S.P.R.*, 111, 265-266.

(116) Myers. *The Human Personality*. Trad. cit. Págs. 359-360.

viada do organismo, que, por causas físicas, se tornou incapaz de conformar-se com a direção do espírito". (117)

Vejamos ainda alguns exemplos, que resumimos o mais possível.

Há o citado por Varley, o genial electricista britânico: "Eu fizera estudos sobre a faiança e os vapores de ácido fluorídrico me causaram espasmos da glote. Como costumasse acordar com ataque espasmódico, aconselharam-me a ter sempre à mão éter sulfúrico; e como seu odor me fosse insuportável, passei a usar clorofórmio. Certa noite, quando se produziu a insensibilidade, tombei de costas com a esponja sobre a boca.

"A esposa amamentava uma criança em outro quarto. Pouco depois, via a mulher num quarto, e a mim, no mesmo tempo, deitado de costas, com a esponja nos lábios, sem poder fazer qualquer movimento".

Por esforço de vontade, Varley fê-la compreender que ele corria perigo. Ela para logo se levantou, tomada de alarme, foi ao pé do marido e lhe retirou a esponja. O marido reuniu suas forças para dizer-lhe: "Vou esquecer tudo isso, bem como a maneira por que o fato aconteceu, a menos que o recordes amanhã. Não deixes, pois, de dizer-me o que te forçou a vir até mim".

No dia seguinte, ela seguiu fielmente a recomendação; e ele de fato esquecera tudo, até que, com o correr do dia, lhe veio à mente todo o episódio. (118)

Delanne observa que não se podia tratar de sonho, desde que houve fatos materiais como a intervenção da Sra. Varley. Trata-se de narrativa de pessoa que conta o que lhe sucedeu.

O catedrático americano J. Hyslop narra o seguinte:

"A uma jovem de 24 anos foi administrado um anestésico por ocasião de uma operação cirúrgica. Conta ela: Pareceu-me estar livre no aposento e me sentia eu mesma, bem que sem o corpo. Via-me transformada em Espírito, e acreditava ter alcançado a paz depois de tantas dores. Contemplava meu corpo estendido, inerte, na cama. No quarto achavam-se duas irmãs de minha sogra, uma das quais, sentada no leito, aquecia-me as mãos, enquanto a outra ficava de pé, ao lado. Não desejava de forma alguma voltar ao corpo, ao qual, por fim, me senti arrastada, muito contra minha vontade. O que há de mais curioso é que, logo ao acordar, perguntei: — Onde está a

(117) Frederico Myers. *The Human Personality*. Na trad. de Jankevitch. Págs. 33 e 190.

(118) Relatório da Soc. Dialética de Londres, 1869; G. Delanne. *Apparitions Materialisées*.

Sra. K.? — Ao que minha sogra observou: — Como sabes que ela veio cá?”.

Tratando do duplo etérico, que é o perispírito, diz o Dr. Antônio Freire que ele tem funções biológicas, fisiológicas e mediúnicas. E estabelece mais cinco funções, de que transcrevemos a segunda: “Desprender-se do corpo físico, exteriorizando-se em condições particulares (sono fisiológico, narcotizações, hipnotizações, autodesdobramento espontâneo, etc.), projetando o duplo a distâncias quase ilimitadas, animado de velocidades vertiginosas, levando consigo toda a sua individualidade psíquica, corporizando-se por vezes, ficando invariavelmente ligado ao corpo físico, pelo cordão astral, resistindo a todas as forças físico-químicas e naturais, atravessando todos os obstáculos, por mais densos que sejam, como a luz atravessa os corpos transparentes.

“Este fenômeno, já muito vulgarizado e bem estudado por alguns experimentadores, é designado, indiferentemente, pelas seguintes denominações: saída em astral, desdobramento, exteriorização do duplo, bilocação, bicorporeidade, etc.

“A saída em astral é uma projeção do duplo, limitada no tempo e no espaço — uma desintegração seguida duma reencarnação — enquanto que a morte, ou mais precisamente, a desencarnação, é a saída em astral definitiva.

“A morte, em última análise, é o rompimento completo e integral do cordão astral. Só assim o perispírito readquire a sua liberdade ascensional para o mundo astral”. (119)

Aquele notável médico português define, em síntese muito clara, o que é o desprendimento do ser espiritual, na vida do corpo, e não deixa dúvida sobre o que é o fenômeno e quais os seus trâmites.

Para corroborar a veracidade da exteriorização e demonstrar que o Espírito desprendido se achava distante do corpo e nos lugares que disse ter percorrido, há os casos em que ele é visto nesses lugares por terceiros, os quais confirmam muitas vezes outros dizeres do “viajante”. Ilustremos a assertiva:

Conta a Sra. Bardelia que habitava no Auvergne quando teve que sofrer uma operação. O marido escrevia-lhe dando sempre notícia dos filhos. Certa vez não recebeu ela a costumada carta do cônjuge e à noite sonhou que se achava no quarto do filho mais velho, de nome João. Ficara em pé, perto da cama do filho e olhava ansiosa para o marido que, munido de um pincel, fazia embrocações na garganta do menino.

---

(119) Dr. Antonio J. Freire. *Da Alma Humana*. Lisboa. Pág. 60 e seg.

Aflita, contou o sonho à mãe, que o atribuiu à exaltação de febre. No dia seguinte o marido lhe comunicava que a criança tivera difteria, e a missiva terminava assim: "O pobre pequeno, em meio aos seus sofrimentos, não esquecê a sua mamãe. Quando me levantei à noite passada a fim de pincelar-lhe a garganta, disse ele em pranto: Por que mamãe está ao pé da cama e não me abraça?" (120)

Leo Primaresi lia em seu quarto, quando teve a impressão de achar-se na casa de um seu amigo; havia ali uma luz forte; deviam ser 23h47m.

Indo visitá-lo no dia seguinte, disse-lhe a dona da casa: "Eu o vi ontem; antes de dormir, estava terminando pequena tarefa, quando o percebi num canto do quarto, vestido de preto; por fim desapareceu como uma nuvem que se evapora. Era meia-noite menos um quarto".

A lâmpada forte estava na posição em que ele a vira, e ele no momento vestia de preto. (121)

O Sr. John Law, católico, narra que acabara de deitar-se quando, como num sonho, o Espírito se elevou fora do corpo, deixou o quarto para voltar num intervalo de inconsciência. Mais tarde, uma velha perguntou porque tinha passado na rua perto dela sem falar-lhe. (122)

As revelações dos médicos revestem-se de grande valor. Não nos furtemos pois ao prazer de apresentá-las. Esta é do Dr. Thomas Melligan: "Tive a impressão de que uma de minhas doentes estava morta, isto durante três horas. Mas a defunta volta a si e narra a viagem que acabava de fazer. No começo era tudo obscuro — diz ela. — Pareceu-me em seguida que eu deslizava pelo espaço a intermináveis distâncias. Depois de certo tempo vi diante de mim uma região iluminada por estranha luz. Mais radiosa que o Sol, era como chama deslumbrante que penetrasse todas as coisas e não provinha de nenhum ponto do espaço. Noto-me, enfim, em meio a grande multidão que me sorria e se aproximava de mim. De repente olho e vejo minha mãe; perto dela, um parente afastado, de há muito falecido. Enquanto, absorta, entretenho-me com eles, a luz se foi apagando... e despertei". (123)

É comum, nos pacientes que experimentam o fenômeno de bilocação, esse estado de euforia, a sensação do esplendor que

---

(120) Père Henry. *Nos Devenirs*. Pág. 127.

(121) *Annales des Sciences Psychiques*. 1907. Pág. 135.

(122) *Psychica*, Dez. 1937. Pág. 201.

(123) *The Occult Review* e *Revue Spirite*. 1925. Pág. 275.



os circunda, a leveza de que se acham possuídos, o prazer da liberdade, a anulação das dores que os afligiam, um bem-estar incomum, que jamais tiveram, e, muitas vezes, a todas essas magníficas sensações une-se a inexprimível alegria do encontro de parentes e amigos, de pessoas muito caras, tidas como afastadas, como extintas para sempre. São incidentes que nunca é demais repetir. E nunca é demais multiplicarmos os exemplos por forma que se tenha a convicção do fato.

Da descrição de uma senhorita, que se desprendeu em conseqüência ao estado de coma: "...Dirigi-me para a porta sem mover os pés, deslizando pelo ar. Passei por portas e paredes, cheguei ao salão, desci as escadas e encontrei-me na rua. Esta me pareceu esplendidamente iluminada, sem transeuntes. Neste instante, senti-me invadida por um sentimento de beatitude inefável — a da criatura que possuísse saúde, beleza, riqueza, reputação e honra; todo o amor e todas as alegrias da vida, sem nunca haver conhecido pena, desgosto, sofrimento, uma dor qualquer. Era a completa tranqüilidade celestial que experimentava nessa região de perfeição absoluta". (124)

O Dr. Quartim, reportando-se ao fenômeno por que passara, declara: "O que experimentei foi um sentimento delicioso de absoluta liberdade". (125) E. M. Costa referindo-se ao seu desprendimento por asfixia, em conseqüência da fumaça de um candieiro, exclama: "Nunca tive tão clara a sensação de viver como no momento em que me senti separado do corpo". (126)

Trarieux d'Egmont, curioso por saber o que eram tais fenômenos e as sensações que produziam, resolveu experimentá-los em si, o que conseguiu. Escreve então: "Todas as noções seculares de peso, aprisionamento, impossibilidades, desapareceram como por encanto. Era um estado natural e feérico". (127)

Um especialista em tais casos assim descreve as sensações do Espírito, nessa separação temporária: "A saída para o Astral dá uma sensação especialíssima: experimenta-se um como estremezimento; há a impressão de que se vai cair, bem como a de elevar-se; isto da primeira vez, pois as sensações se vão modificando até que verifique o Espírito que ascende no espaço, que pode atravessar paredes e que já não está no corpo". (128)

(124) *Journal of American Society*, 1918.

(125) *Journal of American Society*, 1908. Pág. 405.

(126) *Revue Spirite*, 15-2-1928. Pág. 82.

(127) Trarieux d'Egmont. *La Vie d'Outre Tombe*. Pág. 51.

(128) Luigi Belloti. *Per Viaggiare in Astrale*. Pág. 34.

## MENSAGENS ENTRE VIVOS

Entre os fenômenos anímicos poderemos incluir as mensagens mediúnicas transmitidas pelos vivos, assim como existem as mensagens mediúnicas transmitidas pelos mortos, e aquelas seriam um meio de percebermos como estas se produzem.

Nunca seria de mais lembrar a monografia de Bozzano que trata desta parte da "comunicação dos vivos" e a que deu o nome de *Delle Comunicazioni tra Viventi*.

E é assim que nos diz: "Con l'appellativo di fenomeni medianici viene designato un complesso di manifestazioni, tanto fisiche che intelligenti, le quali si estrinsecano per ausilio di forze o de facoltà sottratte temporaneamente a un medium — talora in piccola parte agli assistenti — da una volontà estrinseca al medium e agli assistenti. Tale volontà può essere quella de un defunto como quella di un vivente". (129)

Traduzindo: "Com a denominação de fenômenos mediúnicos é designado um complexo de manifestações, tanto físicas como inteligentes, que se exteriorizam com o auxilio de forças ou faculdades extraídas temporariamente de um médium — às vezes, um pouco, dos assistentes — por uma vontade alheia aos médiuns e aos assistentes. Tal vontade pode ser a de um defunto ou a de um vivente".

Bozzano, com seu rigoroso método científico, dividiu essa parte em duas categorias — a das mensagens em que agente e percipiente se acham próximos e as em que se acham afastados, e esta última ainda se divide em sete grupos, como sejam as transmitidas no sono, em vigília, por vontade de um médium, por vontade de um terceiro, por moribundo, ou com auxílio de um guia.

Vejamos mensagem transmitida em sonho. O caso foi publicado na revista russa *Rebus*. É seu relator K. Gorky.

---

(129) Ernesto Bozzano. *Delle Comunicazioni tra Viventi*. Pág. 3.

Escreve ele que, reunindo um grupo de conhecidos, se deu a tais estudos e conseguiu o auxílio de excelente médium psicógrafo. Um seu irmão se achava em remota cidade da Sibéria. Como tivessem grande empenho na certidão de batismo de uma irmã, escreveram uma carta ao irmão ausente, e depois um telegrama pedindo informações, que não vieram. Demos agora a palavra ao narrador: "Sentamo-nos como de costume à mesinha de experiências, aflitos pela falta de notícias. O lápis do médium correu rápido e foram ditadas várias comunicações interessantes, quando ele se interrompe bruscamente, para tornar a escrever, agora com caracteres quase ilegíveis. Quando perguntamos quem ali estava, o médium escreveu o nome de meu irmão. Um espanto indizível invadiu-nos os pensamentos pela idéia de que ele estivesse morto, e que essa fosse a razão de não termos tido resposta. Interrompemos a sessão, em grande angústia. Depois de algum tempo, o médium retoma o lápis e continuou a escrever com a mesma celeridade algumas linhas, onde só pudemos ler esta frase: O atestado se encontra em um escaninho secreto do meu cofre.

"Ninguém pensara em revistar aquele antigo móvel, no qual, logo ao abri-lo, descobrimos o documento no esconderijo indicado.

"Certos de que nosso irmão amado não existia mais entre os vivos, levantamos a sessão, e fomos tristemente para os nossos quartos, com as lágrimas nos olhos. Mas, um dia depois o telégrafo trazia-nos uma alegre notícia — meu irmão telegrafava dizendo: O atestado se acha num escaninho secreto do meu cofre.

"Declarava ele depois em carta que, aflito por não ter podido escrever, cansado, caiu em profundo sono, e sonhou que viera pessoalmente dar a desejada resposta".

O artigo, com outros pormenores, é assinado por Kirchdorf Kruitja Gorky, e acompanhado de mais cinco testemunhos. <sup>(130)</sup>

Outro episódio é o caso apresentado pela insigne escritora Annetta Boneschi-Ceccoli, que não é possível transcrever na íntegra, dada a sua extensão. Digamo-lo em breves palavras:

A senhorita Giulia, uma intelectual, sentava-se à mesinha de três pés, com sua mãe e uma prima, que pouco acreditava naquilo. Quando a mesa começou a falar, perguntaram-lhe quem estava presente, e ela respondeu: "Um teu apaixonado".

— Não tenho apaixonados no Outro Mundo — disse Giulia, rindo-se.

---

(130) *Rivista di Studi Psichici*, 1898. Pág. 143.

— Não sou um defunto, mas um homem de carne e osso — respondeu ele.

O comunicante identificou-se: engenheiro, siciliano, ficara enamorado diante de uma novela da moça. Depois de recitar-lhe um madrigal, declarou que iria escrever-lhe. E as sessões continuaram com grande divertimento para a assistência — “e così ci si divertì mezzo mundo alle spalle di quello spirito burlone”.

Era um espírito burlão; mas a surpresa foi grande quando surgiu a carta do siciliano. Giulia procurou informar-se com amiga da localidade de seu enamorado, e soube da realidade da carta e da existência do remetente, com uma nota apenas dissonante — ele era casado, embora separado da mulher.

Enfim, apareceu ele um dia: “era un simpatico bruno...” Narrou a sua desditosa vida doméstica, os motivos da separação, e muitas outras coisas disse, mas as relações entre ambos não passaram de “un semplice flirt peripatetico” — refere a narradora — e assim terminou esse transcendente romance. <sup>(131)</sup>

Como ligeira amostra ainda da intervenção do desencarnado nas comunicações dos vivos, temos o caso da conhecida e exímia escritora inglesa Florence Marryat.

Alguns psiquistas perguntaram ao espírito-guia Charlie se era possível invocar o espírito de um vivo. Charlie propôs-se tentar e conseguiu apresentar a aludida escritora. Diz ela: “Estávamos no coração da noite e eu me achava profundamente adormecida. Os meus amigos reunidos viram a mesa agitar-se, e à pergunta: quem és? — disse a comunicante: — Eu sou Florence Marryat; como ousam vocês importunar-me? Deixem-me voltar a casa, que meus filhos devem estar em perigo”.

Os amigos desculparam-se como puderam. Ora, os filhos daquela senhora achavam-se num pequeno aposento, quando um seu cunhado, Enrico Morris, mostrando um fuzil, deu inadvertidamente um tiro, indo a bala alojar-se na parede, a dois dedos da cabeça da filha. Isto já foi pela manhã.

A senhora indaga como poderia preconceber o que se iria passar acidentalmente na manhã seguinte. Provavelmente era Charlie que o sabia — ponderava ela. <sup>(132)</sup>

A mesma senhora Marryat refere que costumava levar os filhos, na estação estival, aos banhos de mar. E para certifi-

(131) Annetta Boneschi-Ceccoli. *Luce e Ombra*. 1916. Pág. 40.

(132) Mrs. Florence Marryat. *There is no Death*. Págs. 36-37.

car-se que a mesa poderia mover-se independentemente das "cerebrações inconscientes" dos homens de Ciência, entendeu-se com dois amigos, para continuar as experiências, ela na própria casa, à beira-mar, e eles em Londres, tudo com o auxílio de Charlie. E deu o nome dos amigos.

Disse ela a Charlie: "Pergunte-lhes se sentem falta de mim por lá". Charlie trouxe a resposta: "Informe a Mrs. Marryat que Londres parece um deserto sem ela". Ao que ela replicou, sincera, embora asperamente: "Estupidez".

Poucos dias depois recebeu uma carta de um deles, Helmore, que observava: "Acho que o bom Charlie já está cansado de servir de moço de recados, porque na última 5.ª-feira, apesar de nossa insistência em conhecer pela mesa a sua mensagem, a mesa só dizia: Estupidez".<sup>(133)</sup>

Não é bem uma comunicação direta entre vivos, mas é engraçado.

Muito teríamos que caminhar, se quiséssemos multiplicar os exemplos. Nas *Cartas de Júlia (Letters from Julia)* do grande jornalista William Stead, teríamos um copioso documentário. Mas a estrada ainda é longa e o espaço não permite uma digressão maior.

Convém por último não desprezar a opinião de um fervoroso católico, que escreveu um livro para defender a imortalidade e as teses de sua religião, e que o publicou lá pelos idos de 1866: "Outras vezes, na plenitude da vida, a alma chega a seqüestrar-se completamente dos sentidos. No êxtase, no arroubamento, em estranhas divagações para além de nossas balizas e levantamentos sublimes ao Céu, e também em certos fenômenos mais ou menos passageiros do magnetismo, a alma tanto se desata de objetos materiais, tanto se entranha em outros mundos, que alguns filósofos a cuidariam realmente separada do corpo".<sup>(134)</sup>

Já sabia em 1866 o que ainda hoje ignora muita gente ilustrada.

(133) Mrs. Florence Marryat. *There is no Death*. Págs. 42-44.

(134) Baguenault de Puchesse. *A Imortalidade — A Morte e a Vida*. Trad. de Camilo Castelo Branco. 1866. Pág. 13.

## O ÚLTIMO DESPRENDIMENTO

Tratamos até agora do desprendimento temporário. Vamos ao último.

É da independência do ser vivo que chegamos com mais facilidade à independência do Espírito após a morte. É essa a opinião de vários psiquistas e entre eles Ernesto Bozzano, que escrevia num de seus trabalhos: "L'importanza teorica della presente monografia appare evidente e consiste in ciò, che i casi di comunicazioni medianiche tra viventi, realizzandosi con processi identici a quelli per cui si intrinsecano le comunicazioni medianiche coi defunti, offrono la possibilità di compenetrare meglio la genesi di questi ultimi". (\*)

Em suma, da análise comparada entre fenômenos anímicos e espíritos se verifica a realidade da independência do espírito.

Já por vezes, vimo-nos referindo aos mestres da Fisiologia quando declaram que a Ciência ignora os meios por que o cérebro fabrica as qualidades intelectuais e morais; mostramos a razão que nos leva a admitir a ligação temporária entre o cérebro e o espírito. Buscamos demonstrar a patente independência do espírito em determinadas crises e em determinados fenômenos, como no caso das lesões cerebrais; no das percepções fora do corpo, sem qualquer auxílio dos sentidos, onde o indivíduo descobre coisas ocultas, vê o que se passa no próprio organismo ou nos organismos alheios, descreve lesões nos órgãos ou o seu mau funcionamento, fato a que deram o nome de autoscopia; viu-se que há a leitura de cartas fechadas ou descrição de objetos encobertos; o diagnóstico de doenças, que se manifestam no corpo do próprio *sujet*, em estado

---

(\*) A importância teórica da presente monografia torna-se evidente e consiste em que os casos de comunicação mediúnica entre os vivos realizam-se com processos idênticos aos que apresentam as comunicações mediúnicas com os defuntos, e por isso oferecem melhor possibilidade de compreender-se a gênese destes últimos.

hipnótico ou fora dele. Referimo-nos aos membros amputados, que continuam sensíveis; para a demonstração de que persiste no organismo a parte perispiritual correspondente; há as fotografias, as experiências do Dr. William Bernar Johnson, de Nevada, USA, e outras; o desmembramento embrionário dos hemiplégicos, que percebem perto de si o lado paralisado ou a seção longitudinal do duplo fluídico.

Há a exteriorização da sensibilidade; os casos de desdobramento ou desprendimento em que a pessoa vê do corpo o espírito flutuando ao pé dele, ou vê com o espírito o corpo inerte no leito, numa cadeira, estirado no assoalho... Existem as mensagens dadas pelos vivos, tais como as fornecidas pelos mortos, e que os inespertos englobam numa rubrica única. Dos desprendimentos em suas várias formas salienta-se a bilocação, fato conhecido de tempos imemoriais e divulgado nos agiológicos. Tratava-se até então de uma literatura quase que confinada ao *Flos Sanctorum*. Deixando o corpo, transfere-se o Espírito a lugares distantes; ora ele é visto por terceiros; ora ele narra, de volta ao corpo, o que viu e ouviu; ora ele vê e outros o vêem, coincidindo a narrativa do espírito desprendido com a dos que o observaram; e temo-lo apontando os lugares por que passou, as pessoas que encontrou, os panoramas que descortinou.

Há que notar a concordância das descrições, principalmente no que toca às sensações do espírito perambulante. A menos que se trate de um malfeitor, percebe ele que deixou o corpo; vê o corpo como se estivesse fora dele; atravessa paredes como se elas não existissem; sente-se leve, hígido, livre, feliz; impressiona-o o prazer de levitar, o que concorda com muitos sonhos, e o autor deste artigo tem disso exemplos pessoais — em que o sonhador se vê e sente como voando, e a sensação de leveza e de vôo é encantadora.

A prova material do “duplo fluídico” é atestada pela fotografia. Elas foram tiradas pelo capitão Volpi na Itália, pelos professores Istrati e Hasden na Rumânia, pelo rev. Stinton Moses em Londres, pelo coronel De Rochas e por Durville em Paris.

É clara a conclusão de que se o Espírito pode, parcial e momentaneamente, viver fora do organismo material ou dele se afastar, não há que estranhar sua manifestação após aquilo que chamamos morte.

Não afirmariamos que os nossos doutos antagonistas desconheçam que o ser espiritual presta informes que deveria ter colhido alhures, fora do corpo, porque tais fenômenos são por eles mesmos atestados. O que é para estranhar, tratando-se de pesquisadores não sectários, é a rapidez e a ingenuidade com que dão tudo por inteiramente resolvido, sem maiores indagações, o que talvez lhes trouxesse algum trabalho e desapontamento.

Para alguns de nossos patrícios e mesmo não patrícios trata-se de Hipnotismo. Lá porque o hipnotismo deles fez o percipiente descobrir o indescobrível e perceber o imperceptível é assunto em que não se perdem. Deve parecer-lhes muito claro e plausível o fenômeno; infelizmente os leigos é que não atinam com a plausibilidade e a clareza.

Presos ao materialismo uns, ao catolicismo outros e a maioria a velhas idéias, dificilmente removíveis, espalham axiomas que são verdadeiras profanidades científicas. Bem sabemos que obedecem a um estado emotivo, quando deviam seguir o sábio preceito de Claude Bernard, o de deixarem as idéias pessoais no vestibulo do laboratório. Mas o que acontece é que não as deixam, e elas se lhes tornam indispensáveis como o capote e o guarda-chuva.

Mas vamos à última prova de desprendimento, ou à prova do desprendimento último, que é a do Espírito no momento da morte. O fenômeno consta dos capítulos que tratam da bilocação, do desprendimento, da vidência, dos últimos momentos da vida; é igualmente desconhecida pela douta corporação, que o inclui invariavelmente nas alucinações.

Em várias oportunidades, em vários lugares e por várias pessoas, tem-se visto ao dar o corpo o último suspiro, ir o Espírito deixando os despojos carnis e retomando no espaço a forma, que jaz imóvel, pálida e fria na câmara mortuária; flutua no ar, olha para aquilo que deixou e para a assistência, por vezes bastante espantado, por não perceber do que se trata; outros Espíritos o envolvem e o levam, desaparecendo todos, por fim, nessas regiões onde a vista humana já não penetra.

Tais fatos, firmados pelo depoimento de inúmeros videntes, apanhados pela máquina fotográfica, reveste-se de grande elemento de prova, que consiste ainda na uniformidade por que é descrito o fato, visto que todos vêem uma forma vaporosa, que se desprende da materia, que paira sobre o cadáver, que a ele se assemelha, que sonda o ambiente, que se admira ou se espanta, que é cercado por outros Espíritos e por fim



desaparece. Muitos, ainda no corpo, referem-se aos seus mortos, que os vêm buscar.

Trata-se, no caso, necessariamente, de seres bons, ou pelo menos seres normais; o desprendimento dos criminosos impenitentes não é cena para ser admirada.

Erny, ao descrever esse fenômeno, diz que o Espírito sai de seu invólucro mortal pelo crânio. "O videntes — refere ele — notaram que logo após esta saída, uma nuvem vaporosa se eleva acima da cabeça, e tomando a forma humana condensa-se pouco a pouco, assemelhando-se ao morto cada vez mais. Quando o corpo fluídico está formado, ainda fica algum tempo ligado aos despojos mortais por um laço fluídico, que parte da região intermediária ao coração e ao cérebro."<sup>(135)</sup>

Vamos buscar, entre inúmeros casos, ligeiros e rápidos relatos, a título de ilustração. À seguinte narrativa é da Sra. Florence Marryat, que abreviamos o máximo possível.

Uma grande amiga perdeu sua irmã com 20 anos. Ela era vidente. Chamava-se Edith. Começou a distinguir uma espécie de nebulosidade sutil, ligeira fumaça, que se condensava sobre a cabeça da moribunda e depois se ampliava, tomando as proporções, a forma e o aspecto da agonizante, a ponto de se lhe assemelhar em todos os pontos de vista. A forma flutuava alguns pés acima da enferma.

Edith encarava a irmã e enquanto o rosto desta se tornava lívido, a forma, purpurejada, parecia animar-se à proporção que a vida se escapava do corpo. Até que a doente ficou inerte e sem consciência nos travesseiros, do mesmo passo que sua forma flutuante, se transformara num espírito vivo. Cordões de luz pareciam ainda prendê-la aos órgãos vitais. Chega o momento supremo. O Espírito oscila, estende-se ao lado do corpo inanimado, parece débil; era a reprodução exata do corpo que deixara.

Aproximam-se duas formas luminosas que Edith reconhece como o pai e a avó, já falecidos. Chegam ao Espírito liberado, sustêm-no afetuosamente, apanham-no, enquanto ele deita a cabeça nos ombros do pai. Fica assim algum tempo, como que a retomar o hálito. Rompem-se finalmente os cordões luminosos que o retinham ao corpo; o grupo dirige-se para a janela; sobrevoam; elevam-se, desaparecem.<sup>(136)</sup>

---

(135) Dr. Alfred Erny. *Psychisme Expérimental*. Pág. 335.

(136) Florence Marryat. *The Spirit World*. Pág. 72.

Muitos anos antes do surto espírita, Andrew Jackson Davis, célebre pelos seus dons mediúnicos, teve oportunidade de assistir ao trespasse de uma mulher e observou os pormenores da partida do Espírito, de que nos dá detalhada descrição em sua obra *Grande Harmonia*.

Principia por notar que o fenómeno do desprendimento que aliás já experimentara, era uma espécie de morte, embora de pouca duração, de sorte que observava então um caso interessante; via ainda que os sintomas que se diriam sinais de sofrimento não passavam de reflexos inconscientes do corpo, sem qualquer significação.

Percebeu o corpo etéreo da moribunda emergindo do pobre e gasto invólucro de protoplasma, que ali jazia, vazio na cama, como a crisálida enrugada quando a mariposa se liberta "like the shrivelled chrysalis when the moth is free".

"O processo começa por uma concentração no cérebro, que se tornava cada vez mais luminoso à proporção que as extremidades escureciam. Principia então o novo corpo a erguer-se, desligando-se primeiro a cabeça. Logo depois se libertou completamente, ficando em ângulo reto com o cadáver, e com os pés próximos à cabeça deste; entre ambos havia um laço vital luminoso, correspondente ao cordão umbilical. Quando o cordão se rompeu, um pequeno pedaço reverteu ao corpo morto e isto preservou-o da putrefação instantânea. O corpo etéreo demora-se um pouco até adaptar-se à nova ambiência, e nessa situação atravessa portas fechadas. Eu a vi passar ao quarto vizinho e sair depois para o ar livre. Logo após ter deixado a casa, vieram ao seu encontro dois espíritos amigos, provenientes das regiões espirituais, e depois de se reconhecerem e comunicarem ternamente, da mais graciosa maneira, começaram a subir obliquamente, através do invólucro etéreo do nosso globo." (137)

Se há centenas de casos coincidentes, narrados por pessoas insuspeitas, porque algumas absolutamente ignorantes do fenómeno em particular e da doutrina espírita em geral; se essas pessoas se desconhecem e as narrativas se sucedem em vários tempos e em várias regiões, pô-las sistematicamente de lado ou acolhê-las com riso de mofa, quando o indivíduo não tem experiência nenhuma no assunto, é sinal de espírito apaixonado

---

(137) Jackson Davis, *Grand Harmony*. Sir Arthur Conan Doyle. *The History of Spiritualism*, 1. Pág. 50.

ou imprevidente, ou fanatizado, e nunca de um espírito científico.

As afirmativas ou negativas sem base são um desar para a Ciência e levam-nos a perder a confiança em seus levitas.

Ainda há muito mais. Continuemos a demonstração apanhada aqui e ali nos arquivos do Psiquismo e nas obras dos Mestres.

A escritora norte-americana Catherine Marshall é autora afamada; suas obras são sucessos de livraria e tão grande era sua correspondência que chegava a espantar os carteiros.

Acaba ela de publicar uma obra com o título *Viver de Novo* <sup>(138)</sup> onde narra vários episódios, ou de que foi testemunha, ou que lhe foram narrados. E como dão idéia de que se pode viver novamente, o tradutor teve a prudência de modificar o nome para o de *Ninguém está só*. Destarte, não haverá um grave desacato aos artigos de fé, visto que se trata da viúva de um pastor, fervorosa, crente, e o livro faz parte da biblioteca protestante.

Entre os casos narrados há o da tia Chamberlain, a qual, antes de falecer, estende os braços, como quem recebe amistosamente alguém, e pronuncia o nome do marido. Ora, é fato conhecido na literatura psíquica, verem os moribundos, prestes a exalar o último suspiro, os parentes e amigos que vêm recebê-los.

Também uma jovem, gravemente enferma, gritava que não queria morrer. Tendo tomado uma injeção ficou desfalecida e ao voltar a si declarou: "Vi meu pai que me disse nada havia a temer da morte e que dentro em pouco me viria buscar pela mão". E veio.

Vejamus mais uma historieta da mesma autora para chegarmos à do desprendimento, que é a que mais interessa ao nosso estudo: "Uma jovem, membro da Igreja, chamada Lynn Youngman, adoeceu com poliomielite bulbar. O ministro fez o que pôde para salvá-la, mas a moça faleceu. Acreditando que não tomara as providências necessárias, caiu em profundo abatimento. Certa vez, porém, uma sensitiva que nada conhecia do caso declarou ao pastor que via uma jovem a seu lado, de olhos azuis, loura, dizendo chamar-se Lynn; pedia-lhe que procurasse não sofrer mais; que ela não se restabeleceria e que, se não fora possível curar-lhe o corpo, ele lhe havia curado o espírito. E acrescentava a médium: beija-o agora na testa e diz

(138) Catherine Marshall. *To Live Again*. *VIDEJ DE NOVO*

que está a retribuir o beijo que ele lhe deu. O ministro levantou-se de salto e exclamou:

— Ninguém poderia saber disso, porque não houve alma viva que assistisse à cena”.

Passemos por várias outras histórias para relatar uma de maior relevo. Trata-se de um caso de desprendimento. Como presbiteriana, a autora pensa “que as excursões dos Espíritos podem ser perigosas, se não forem centralizadas em Cristo”. A excursão foi a seguinte:

Um amigo da autora, médico de grande nomeada em Richmond, na Virgínia, é que contou o caso que ela qualifica de “uma das histórias mais espantosas que jamais ouvira”.

O espanto da escritora, como prova do desconhecimento da matéria, é elemento seguro de insuspeição.

George desejava ser médico desde menino. Veio a II Guerra; servindo no Exército, recebeu a notícia de que seria transferido para um serviço onde poderia completar o curso; daí o mandaram para a Faculdade de Virgínia. Eis que adoece de pneumonia e baixa ao hospital do Exército. Seguem-se vários incidentes e a temperatura lhe sobe extraordinariamente. Chamam-se médicos e enfermeiros, submetem-no ao raio X.

Lembra-se de ter tido uns zumbidos nos ouvidos e mais nada. Caíra como um fardo, inconsciente. Conservou-se durante dois dias em estado desesperador. Afinal, parecia um cadáver. O médico observa:

— Pressão a zero, não há pulso, não há respiração, temperatura tombando rapidamente... Lamento!

Passa-se algum tempo, novo exame, uma injeção de adrenalina, e o médico declara:

— Nada mais adianta, está morto.

O doente recorda-se que precisava sair dali. Levantou-se, olhou para o leito e viu, assombrado, que alguém, que com ele se parecia, ali estava como pessoa morta. Era ele, e reconheceu o seu anel, que ficara no dedo.

Acompanhamos agora, *ipsis litteris*, o resto da descrição pela pena da autora: “Dirigiu-se para a porta. Um atendente ia chegando e George pensou que esbarraria nele; tentou desviar-se, mas o atendente não parecia vê-lo, pois caminhou através de seu corpo sem deter-se.

“Não podia compreender o que se passava. Perambulou tentando chegar a alguma conclusão. Ninguém parecia vê-lo. Sentia-se inteiramente incapaz de poder comunicar-se com qualquer pessoa viva.

“Aquilo causou-lhe profunda angústia. Olhou para as mãos, mas não podia tocar nas coisas. Experimentou recostar-se a um fio do poste telefônico; sua mão atravessou o fio.

“Homem algum naquela situação poderia tornar-se médico — pensou. Resolveu voltar, encontrar o corpo fosse como fosse e tornar a relacionar-se com ele. E voltou sobre os passos ao longo do corredor do hospital; não viu mais o corpo; andou pelos corredores até que o descobriu na enfermaria de isolamento. Seu anel ainda estava no dedo”.

Continua a autora: “Então disse George, relatando o caso: — Já não estava sozinho. Alguém conservava-se de pé, ali. Eu sabia que era o Cristo, embora minha impressão principal fosse de luz”.

Acordou. Necessariamente com assombro geral.

Como se vê, um caso de bilocação ou exteriorização, como os muitos que se encontram em nossos anais. Como não era ele familiar à escritora americana, tomou-o ela como extraordinário, inacreditável. Não admira. Muitos, com maior reponsabilidade, ainda o proclamam inexistente. Os que são lidos, porém, em matéria psíquica, notam, mesmo nos incidentes e nos pormenores, a semelhança com os fenômenos congêneres presenciados por toda a parte.

Era, porém, preciso à autora dar um cunho ortodoxo ao caso e expurgá-lo de quaisquer doutrinas heréticas, se a precaução não foi do narrador, e daí a presença do Cristo. Tínhamos, assim, “a excursão centralizada em Cristo”.

Sugestão, intromissão piedosa ou algum desencarnado no momento, o caso é que estamos diante do desprendimento do ser vivo. Há ainda o fato interessante de ser feita a descrição em meio e ambiente protestantes, por prosélitos do Protestantismo, o que tira aos nossos contraditores a tese fácil da sugestão espírita, do âmbito espírita. (\*)

Da obra de Chevreuil colhemos o seguinte depoimento de notável facultativo; o fato consta de suas memórias: “Minhas faculdades permitiram-me estudar o fenômeno psíquico e fisiológico da morte à cabeceira de um moribundo. Era uma senhora de uns 60 anos, a quem costumava dar conselhos médicos. Quando chegou a hora da morte, eu me achava em perfeita saúde, o que me tornava possível exercitar minha facul-

(\*) Por equívoco o fato é narrado neste capítulo, quando pertence ao anterior.

dade de vidência. Pus-me então a estudar o mistério da morte. Vi que o seu organismo já não podia satisfazer às necessidades do princípio espiritual, mas pareceu-me que vários órgãos opunham resistência à partida da alma. O sistema muscular tentava reter as forças motrizes; o vascular debatia-se para reter o princípio vital; o nervoso lutava contra o aniquilamento dos sentidos físicos e o cerebral procurava reter o princípio intelectual. Corpo e alma, como cônjuges, resistiam à separação. Esses conflitos pareciam produzir sensações penosas, de sorte que me alegrei quando percebi que aquelas manifestações físicas indicavam, não a dor e a enfermidade, senão a separação da alma.

“Nos seres voluntariosos, dominadores, materiais, a agonia é às vezes dolorosa. Há agonizantes que se contraem horriavelmente, que se agarram, arranham a parede, arrancam com as unhas pedaços de pele.

“Pouco depois a cabeça cercou-se de brilhante atmosfera e vi, de repente, o cérebro e o cerebelo estenderem as suas partes inferiores e ficarem paralisadas as funções galvânicas. A cabeça ficou como que iluminada e notei que as extremidades se tornaram frias e escuras, enquanto o cérebro adquiria especial refulgência.

“Em torno da atmosfera fluídica que lhe rodeava a cabeça, formou-se outra cabeça que cada vez mais se acentuava. Tão brilhante era que mal a podia fixar. A medida porém que essa cabeça fluídica se condensava, desaparecia a atmosfera brilhante. Com surpresa, acompanhei as fases do fenômeno: vi formarem-se sucessivamente o pescoço, as espáduas, o conjunto do corpo fluídico. Tornou-se-me evidente que as partes intelectuais do ser humano são dotadas de uma afinidade eletiva que lhes permite reunirem-se no momento da morte. Os defeitos físicos tinham desaparecido quase por completo do corpo fluídico.

“Para as vistas materiais das pessoas presentes, o corpo da moribunda parecia apresentar sintoma de angústia: eram porém fictícios; provinham das forças que se retiravam do corpo, que se concentram no cérebro e depois no novo corpo.

“O Espírito elevou-se em ângulo reto acima da cabeça do corpo abandonado; antes porém da separação vi uma corrente de eletricidade vital formar-se sobre a cabeça da agonizante e por sob o novo corpo fluídico.

“Convenci-me que a morte não é mais do que um renascimento da alma, elevando-se de um estado inferior, e que o

nascimento de uma criança neste mundo ou a formação de um espírito no outro, são fatos idênticos. Nada falta, nem mesmo o cordão umbilical, figurado por um laço de eletricidade vital. Este laço subsistiu por algum tempo entre os organismos. Descobri então que parte do fluido vital volta ao corpo físico, logo que se rompe o cordão. Esse elemento fluídico ou elétrico, espalhando-se pelo organismo, lhe impede a rápida dissolução.

“Logo que a alma se soltou dos laços tenazes que a prendiam verifiquei que o órgão fluídico tinha a aparência terrena. Foi-me impossível descobrir o que se passava naquela inteligência que revivia; notei-lhe, entretanto, calma e espanto por ver os outros chorarem. Dir-se-ia ter percebido a ignorância em que estavam do que realmente se havia passado”.<sup>(139)</sup>

Joy Snell, cujo caráter e lisura tanto elogiava Haraldur Niellson, a ponto de chamar-lhe apóstolo de Jesus, e cujos livros julgava os mais belos que leu, narra o seguinte: “Certa noite despertei sobressaltada e vi o fantasma de minha amiga Maggie, que me disse: Restam-me poucos dias de vida, quero que fiques comigo até o meu último instante. E antes que me refizesse do espanto, o fantasma evanesceu.

“Depois de uma semana encontrei Maggie resfriada, mas longe de causar preocupações; não guardava lembranças de sua visita a mim. Uma tarde foi tomada de tremenda crise e expirou.

“Logo que seu coração deixou de bater, vi distintamente uma espécie de vapor, como os que se desprendem de uma chaleira, sair-lhe do corpo, pairar a certa distância dele e condensar-se de uma forma idêntica, em tudo, à de minha amiga. Essa forma, de contornos a princípio indecisos, foi-se delineando aos poucos, até tornar-se inteiramente distinta. Um véu suave a envolvia, o semblante era o da minha amiga, sem já os vestígios da agonia.

“Quando mais tarde me tornei enfermeira, profissão em que permaneci durante vinte anos, assisti a numerosas ocorrências de morte e, logo após o falecimento do enfermo, observei sempre a condensação da forma etérea por sobre o corpo morto, e sempre idêntica à forma humana. Pouco depois, tudo desaparecia”.<sup>(140)</sup>

(139) Léon Chevreuil. *On ne meurt pas*. Paris. Pág. 290. Erny. *Le Psychisme expérimental*. Ed. Flam. Págs. 94-97.

(140) Joy Snell. *The Ministry of Angel*. Londres. Pág. 15.

O presente caso relatado por Dorothy Monk, verificado por David Gaw, diretor da revista *Light*, também foi visto por outras pessoas. Conta a percipiente: "A enferma, em estado de coma, abriu a boca e observamos uma nuvenzinha branca a formar-se sobre sua cabeça. Saía da frente, mas se condensava ao lado da cama. Permanecia no ar, como densa nuvem de fumo branco, parecendo por vezes tão opaca, que impedia se visse o espaldar do leito. Variava de densidade e não percebíamos o menor movimento da nuvenzinha. Estavam comigo minhas cinco irmãs e todas contemplávamos o extraordinário fenômeno. Chegaram outros parentes, que também observaram o que víamos.

"A maxila inferior da moribunda continuava a abrir-se lentamente. Por algumas horas não houve alterações notáveis, exceto a formação de uma auréola de raios luminosos amarelados em torno de sua cabeça. Às seis da manhã uma de minhas irmãs, que repousava, ouviu uma voz que lhe sussurrou: Mais uma hora de vida. Levantou-se, impressionada e foi assistir aos últimos instantes de mamãe, que realmente faleceu uma hora e dois minutos depois. Antes, repetia o nome de parentes, como se os estivesse vendo. Rendemos graças a Deus por haver permitido observássemos a partida de uma alma, sem que tivéssemos a amargura de um eterno adeus".<sup>(141)</sup>

Reportemo-nos agora ao depoimento de um dos mais nobres e dignos representantes da Igreja Protestante, o reverendo William Stainton Moses. O que reproduzimos é um transunto de sua magnífica página: "Pela primeira vez na vida tive ocasião de estudar os processos de transição do espírito. Tanto aprendi, que julgo ser útil narrar o que presenciei: Era um parente de 80 anos, que se avizinhou do túmulo. Pude notar que em torno e acima de seu corpo acumulava-se a aura com que o espírito tem que formar o corpo espiritual. Ela aumentava gradativamente de volume e intensidade, embora sujeita a contínuas variações, conforme as oscilações de vitalidade do moribundo. Um alimento que ingerisse, um influxo magnético, reanimavam-lhe o corpo. A aura parecia em constante função de fluxo e refluxo. Mudava de cor e assumia formas cada vez mais definidas à medida que se aproximava o momento da libertação do Espírito.

---

(141) Miss Dorothy Monk. *Light*. Londres, 1922. Pág. 182.



Antes da morte, quando o velho jazia inerte, apareceram seres espirituais amigos, que se acercaram do corpo exausto e sem nenhum esforço retiraram o Espírito". (142)

No presente caso a testemunha é um médico. Trata-se do Dr. Rillet B. Hout, de Goshen, Indiana (EUA).

Viu ele a libertação do Espírito de sua tia. Nunca se interessara pelo Espiritismo nem lera algo sobre o impressionante fenômeno que acabava de presenciar na pessoa de sua parenta — a retirada do Espírito do seu corpo físico e sua reintegração acima desse corpo já inerte.

Esta sua tia, a quem ele assistia como profissional, tinha 73 anos. Sofria de um carcinoma gástrico e estava desenganada. Examinando-a, notou que o pulso se tornava fraco e irregular, a respiração curta e pouco profunda. "E logo após — diz o médico — minha atenção foi chamada para uma coisa suspensa no ar, por cima do corpo da doente. Era uma espécie de névoa, sem movimento. Ela foi crescendo e condensando... Fiquei surpreso ao ver que tomava forma humana.

"— Observando a formação, notei que se parecia com o corpo físico de minha tia, e vi que lhe iam aparecendo as feições. O corpo astral estava suspenso horizontalmente sobre o duplo físico, em repouso relativo, apenas com reflexos e extorsões subconscientes de dor. O pulso já falhava, até que os gemidos cessaram e uma sensação de tranquilidade penetrou o quarto.

"Observei ainda — continuou o médico — a formação do corpo espiritual. Via claramente a fisionomia, semelhante à carnal, apenas com sensação de paz e vigor, em lugar da velhice e sofrimento. Tinha os olhos fechados, como num tranqüilo sono, parecendo que uma luminosidade se lhe irradiava do corpo.

"Uma substância prateada saía do corpo carnal e se ligava ao etéreo. Soube que era o cordão fluídico que, como o umbilical, liga o filho à genitora. No ponto do corpo físico abria-se ele em forma de leque. Parecia vivo, e mais vivo se tornava com as pulsações do corpo espiritual, enquanto em contraste o corpo carnal se tornava mais quieto e sem vida.

"Observei a presença do Espírito de meu tio, esposo da moribunda, e de outros Espíritos, que traziam flores. A esse tempo era notável a semelhança com o corpo físico, perfeitas as feições, apenas com a atitude de sereno repouso. Notava-se

---

(142) Stainton Moses. *Light*. Londres, 9 de julho de 1887.

o contrário: agora a animação e a vida estavam no corpo etéreo, enquanto as contrações e movimentos do físico cessavam. Cessaram também as pulsações do cordão. Vi que os cordéis se desligavam e encolhiam como arame esticado e cortado de repente. Rompido o último, o corpo espiritual ficou livre. Esse corpo, que estava de costas, levantou-se então, pôs-se em pé, antes de começar a ascender. A morta, despertada, olhou-me em sinal de reconhecimento, sorriu e desapareceu.”

Todo esse desfecho durou doze horas.

É longo o relato do Dr. Rillet. Limitamo-nos a uma síntese dos principais acontecimentos, lamentando que, pelo acúmulo de matéria, tivéssemos que abreviá-lo, furtando ao leitor uma página elucidativa.

Essa observação geral do desprendimento do Espírito, no instante em que, despojado de suas vestes materiais e quase sempre inúteis, vai ingressar em novos planos; essa visão da morte em que mais esplendente se manifesta a vida, em que o ser espiritual continua lícido, alegre, feliz, sorridente, rodeado de amigos e até de flores, deve modificar a idéia que se tem do trespasse, com a modificação completa do ambiente; substitua-se o negrume do luto, pelo verde da esperança, ou pelas nuances do rosicler, que o túmulo, para o justo, para o indivíduo normal, é o fim das provas, é o albor de novo dia.

Com referência ainda ao Dr. Rillet, médico possuidor de faculdades paranormais, descreve Duarte Santos alguns casos de desprendimento por ele observados. No 1.º, tratava-se de uma senhora que foi anestesiada. Durante a operação o Espírito conserva-se acima do corpo, ao qual se achava ligado por um fio análogo ao cordão umbilical. Por fim o corpo fluídico desapareceu no corpo físico. No 2.º, era uma senhora submetida a operação dos vasos biliares. O corpo astral flutuava horizontalmente. O médico viu junto ao operador entidades etéreas. Depois o Espírito entrou no corpo e a senhora despertou. No 3.º, o enfermo era um rapaz. Seu Espírito desprendido, em vez de tomar a forma horizontal, entrou a passear pelo quarto e a observar a operação. <sup>(143)</sup>

Depois do testemunho dos vivos já nos sentimos encorajados com o de um morto. Será curioso ouvirmos as suas impressões, as primeiras à entrada do mundo espiritual: “Como sucede a muitos, o meu espírito não conseguiu facilmente abandonar o corpo. Sentia que me desligava aos poucos dos laços orgânicos,

---

(143) Com. Isidoro Duarte Santos. *Os Mortos Vivem*. Lisboa. Pág. 27.

mas encontrava-me com pouca lucidez. Como que sonhava. Minha personalidade dir-se-ia dividida em várias partes, que se ligavam por laço indissolúvel. Quando o organismo físico deixou de funcionar, o Espírito abandonou-o inteiramente; depois pareceu-me que as partes destacadas do corpo se tornavam a unir. Ao mesmo tempo senti-me elevar acima do cadáver, a pouca distância, e distinguia as pessoas que cercavam o corpo. Não saberia dizer por que força consegui desembaraçar-me e elevar-me. Suponho que passei depois por um longo período, em plena inconsciência ou sono; quando voltei a ver o cadáver, já ele estava em completa putrefação.

“Ao recobrar o entendimento, vi que os acontecimentos de minha vida desfilaram diante de mim como um panorama; eram tão vivos, em dimensões naturais, como se o meu passado se houvesse tornado presente; evocava todo esse passado, com o episódio da desencarnação, inclusive. A visão foi tão rápida que quase não tive tempo de refletir, envolto num turbilhão de emoções. As meditações sobre o passado e o futuro sucedeu em mim grande interesse pelas condições atuais.

“Ouvira dizer que os desencarnados eram acolhidos no Espaço por seus parentes ou anjos da guarda. Não divisei ninguém. Pensei que os espíritistas se tivessem enganado. Mas logo apareceram dois espíritos desconhecidos, mas para os quais me senti atraído por grande afinidade. Chamaram-me pelo meu nome, embora eu não o dissesse, e acolheram-me com uma familiaridade que muito me confortou. Deixei o meio em que tinha falecido. Atravessei uma paisagem nebulosa, mas daí fui conduzido a um lugar em que vi muitos Espíritos reunidos, entre os quais havia numerosos que já conhecera em vida e me haviam precedido na morte”.<sup>(144)</sup>

Ernesto Bosc descrevia assim essa passagem da vida para a morte: “... Forma-se outra cabeça, a princípio enevoadada e que depois se condensa; vai-se apagando o brilho luminoso da cabeça do moribundo e se vão formando outras partes do corpo, e afinal um fantasma completo plana acima do cadáver em posição horizontal. Tudo o que era vida passa para o fantasma e o anima. Ele se acha ligado ao corpo pelo laço fluídico. Mas, enquanto este não se rompe, o indivíduo não morre. A decomposição será mais ou menos lenta conforme a altura em que o laço se romper.

---

(144) A. de Morgan. *From Matter to Spirit*. Pág. 149.

“Tudo o que acabamos de dizer podemos afirmá-lo e os cétricos jamais poderão destruir um fato”.<sup>(145)</sup>

Refere ainda o mesmo escritor o que narrara um missionário que voltava de Taiti, na Polinésia. Dizia ele, expondo a crença dos aborígenes, no que se refere ao processo da morte:

“Crêem eles que a alma se retira pela cabeça. Acreditam na saída de uma substância real que tomaria a forma humana e essa crença é baseada no que dizem os videntes da tribo. Segundo estes, desde que o moribundo cessa de respirar, desprende-se-lhe da cabeça uma espécie de vapor que se vai condensando a pouca distância do corpo. Fica ligado a este por uma espécie de cordão formado da mesma substância. Esta aumenta rapidamente de volume e toma os traços do corpo de que se desprende; quando o corpo esfria e cessaram já os últimos sinais de vida, o cordão que liga o corpo à alma se dissocia; esta, livre, como que voa, assistida, ao que parece, por mensageiros invisíveis”.<sup>(146)</sup>

Quando um caso se verifica por toda a parte e da mesma forma; quando as suas características são as mesmas onde quer que ele se apresente; quando são múltiplos e diversos os depoentes, sem nenhuma ligação entre si ou qualquer interesse na informação, não teremos dúvida em afirmar que a cabeça do contestante, neste caso especial, merece mais desconfiança que o fenômeno universalmente conhecido.

A tese da sobrevivência tem este formidável esteio — a prova dos fatos. Continuaremos a demonstração.

---

(145) A. Erny. *Le Psychisme Expérimental*. Págs. 94-97.

(146) E. Bose. *The Metaphysical Magazine*. Out. 1896.

## ALÉM DO VÉU

### OS PRIMEIROS PASSOS

O movimento evolutivo que rege o Universo transmite-se às almas. Elas progridem sempre. Entretanto, a situação do indivíduo no Além é decorrente de sua vida no Aquém. Há apenas um pequeno repouso após a morte, denominado sono "reparador", depois do qual surgem para ele novas atividades, e serão elas tanto menos penosas quanto mais adiantado for o seu estado espiritual. E nestes a diligência será sem o suor do rosto, nem o exaurimento, nem o pranto que tantas vezes acompanham um labor aflitivo, senão um conforto acrescido das alegrias do dever cumprido.

Ninguém goza de venturas ou sofre dores imerecidas. Sofre-se no Espaço e se vem sofrer na Terra até completa depuração. Os depurados, libertos das vidas planetárias, continuam sua ascensão, não sabemos até onde ou até quando, porém deixam seguramente, como sombra escura e triste do passado, o indumento usado e velho, que nunca mais revestirão.

No Espaço, o Espírito não adquire para logo o saber e a virtude, antes conserva os seus hábitos, as suas idéias, as suas concepções, o seu caráter, os seus ressentimentos, as suas afeições, a sua inteligência, ou sua falta de inteligência, tudo aquilo que constituía o ser psíquico. A coisa única que se pode sentir no trauma, que é o desligamento do corpo, é a memória, mas que logo se apresenta lúcida, tal seja o adiantamento moral do desencarnado.

Com seu esforço e perseverança, auxiliado por guias e amigos, poderá adiantar-se científica e moralmente, adquirir as sementes que se vão desenvolver ao calor do trabalho e da perseverança, no solo planetário, não importa o orbe. Compreenderá os erros cometidos, será tomado de pesar e do desejo de repará-los, e ei-lo de volta ao cenário de seus cometimentos, para a lixívia da vida material, onde expurgará pelas

dores os males praticados, e onde enriquecerá a mente pelo estudo e pelo trabalho.

Há uma consideração importante: Allan Kardec publicava em 1857 *O Livro dos Espíritos*. Vários Espíritos vieram trazer-lhe a "doutrina espírita", que ele condensou naquela obra. Correu a ampolheta. Mais de um século já se passou, fizeram-se observações científicas, grandes vultos do saber dedicaram-se às experiências e, em vez de desmentirem a obra, os fenômenos vieram confirmá-la. É verdade que têm procurado empanar a significação dos fatos, deturpá-los, amoldá-los a teorias de variada espécie, ajeitá-los a determinados cânones; não faltaram vocábulos difíceis, raízes gregas e explicações nebulosas ou desnorteantes para afastarem do campo experimental ou de qualquer outro a idéia da comunicação do Espírito, da intervenção do morto.

Pela clareza da tese da sobrevivência e da comunicabilidade, apoiada na robustez dos fatos, e como esses fatos se apresentam em todos os tempos e em todas as épocas pela mesma forma, temos a doutrina apresentada a Allan Kardec firmada em esteios indestrutíveis.

Vem ela, portanto, transpondo os obstáculos que lhe são opostos, muitas vezes por aqueles a quem mais poderia favorecer, já pelo apoio às pretensões religiosas, já pelo impulso ao progresso da Ciência da Alma. Há um fator obstinado, temível, resistente às mais poderosas pressões, invulnerável às sugestões — é que a manifestação do morto é intrínseca ao fenômeno; o morto se manifesta declarando-se presente e afirmando ser a sua causa, o seu autor. Essa teimosia não desanima os misonéistas pugnazes, que, para invalidá-lo, apresentam a outra face da fenomenologia, a produzida pela alma dos vivos. Desta tratamos até agora, e, em vez de contradizer, como acabamos de estudar, a que se refere à manifestação dos mortos, vem reforçá-la, visto que vemos com clareza o espírito, por vezes, dispensar a colaboração dos órgãos, desmentir o paralelismo psicofísico, patentear a sua independência; destarte, ficamos percebendo que os fenômenos espíritas podem ser produzidos pelas almas dos mortos, já que também podem sê-lo pela dos vivos. E as condições em que aqueles se apresentam são de tal ordem que invalidam a hipótese de serem causados por estes. É o que veremos no capítulo que se segue.

No ensino dos Espíritos se diz que o falecido conserva a sua individualidade. A vida é eterna e ele vai progredindo em

conhecimento e em moral, sem jamais voltar atrás. Esse progresso se faz em diversos planos, e um deles é a Terra, pelo processo da reencarnação.

Rotos ou desatados os laços que retinham a alma, ela se desprende gradualmente. Ligava-a ao corpo um envoltório semimaterial, que é o perispírito. A lentidão do desprendimento varia conforme a moral do indivíduo; no materializado e sensual é ele muito lento, e essa lentidão é tão grande, tal sejam as faltas do moribundo, que ela vai até a decomposição do cadáver.

Ao aparecer no mundo dos Espíritos, o que pratica o mal se sente envergonhado. Cremos, porém, que esse rubor espiritual já significa certo progresso. Nos endurecidos, naqueles que poderíamos chamar de cínicos, só uma sucessão de vidas, de desastres e de provas poderá acordar-lhes n'alma o sentimento de vergonha pelo mal praticado. Há então o remorso, que é uma agonia do espírito, ou o arrependimento, que já é uma fase mais branda na evocação dos erros cometidos. No hipócrita, esse que tem perfeito conhecimento de como deveria proceder, a vergonha é dolorosíssima, porque vê descoberto tudo aquilo que ele supunha sepultado para sempre nos refolhos da consciência, ou oculto a qualquer olhar. Dizem os Espíritos que não há segredos; tudo se saberá; tudo ficará um dia desvendado.

A alma ao desprender-se fica em estado de perturbação, cuja duração também depende da situação moral do defunto. A princípio, jaz ele aturdido, como pessoa desperta de profundo sono. A memória lhe vai retornando à medida que se apagam as impressões terrenas.

Alguns se supõem vivos, pela semelhança com a ambiência que acabam de deixar. Sem a assistência dos guias, cujos conselhos desprezaram em vida, sentem-se perplexos com o que os rodeia, com o que com eles se passa. É tudo absurdo, esquisito, fora do natural. . . Falam e não lhes prestam atenção; ninguém os atende e isto os constrange; não sentem os objetos que pegam; por vezes, vêem mal ou não vêem. Alguns assistem ao próprio enterro e muitos não compreendem o que está acontecendo. Continuam a freqüentar os lugares em que viveram e a ter as mesmas ocupações, mas é tudo muito confuso. O tempo e a densidade do nevoeiro que os envolve dependem do passado que tiveram. Várias vezes o morto é acicatado por

dores intensas, resultado de vidas viciosas, inúteis, degradantes ou criminosas.

O homem de bem conserva-se calmo, semelhante a um tranqüilo despertar; não lhe pungem acerbos recordações, nem sente os espinhos do remordimento espiritual. Nem ânsias, nem desgostos, senão a saudade dos que deixou, dominado pelo mais profundo e divino dos sentimentos, que é a amizade. Para logo, porém, compreende que todos aqueles a quem amou, por quem se sacrificou, a quem se ligou por laços de uma estima sincera, desinteressada, virão ter com ele, e então será a paz duradoura, a companhia que não mais se desfará, sem os sobressaltos das partidas, das ausências, da moléstia ou da morte. E os arbustos plantados na Terra, com as lágrimas do sofrimento, reflorescerão no Espaço, com as mais belas cores e os mais inebriantes perfumes.

A morada dos deuses, segundo o teosofista, ou o Nirvana, segundo os budistas, ou o céu dos cristãos, ou a paz de que já falava o Mestre nos Evangelhos, ou os Planos Superiores, segundo o ensino espírita, são alcançados depois de muito tempo, de longos sacrifícios e de ingentes esforços.

E depois é a ascensão. A ascensão constante, ininterrupta, provavelmente sem-fim, para a tranqüilidade, para a felicidade para Deus.

Quando se fala na morte temos a impressão do fantástico, e nas descrições, a da fantasia. Imagine-se o pobre rústico, por fora de um suntuoso palácio, a descrever o que se passa lá dentro. Por certo que dará corda à imaginação. Assim fazem, assim têm feito os que se propõem cuidar do assunto. Não sabem coisa alguma! No mais, é literatura, simbolismo, conjecturas, visões falsas, vetustas lendas, ensinamentos absurdos, afirmativas sem o menor esteio, divagações, irrealidades.

E o mais interessante, e o mais comum, é que, nada sabendo, ironizam e chufam os que podem saber alguma coisa; e estes sabem, não por idealizarem o outro mundo, como eles o fazem, nem afirmarem o que lhes parece, mas por uma série de fatos que se entrosam, que se combinam, que se completam, e que demonstram, na sua multiplicidade, na sua lógica, quando não em sua evidência, o que se passa para além da nossa cortina de brumas.

No preparo para saber-se que a vida continua, procuramos apresentar, por intermédio de várias testemunhas, e por vários casos a independência do Espírito em relação ao corpo, a



prescindibilidade do corpo para a manifestação do Espírito; procuramos demonstrar o desprendimento espiritual, ainda em vida, quando o Espírito se acha preso ao corpo por um tênue e fluídico fio de prata, o qual o conserva manietado como se fora um fio de ferro. E vimos que esse Espírito, ou torna ao corpo e declara o que viu e o que com ele se passou, ou desliga-se definitivamente, o que os sensitivos observam, testemunham e descrevem.

Há ainda os que escaparam da morte e nos vêm dizer o que vislumbraram nesses primeiros degraus da eternidade, que estiveram prestes a galgar, informando-nos de como são as primeiras impressões e os primeiros acontecimentos dos que se despedem da vida. E finalmente, já do outro lado referem-nos os Espíritos onde vivem e de como vivem. E é c que vamos estudar nesta parte.

A variedade de processos, comportamentos, panoramas e modos de existência, do outro lado da vida, é imensa, como é imensa a variedade de nossos caracteres, pendores, modos de viver, aptidões, qualidades morais e intelectuais, vícios e virtudes, sentimentos e impulsos, obras boas ou más. E cada um tem o seu lugar previamente designado como o raio que estabelece na terra o ponto onde vai cair.

E se ninguém foge a seu destino na Terra, muito menos fugirá no Espaço. Por maneira que as condições de vida no Além são de uma diversidade infinita, muito maior que as nossas ainda na carne, apesar de não vermos com a mesma sorte e o mesmo aspecto duas pessoas entre os quatro bilhões de criaturas que povoam o Mundo. E aquilo que demonstra essa variedade, ou seja, os informes que nos prestam do Além, serve de motivo para que afirmem, os desconhecedores e interessados, que as contradições nos informes demonstram a sua inautenticidade.

Hubert Thurston S. J. escreve: "No que concerne à massa dos leitores, quero dizer, dos homens inteligentes que não se interessam particularmente com a ciência oculta, mas que desejavam estar a par do que há sobre o caso, qualquer alusão ao Espiritismo lembra duas idéias dominantes: A constituída por flagrantes escândalos de médiuns desonestos e a divulgação de comunicações estranhas e contraditórias que pretendem revelar as condições da vida no Além". (147)

O autor refere-se a algumas dessas comunicações contraditórias e acha que algumas pessoas notáveis não as sabem

---

(147) Hubert Thurston S. J. *The Church and Spiritualism*. Bruce, 1933.

explicar, como o próprio Sir Oliver Lodge, para quem as dificuldades residem em estarmos dando ainda os primeiros passos em tão difícil estrada.

Por seu turno, diz Carrington: "Há uma teoria segundo a qual a mesa seria movida por qualquer influência, uma espécie de teoria diabólica. Há o precedente de indício de tantas influências maléficas, que não se pode afastar *a priori* uma hipótese desse gênero. Não creio, por certo, que um verdadeiro diabo, com socos e cauda, esteja por trás da mesa para movê-la, mas as respostas dadas a certas perguntas parecem sugerir a atividade de uma inteligência de caráter baixo, astuto, malicioso, mentiroso, desprezível. É certo que a inteligência que produzia a escrita estava em completa antítese com a mentalidade de todos os presentes à sessão. Em diversas ocasiões foram dirigidas à minha mulher e a outros insolências de tal ordem que não é possível referi-las aqui". (148)

Estas as razões em que muitos se estribam. Mas, sem sair de nosso pequeno orbe, vemos que é possível notar aqui as mesmas contradições. E as mesmas insolências. Imaginemos os comunicantes em diversos pontos do globo; um a escrever-nos das planícies da Sibéria, das ilhas de Spitzberg ou dos confins da Patagônia, outro da Senegâmbia, das ilhas de Sonda ou do canal de Suez; um, dos desertos da Arábia Petréia, outro, das florestas do Amazonas; um, dos areais do Saara, outro, dos *boulevards* de Paris; um dos cumes do Himalaia, outro das cavernas de uma mina de carvão. Por certo que aquele que se visse rodeado dos encantos da natureza, com o sol a dardejar em pleno céu azul, com os passarinhos a chilrarem, os vergéis cobertos de flores e os pomares, de frutos, não poderá apresentar as mesmas impressões dos que vivem ou vegetam nas regiões glaciais, enregiados, fora do convívio humano e da civilização, tendo como companheiro o urso faminto e, por paisagem, a solidão, as tempestades de neve, o gelo eterno. Um caçador africano não fará as mesmas descrições que um turista na Quinta Avenida, em Nova York. Um hotentote nunca se expressará como um homem de letras.

A vida do Espaço é uma série de zonas adaptadas aos Espíritos de todas as categorias e preparadas segundo a evolução deles. Não pode haver maior discriminação. A maioria dos comunicantes são esses Espíritos ainda retardados,

---

(148) Hereward Carrington. *Problems of Psychic Research*. Pág. 376.

vivendo nas cercanias da Terra ou nela mergulhados, na sua chamada vida errante, resultado de uma vida errada. Provavelmente, o insultador das sessões de Carrington, se não era um inimigo de outras eras, seria um errante ainda muito cheio de erros.

Narrava o Espírito de Miss Felícia Scatcherd: "Nenhum peregrino do mundo dos vivos chega a este mundo pela mesma porta. O meio que aqui nos recebe se apresenta a cada um de modo inteiramente diverso". <sup>(149)</sup>

Não há motivo de espanto pelas fraudes, insolências, enganos e burlas dos Espíritos que se comunicam. Há de haver sempre burlas enquanto houver burladores. E a massa humana é composta em grande parte, senão em sua maioria, de seres inferiores, quer em moral, quer em inteligência. Estes é que, por uma espécie de ação de gravidade, ficam na esfera mais próxima a nós e são, portanto, os que mais frequentemente se intrometem nos nossos negócios, nas nossas vidas, em nossas manifestações e em nossas sessões.

Admirar-se um experimentador com as grosserias do Espaço seria o mesmo que estarrecer-nos diante dos grosseiros da Terra, onde, a cada passo, encontramos um agreste, um velhaco, um patife ou um malvado. E não há que estranhar vermos surgir dessa aproximação, embaidores de cá e cho-carreiros de lá — os escândalos de que fala Thurston, e a imprudência a que se refere Carrington.

Isto não quer dizer que, abrindo passagem entre a multidão dos desocupados que nos cercam, não venham a nós Espíritos de esferas superiores que nos elucidem sobre a sua situação e a vida nessas esferas. E que os centros de estudos, de observação, de experiências, em vez dos notáveis vultos que conhecemos, seja constituído de médiuns desonestos e experimentadores estúpidos.

Contra a suposição de que só há enganadores no Além e trapaceiros no Aquém, possuímos nós, para a descoberta da verdade, os meios de convicção que existem em nosso trato diário, os processos que usamos em nossa vida de relação: É a uniformidade dos informes, a verificação da identidade dos comunicantes, a multiplicidade das comunicações do mesmo teor, o estudo comparativo junto a outros informes, comprovadamente certos, a coerência nos relatos, a precisão nas respostas, a seriedade e gravidade do trabalho apresentado, a

---

(149) *Light*, 1927, Pág. 314.

universalidade dos mesmos princípios. E finalmente a experiência com toda a sua aparelhagem.

Quando os Espíritos apresentam vários episódios, cuja realidade averiguamos sem sombra de dúvida, quando as suas exposições se acolchetam, coincidem e concordam; quando a superioridade desses Espíritos se manifesta na linguagem, nos conselhos, na sabedoria que mostram e nos fatos que se verificam, não há porque duvidar quando nos contam sua vida particular e a vida em geral nas regiões que habitam.

Muitas vezes, as suas descrições concordam com o que percebemos nos fenômenos anímicos, ou nos fenômenos dos vivos; há uma correlação entre eles, e se os que verificamos com todos os nossos sentidos se tornam evidentes, não sabemos porque duvidar desses mesmos fenômenos quando o agente é o morto. Ponhamos exemplo; Diz este que os sofrimentos são por vezes intensos durante as doenças que conduzem ao termo fatal, mas que este termo é desprovido de dores e até, tal seja a elevação do paciente, é cheio de conforto físico e alegria espiritual. Como vimos é precisamente o que referem aqueles que estiveram à porta da sepultura.

Contam muitos que, antes de penetrarem em sua nova morada ou logo depois do falecimento, acompanham o enterro, perambulam pelo cemitério, vão aos lugares que frequentavam e ali permanecem, tal seja ainda a sua atração pelo mundo material ou a dificuldade em ascenderem.

Lembra-nos que, muito antes de nossos estudos, sem interferência, portanto, do subconsciente, e sem nada entendermos do assunto, sonhamos vir por certa rua ou estrada, quando alguém passa por nós, parece que acompanhado por outro indivíduo, e diz-nos: Bom dia, César. E logo após arrumamos uma facada pelas costas. A princípio tivemos uma dor fina e rápida. Percebemos que estávamos a morrer e ainda dissemos com os nossos botões — necessariamente espirituais — mas a morte não é tão ruim como se pensa. Quase poderia ter dito com certo rei de França: “Não pensei que a morte fosse assim”.

Não sabemos se o nosso nome era César ou se éramos algum César romano, o que nos parece duvidoso, a julgar pelo enterro mixe, a que nos foi dado assistir. É verdade que um César destituído e assassinado não podia aspirar a grandes exéquias. Mas tanto quanto nos foi dado apreciar, não vimos movimento nenhum que indicasse tratar de um defunto de alta categoria. Assim foi melhor: que desgosto se soubéssemos ter sido um daqueles paranóicos que governaram Roma.

Acompanhamos o enterro. Na espécie de nevoeiro em que nos achávamos, pouco vimos e portanto pouco poderemos descrever. Fomos indo na cauda do cortejo fúnebre. Notamos que era um enterro e cá o autor destas linhas estava dentro do caixão. O nosso pânico surgiu à vista do cemitério e da cova. Houve não sabemos que cerimônia e então parecia que íamos ficar lá por baixo, num esquite, e com um montão de terra por cima. E para não mais sair. E o que iríamos sentir! Horas terríveis! Afinal, os coveiros empunharam as pás. Ao ruído soturno da primeira pazada, acordamos. Um suor frio porejava da frente como se estivéssemos de fato à borda do buraco.

Para justificar aquele pesadelo procuramos descobrir o estímulo com que os entendidos em sonhos costumam justificá-los; buscamos achar o que teria produzido um baque qualquer, o que causara um barulho que desse a entender aquela pazada em cima da tampa por baixo da qual estávamos. Não achamos nada. Não pudemos descobrir coisa alguma. Contentamo-nos com a satisfação de estar ainda vivo e não possuir aquele antipático nome, que lembra uma época dos mais incríveis atos de insânia.

Sonhos... Mas os sonhos são, por vezes, as revelações de um passado que se conserva nas jazidas do chamado Inconsciente.

Miss Lilian Whiting revela uma sessão que se realizou com Mrs. Keeler. Perguntaram ao Espírito manifestante quais as suas impressões no Além. Diz Miss Whiting: "A Entidade declara lembrar-se que atravessou um período de inconsciência não muito longo, depois do que acordou, ouvindo vozes conhecidas e certa música paradisíaca, sem que ela pudesse descobrir como as vozes e a música se faziam ouvir em seu quarto. Viu depois surgir um deslumbrante foco de luz. E começaram então a aparecer rostos de pessoas queridas, que já haviam morrido. Ficou espantada e quase aterrorizada, indagando mentalmente o que isto significaria. Explicaram-lhe então que ela acabara de experimentar a transformação que, entre os vivos, se chama de morte. E concluiu: Num relance, vi tudo que tinha realizado durante a vida e o que se espera para a hora do julgamento, com o bem e o mal praticados".

Centenas senão milhares de manifestações têm o mesmo teor. O hábito de folhear os escritos forâneos, de perlustrar os protocolos referentes a tais assuntos, deixam-nos tão familiarizados com a vida do Além, que a nossa atitude é de

espanto quando ainda vemos falar em rincões insondáveis, ou “nesse abismo sempre noite”; ou então, de pena, ante o riso escarninho dos que não crêem e se julgam de uma superioridade enorme nessa descrença.

#### OS ESTUDOS DE UM MERO OBSERVADOR

Reproduzamos o relato de um douto pesquisador, inteiramente afastado de princípios doutrinários, que desconhece ou parece desconhecer — politécnico e matemático — e que deixou as fileiras do Positivismo pelo campo da observação psíquica. Trata-se do professor M. E. Caslant, que levou o seu depoimento a Fernand Divoir.<sup>(150)</sup>

Seus estudos experimentais foram a consequência dos trabalhos de radiação do Professor Ch. Henri, que havia publicado um livro com o título *Essai de généralisation sur la théorie du rayonnement*.

Ponhamos de lado esta parte técnica, que iria tornar fastidiosa a nossa digressão, para ater-nos aos fenômenos de lucidez mediúnica que ao autor foi dado observar. Deixaremos ainda a maneira por que é explicada a captação dos informes por parte do paciente ou médium, o que nos faria entrar num prolongado estudo, e colhemos alguns fatos entre uma centena de exemplos apresentados pelo professor.

Aparece à vidente um castelo. Ela passeia por ele, observa-lhe os detalhes e penetra numa grande sala para onde se vê atraída. Percebe então no aposento a forma de uma velha castelã. Lê no seu pensamento que ela morreu de velhice e continua a viver no castelo, com os mesmos hábitos que tivera em vida; ela sente ao pé de si filhos e netos, porém não os pode ver nem falar-lhes. Apresenta-se com as vestes do seu tempo.

Pensa o autor que se trata de lembranças vívidas, emanando do morto. É de crer que haja uma vidência real, sabido que muitos mortos, apercebidos ou desaperccebidos do seu estado, continuam com os hábitos da existência passada; ocupam a antiga habitação ou os antigos lugares que freqüentaram, vêm sem que os vejam, ouvem sem ser ouvidos e falam sem que lhes respondam.

---

(150) E. Caslant. *Cahiers Contemporains*. Ed. Mouton. Págs. 172-222.

Outro caso: Uma vidente tem o sentimento de encontrar-se em face de uma velha alsaciana, que lança com terror estas exclamações: "Tremo, minhas muletas resvalam para o chão; quero tecer meias para os meus netos, mas onde assentar-me? O chão não me parece sólido; se meus netos estivessem aqui me guiariam. Onde estarão? Não os vejo, não lhes ouço os gorjeios. Estou perdida; eles me chamam, tenho a certeza. Tive algum desmaio? Ninguém me ouve. Olhem... escutem... Que voz é esta que não conheço? Quem quer que seja, tire-me desta confusão!

"— Estás livre das dores terrestres.

"— Que queres dizer? Não procures enganar-me; estou muito velha, tenhas pena de mim.

"— Sabes orar?

"— Ó Deus, como eu era crente quando o Céu me presenteou com meus netos!

"— Compreende que estás morta".

A esta reflexão tudo desapareceu.

Temos, neste fenômeno, a reprodução de muitos, verificados em sessões espíritas. No presente caso, trata-se de uma anciã, desconhecedora de seu estado, parecendo um tanto perturbada, que se via incapaz de sustentar as muletas, de continuar o seu crochê, ou amimar os seus netos, desaparecidos, não sabia como, de sua convivência amiga. O abalo produzido pela revelação da vidente, a de que morrera, quebrou o estado vibratório, e a transmissão findou.

Por muito longa deixaremos de reproduzir a comunicação de um alemão, morto na guerra, e que lamentava ter sido obrigado a meter-se nela, visto que era um homem pacífico, de bons sentimentos, incapaz de querer o mal. O fenômeno seria um formidável libelo contra esse morticínio coletivo, se os homens de estudo e de responsabilidade se interessassem por tais fatos.

No caso n. 10, um fabricante de carroças (un charron), falecido por excessos de mesa, dizia: "Há alguns anos... como isto me aborrece... Gostava muito de comer, quando era vivo. Aqui tenho fome e sede, e ninguém me oferece nada. Procuro inutilmente um restaurante; e quando entro nalgum, não me servem e eu faço barulho. Se possuo objetos, eles se desvanecem, e há uns farsantes (il y a des loustics), que me dizem que não adianta comer. Mas parece que vou voltar à

Terra e enquanto espero — virando-se para a vidente — .você não poderia dar-me alguns bifés com batatas?''.

Aqui vemos um Espírito consciente de seu estado, mas preso ainda aos apetites terrenos. Se voltar à Terra, talvez já com as vísceras digestivas arruinadas pelos excessos da vida pregressa, continuará dado aos prazeres desmedidos do copo e do garfo.

Mais três casos, os de n.ºs 16 a 18. Um homem corre levando uma espécie de aro muito grande, mas esse aro não passava de uma moeda. Durante a vida correu atrás do dinheiro, ele que não tinha família, nem amigos, nem encargos. Era um avarento.

Uma ex-modista tremia de frio; via-se rodeada de blocos de gelo e formas esquisitas, parecendo serpentes, que a ame-drontavam. Fora invejosa e fizera muito mal a uma irmã que muito lhe queria e muito beneficiara. Cometera o duplo pecado da inveja e da ingratidão.

O terceiro caso é de um malfeitor, que ajudava a matar. Sentia-se mergulhado num líquido imundo. À medida que lhe acudia à lembrança as suas malfeitorias, vinham-lhe insopitáveis ânsias de vômito. Fim merecido de um canalha sujo — *une sale fripouille* — como ele a si próprio chamava.

Como se vê, Dante dir-se-ia inspirado com as cenas que preparou para os condenados ao Inferno. Mas as cenas dantescas não param aí. Colhamos mais esta no relato 23:

Há uma espécie de lago de fogo, onde as chamas se elevam como um vaso de ponche. Mergulhadas nas chamas vêm-se caras que careteiam ou cabeças que trejeitam — *des têtes grimaçantes* — e cujos corpos, semelhantes a ampolas elétricas, ardem interiormente. Procurando a causa dessa tortura vê-se desenhar na mente de um deles o seguinte quadro: Era um terrível salteador; penetra à noite por um postigo numa herdade do século XIV, degola os criados e um cabreiro adormecidos; desce a uma sala e abre a porta a dois outros bandidos. Todos rebuscam os armários e chegam a um quarto onde matam o fazendeiro e a mulher; uma criança acorda e grita, e eles apanham a criança e lhe apertam o pescoço como a um frango.

Verifica-se apenas uma cena da vida desses bandidos. Dir-se-ia que esse sofrimento infernal é a memoração, pela vidente, dos ensinamentos cristãos. Mas, em muitos comunicados mediúnicos, declaram uns que se sentem arder, e se supõem no Inferno; outros pedem que lhes afastem as chamas que



os devoram sem consumir. Essa pena é acrescida do desespero, haurido nos ensinamentos que lhes ministraram na Terra, quando lhes diziam que ela seria eterna.

Talvez venha daí a noção do Averno, que existe em tantas religiões, e que tanto horroriza os crentes. Aquele tremendo castigo era, sem dúvida, muito justo, em vista dos crimes cometidos. Apenas temo-lo como visão e sensação temporárias, onde, ao ardor daquelas chamas fictícias ou verdadeiras, são incineradas as más paixões e quebrantadas as almas empedernidas, surgindo das cinzas a Fênix do arrependimento e dos bons propósitos.

Num dos casos que se seguem há a aparência de dois mortos. Um deles é uma suicida. “Afoguei-me — diz ela — porque estava na miséria. Já havia morrido e julgava afogar-me ainda. Sofri terrivelmente, sufocava, sentia o peso da água que me esmagava; queria gritar, mas a água o impedia, e eu a engolia, e engolia... Via-me no fundo. É horroroso sofrer assim. Dizem-me que isto durou cinco anos.

“— Quem disse?

“— A dama que me libertou e que ali está. Senti que alguém me tomava nos braços; aliviou-se-me o peso, retomei a respiração; a dama secou-me, restituiu-me o calor e me conduziu tão suavemente, que para logo tive conhecimento de mim. Parecia ela um anjo e seus olhos enviaram-me raios que aqueciam todo o meu ser. Repreendeu minha má ação e mostrou-me os dias felizes que eu ainda gozaria se tivesse suportado a prova. Fez-me ver que esta fora devida à minha existência precedente onde causara a miséria de várias criaturas.”

Como se vê, não difere esta descrição das muitas que enxameiam nos livros que tratam do suicídio e do sofrimento que ele acarreta. É de notar ainda o fato de mostrarem aos suicidas que os motivos que os levaram a matar-se iriam modificar-se ou iriam desaparecer, o que lhes torna mais dolorosa a falta cometida.

Os Espíritos que trouxeram o código de moral a Allan Kardec disseram que felizes serão os que suportam as tribulações da vida, sendo o suicídio uma transgressão da lei.

O médium português Fernando de Lacerda recebeu comunicações mediúnicas de vários literatos portugueses que abreviaram a vida, os quais narram a trágica situação por que passavam. Entre estes merece especial relevo a comunicação do saudoso romancista Camilo Castelo Branco. Também a

nossa patricia Ivonne A. Pereira vem recebendo magnificas obras do Além, e entre estas avulta a que se refere ao suicídio e aos suicidas. São as mais lancinantes agonias que a pena pode descrever. Por essa médium, o grande Camilo enviou uma carta ao escritor destas linhas, naquele seu vigoroso e inconfundível estilo, carta que o fez andar escondendo as lágrimas.

Em novos transes, desfilam aos olhares dos videntes os desencarnados, cuja vida sem lances, sem heroísmos, sem atos meritórios, porém sem grandes quedas, sem atos criminosos, passam no Espaço sem sofrimento nem alegrias. Uma vida desenxabida, ou uma morte, se quiserem.

O vidente sobe agora de plano. E um Espírito lhe diz: "Interesso-me por seus trabalhos e me interessarei se o instrumento puder servir. Vivo num meio cujas vibrações são desconhecidas na Terra. Consigo ir a maiores alturas quando outras almas me ajudam. Para descer até vós sou obrigado a impregnar-me de novos fluidos, a cada zona que atravesso — isto para aumentar a minha densidade, até que consiga chegar a esta ambiência inferior. Esse esforço é penoso. Só o grande desejo de vos instruir me conduz até vós. Aqui tudo se acha envolvido em bruma espessa; há um como capacete que me asfixia; um aparelho de compressão neutraliza-me e me encadeia, enquanto em nossas regiões de luz, num espaço sem limites, o pensamento se estende ao infinito, e conservamos todo o encanto de nossas idéias criadoras".

Eis-nos diante dos informes que costumam dar-nos os Espíritos Superiores, os quais confessam as dificuldades, quase intransponíveis, que se lhes deparam por vir até nós, e quando chegam até nós. Há ainda maiores dificuldades para nos transmitirem as suas idéias e seus relatos, através de um cérebro que não é o deles e que nem sempre podem manejar à vontade, dificuldades a que se junta a nossa incompreensão quanto ao que se passa no Além.

Já nas famosas experiências com a Sra. Piper, os comunicantes confessavam a luta que deviam manter por se conservarem incorporados, quando se sentiam como a faltar-lhes o ar e a embaraçar-se nas comunicações.

Os sensitivos, nas experiências do Dr. Caslant, percebiam coros admiráveis; eles ecoavam por toda a parte, sem que se pudesse precisar de onde provinham. É de lembrar a monografia de Ernesto Bozzano sobre a música transcendental, onde se descreve, com várias cópias de citações, o mesmo fenômeno.

Informavam também que, contraparte da vida humana, há, nas regiões que habitam, casamentos, como também, amor. Isto necessariamente provocará o sorriso dos que vêem nestas cenas um arremedo dos nossos hábitos ramerraneiros. E há de fato um arremedo, mas para melhor, nas regiões superiores, e para pior, nas inferiores. Mas esse arremedo é apenas nas circunvizinhanças.

Nas uniões das almas não existem as paixões violentas, o ciúme, o egoísmo, a ascendência do mais forte, os desejos físicos, os gozos efêmeros da matéria, senão a aproximação espiritual cheia de dedicação, afeto, cordialidade.

O Espírito dizia: “Existe para nós uma espécie de posse, pelo contato dos fluidos, que é mais etérea, e preferível às sensações carnisais”.

Ainda sobre o mesmo assunto referia outra Entidade: “Há em minha esfera agrupamentos que se fazem por simpatia e afinidade. O contato dos fluidos, astrais, nos casos de afeição superior, envolve duas almas, que se elevam, e lhes dá o entendimento que lhes seria inacessível por outra forma. As sensações conseqüentes não se podem comparar com as da encarnação terrena, que separam, ou desmoralizam, ou matam”.

O vidente não pode penetrar nas regiões muito elevadas, a não ser conduzido por Espírito de elevada categoria. Assim, dizia um deles, que teve essa oportunidade: “Experimento uma extraordinária sensação de luz. Seres magníficos passam sob a forma de luas, outros como grandes ondas. E depois . . . nem som, nem luz, um pensamento puro, uma irrealidade de sonho numa vida intensa”.

Num comentário declara o autor que nessas regiões superiores as impressões são intraduzíveis porque não há correspondência com as da Terra. Aí, o mais poderoso dos sentimentos humanos, o amor, toma um aspecto inexprimível um desabrochamento sem limites da alma (un épanouissement sans limites de l'âme); harmonias incomparáveis, a insensibilidade, uma bem-aventurança unida ao sentido do eterno são pobres impressões para dizer o que o sentido percebe.

Videntes há que observam espíritos prestes a reencarnar. Uns o fazem de vontade própria, outros são forçados a tomar corpo. Conta um deles, que viveu ao tempo da Revolução; voltou mais duas vezes, uma como cantoneiro, outra como arquiteto: “Da primeira vez fui arrastado para a carne, sem resistência possível; imagine um fio de palha arrancado por um

ciclone; só pude reaver os sentidos no mundo e só percebi que tinha experimentado uma reencarnação quando voltei ao Espaço. Na segunda vez já pude escolher o meio em que devia descer”.

A outro vidente, declararam: “A alma é advertida de sua encarnação por um sentimento interno. Se ainda não se acha evoluída, seus mentores a guiam e instruem. Em cada plano há um trabalho de atração e assimilação da matéria, até que ela possa atingir o mundo físico, onde espera a ocasião de implantar-se em terreno favorável.

“Há Espíritos que descem em missão. É um grande sacrifício, mas que lhes traz grande merecimento. A alma na sua volta ao Espaço é como um recém-nascido; não se adapta de imediato, e daí, por vezes, a sensação de que tem frio e obscuridade; costuma cair num estado de torpor, mesclado de impressões físicas, sem que as mais das vezes perceba a sua passagem para o Além. A persistência das impressões finais é de notável intensidade, quando acompanhada de uma sensação violenta, como a do suicídio. Ela revive, como num pesadelo, o gênero de morte que deu a si própria, e isto durante um tempo proporcionado à força dos sentimentos que lhe ditaram o ato. Os fluidos conservados na morte são semimateriais e podem apropriar-se aos desejos do indivíduo, inspirados pelas lembranças da Terra.

“Compreende a alma no Invisível que os obstáculos que encontra dimanam de seus erros e até dos de outros, e que grande alegria será quando todos forem salvos. Daí a necessidade solidariedade para a felicidade comum. Isso explica, em parte, a missão dos Espíritos e a solicitude por que velam pelo progresso”.

Discorre ainda o autor, conforme as lições recebidas: “Os que chegam no Além assemelham-se aos que desembarcam: maltrapilhos ou com bagagens, sós ou acompanhados; seguem a pé ou de carro... As entidades tomam aspectos sucessivos à medida que atingem regiões mais elevadas. Assim se vêem personagens com forma humana, as vestes de sua época, ou luminosas; a luminosidade lhes caracteriza a evolução; há luzes brilhantes, fronte com um rasto luminoso, formas ovóides radiantes, formas estelares... Mais acima ainda, a forma desaparece; permanece apenas a impressão indefinível de presenças.

“Há os Guias. Não se creia que têm por fim aliviar-nos de qualquer esforço ou qualquer pena. Seu papel consiste em

ativar a nossa evolução, que comporta tantas vezes provas bem dolorosas.

“Nas manifestações do Além é difícil senão impossível descrever a vida dos planos superiores, inconcebível ao nosso entendimento e intraduzível em nosso vocabulário. Já o mesmo não acontece com as inferiores, que apresentam certa analogia com as misérias e os sofrimentos de nossa pobre existência terrena”.

Neste ligeiro apanhado buscamos um experimentador alheio às atividades e à doutrina espíritas, por não ser acoimado de sectarista. Pensamos que se acha isento de qualquer suspeição. Ele reproduz apenas o que lhe transmitiram os videntes, quando estudava o fenômeno batizado com o nome de criptestesia ou de metagnomia. Não há porém nada que melhor demonstre as verdades de uma teoria que a multiplicidade do testemunho, que os testemunhos convergentes, que a identidade das manifestações, que a concordância nos informes ministrados, que a independência do observador.

Ora, no longo e minucioso estudo do antigo chefe da escola positivista, vemos a perfeita conformidade com os ensinamentos trazidos pelos Espíritos a Allan Kardec, e mais tarde com as obras posteriores que nos descrevem a vida do Espaço, pelo menos as próximas a nós, como uma reprodução do que aqui se passa. Essa reprodução leva os neófitos a apresentarem um argumento que lhes parece intocável, o de que a mentalidade dos espíritas é tão fraca que caem no antropomorfismo, quando fantasiam sobre a vida no Além.

É este porém um ensino universal; é o que dizem todos os Espíritos e acham, naturalmente, os espíritas, que não é possível modificar a transmissão para se colocarem à altura mental dos críticos, que nunca observaram nada.

A literatura psíquica estendeu-se. A parte que trata da vida pós-morte é vastíssima; os relatos se multiplicam, os informes descem em catadupas das manifestações mediúnicas, os livros enchem prateleiras. Ajeitar todo esse manancial na conformidade das idéias dos que não sabem nada, seria provavelmente bela meloplastia, mas talvez não fosse honesto e muito menos curial.

Não há como os exemplos, como os casos, para a demonstração de uma tese. Vamos apresentar alguns extraídos do imenso acervo dos Anais do Psiquismo.

## OS ESPÍRITOS SE COMUNICAM

### O CONSOLO DA VOLTA

A Sra. Stuart escreveu uma obra *Não há mais lágrimas* traduzida em francês com o título *Plus de larmes*.<sup>(151)</sup>

Perdera ela um filho nos campos de batalha da França; ia ele pelos 19 anos. Estava inscrito na aviação, e quando ela soube que ele ia atravessar a Mancha, por ocasião da guerra em 1914, teve um terrível sobressalto e o coração lhe gritou: "Perdeste o filho". Chamava-se ele Athol.

Rememorava ela o amor que lhe tinha; eram como dois namorados — two sweethearts. Ela lhe pedira: "Se te chegar o momento, guarda um sorriso para a tua mamãe. Vou ser corajosa e nos tornaremos a ver, querido, em alguma parte, em algum dia, de qualquer maneira. Não quero que tenhas uma sombra de ansiedade por minha causa.

"— Compreendo, querida mamãe; nós nos reveremos, mas me prometerás também não chorar nem pôr luto; veste as tuas bonitas roupas em lembrança de mim".

Despediu-se o jovem de seus parentes, dos companheiros de arte, visto que a ela se dedicava. E na sua última *soirée* cantou três canções — "The Perfect Day", "Let the great big World keep turning" e "God send you back to me".

Olhe o estribilho, mamãe: "— I only know — I want you so...". E ela cantou, ou antes, soluçou o estribilho. Ao voltarem, de braços dados, por sob as estrelas, nos caminhos do campo adormecido, dizia ela: "Não poderei mais ouvir estas canções a não ser por ti...".

Ele partiu no dia seguinte para o *front*. E vinte e oito dias depois era morto perto de Menin, onde caíra o seu avião.

Passemos pelas páginas dolorosas da angústia materna. Não acreditava ela em Espiritismo, mas, instada, foi a uma sessão. Logo a médium lhe disse que via perto dela duas pessoas.

(151) Mrs. E. Stuart. *No More Tears*. Londres. 1931.

A mais jovem era oficial de aviação, mostrava uma insígnia e finalmente declarava que era o filho da Sra. Stuart. O avô é que o trouxera à sessão; contou como fora atingido: caíra em Menin, perto de Armentières; o avô lhe mostrara no campo alguns átomos de seu invólucro mortal. Referiu-se a vários e interessantes pormenores.

Todos os informes eram absolutamente exatos, e daí se calcule como ficou surpresa e comovida aquela progenitora. Fez ela então várias viagens à França, a ver se descobria o túmulo do filho. Foi dolorosa, exaustiva e inútil a peregrinação.

Voltou a falar com ele e lhe perguntou onde se achavam seus restos. E o filho lhe disse: “Por que as tuas viagens à França? Eu já não estou lá; com pesar te afirmo que não tenho túmulo; de mim sobrou apenas uma perna, que enteraram com outros camaradas. E o restante ficou irreconhecível. Caí vítima da crueldade do homem contra o homem; não fui disperso aos quatro ventos, mas aos quarenta, e reduzido a migalhas”.

Seguem-se os lances dramáticos como os de um filho morto que fala à sua mãe, e lhe conta coisas comovedoras, e lhe dá indicações de tal ordem que a progenitora se convenceu, sem sombra de dúvida, que era o filho que ali estava.

Chegou ela a experimentar o fenômeno da voz-direta. E o filho lembra-lhe uma promessa: “Tu disseste que quando me visses, tornarias a cantar aquelas canções”.

E diante de vinte e três testemunhas o canto dele ressoou. Cantou para ela: “Um dia perfeito”. Na 2.<sup>a</sup> — “Que deixe o mundo girar”, chegou ao estribilho — *I only know...* (Eu sei apenas...). E o cantor a perguntar: “Como é, mamãe, e o estribilho, já o esqueceste? Tu que o cantavas comigo, repete-o agora”. E as vozes, de mãe e filho, se confundiram como se estivessem na sala de concertos, na véspera de seu embarque.

Na 3.<sup>a</sup> canção ele pôs o tempo no presente: “Deus te restitui a mim”.

Também o pai não acreditava em Espíritos. Quando o foi levar à estação, no último dia, dissera-lhe então: “Deus te abençoe; tu és agora um homem”. Ninguém ouvira tais palavras, e o filho as lembrava ao pai atônito.

O livro da Sra. Stuart prolonga-se na memoração de fatos passados que o filho vinha lembrar; na narrativa de vários outros incidentes. Um deles merece ser relatado nesta abreviadíssima resenha, por sua semelhança com outros congêneres:

Em certa sessão dissera Athol: “Mamãe, não deixe, sábado, a cabeceira de minha avó. Pouco antes das dez da noite viremos buscá-la”. A Sra. Stuart relata o caso à enfermeira que prometeu ficar ao pé da velha, embora não estivesse de serviço. Chegou o sábado. Lá para as nove horas pôs-se a velha a olhar em torno e perguntou: “Quem são estas pessoas que estão aqui?”. E cada vez mais admirada, pôs-se a contá-las e declarou à neta: “É meu pai, meus filhos, teu Athol...”.

E a velha adormeceu tranqüilamente. Estava morta. Faltavam 10 minutos para as dez da noite.

Continuemos as nossas narrativas. Se o cético passar por elas com seu sorriso de mofa, o pesquisador terá nelas um elemento de estudo e o triste peregrino de nossas plagas vê-las-á como um raio de esperança.

#### SÍNTESE DE UM RELATO DO SÉCULO XIV SOBRE A APARIÇÃO DO ESPÍRITO DE GUY CORBEAU

Num lugar chamado Barona morrera esse cidadão, que se manifestava à viúva. Esta, alarmada, queixa-se a vizinhos e amigos e corre afinal aos Irmãos Pregadores de Alais. — Les Frères Prêcheurs. E lhes contou o sucedido. Os irmãos vão entender-se com o prior Jean Gobi. O prior e o mestre de Teologia recorrem ao governador da Cidade.

O governador põe-se em diligência. Abstemo-nos de transcrever todo o aparato, todas as providências e todo o cerimonial desenvolvido na casa da viúva com o interrogatório do defunto e a minuciosa conversa encetada.

O morto não se fez de rogado: apareceu e falou. Como dissesse que não passava lá muito bem, perguntaram-lhe porque tinha sido punido. Respondeu: “Porque pequei em muitas ocasiões”. Entre o vasto questionário indagou ainda o prior: “Porque não vieste falar aos religiosos em vez de vires assombrar tua mulher?”.

O Espírito poderia dizer: — Porque vocês não são médiuns e só pela presença de minha mulher ou pela sua mediunidade me posso manifestar. Nada, porém, sabia de mediunismo e assim preferiu responder: “Porque amei mais a minha mulher que a todos os religiosos do mundo”. Certamente não sabia o que era a mediunidade.



Continuou o longo diálogo recheado de pontos de catecismo, até que o prior resolveu reenviar o Espírito ao Senhor. <sup>(152)</sup>

#### UM CASO JUDICIAL

Pelo seu valor probante e por tratar-se de um caso judicial com intervenção da polícia, apresentamos o seguinte que veio descrito num periódico checo e foi traduzido para o francês pelo Prof. Vicente Collins.

Na cidade de Chrudim deu-se o assassinio de Anne Mracek, a 11-9-1890. Esta senhora tinha saído de casa, a fim de apanhar palha para as suas vacas e não voltou. No dia seguinte o marido encontrou o cadáver num bosque, junto a um arroio. Fora morta com um tiro nas costas.

As suspeitas recaíram em seu marido, depois nos concessionários da caça Joseph Zavrel e Michel Vaseley. Mas como não houvesse provas, foi arquivado o processo. Ia-se já fazendo o esquecimento do caso quando se produziu um fato imprevisto, no mês de fevereiro de 1891. O rendeiro Joseph Kreill apresentou-se ao Procurador Geral e, ainda trêmulo, fez a seguinte declaração. Lá para a meia-noite sentiu-se acordado por força irresistível, e abrindo os olhos viu diante de si Anne Mracek, vestida de branco. Seu primeiro impulso foi o de fugir, mas o fantasma lhe disse: “— Não tenha medo. Foi Kastuvka — apelido do cultivador Joseph Zavrel — que me matou com um tiro de espingarda, e o outro, Vaseley me arrastou para o estábulo da herdade de Kastuvka” — E depois de contar as peripécias do homicídio, com as artimanhas para esconder o corpo continuou: “— Vá ao Cura e diga o que lhe acabo de contar”. E o fantasma desapareceu.

Declarou o vidente que se achava em seu estado normal, que era estranho à aldeia de Voijetchov, onde se dera o crime, e com mais forte razão ao caso do assassinio. Mas a aparição produziu-se por quatro vezes e a morta, na última, ameaçou seriamente o Kreill se ele não satisfizesse o seu pedido. O pobre homem estava desnortado: os cétricos iriam ridicularizá-lo, ninguém acreditaria nele; e todas as noites era aquela terrível intranqüilidade:

Mais uma aparição, e o homem, coberto de suor frio, com os dentes a se chocarem, pediu à morta que, ao menos, lhe desse uma prova.

(152) Toda esta história vem longamente descrita no *Tractatus de Apparitionibus et receptaculis animarum exutarum corporibus* de Jacques Junterbuck (Jacobus de Clusa), 1496.

“ — Prova não tenho nenhuma ” — replicou o fantasma — mas colocou a mão no ombro de Kreill, deixando-a lá impressa, enquanto este, aterrado, sentia-se desfalecer.

Não podendo mais suportar aquilo, foi dali ao cura que o remeteu ao Procurador Geral. Este mandou que ele firmasse a denúncia, e com grande espanto viu-se-lhe no ombro esquerdo o sinal escuro da mão com os dedos afastados.

Reabriu-se o processo, cujos trâmites deixamos de parte por não alongar a narrativa. Os resultados foram surpreendentes. Zavrel acabou confessando o crime: Ao chegar ao campo de beterrabas descobrira um vulto, perseguiu-o, e como ele não parasse, atirou. O outro auxiliou-o no encobrimento do cadáver.

Zavrel e Vaseley foram julgados culpados, bem como suas famílias e fâmulos, por falso testemunho, quando declararam que os dois não tinham saído de casa no dia em que mataram a mulher.

Na longa descrição da folha há os nomes dos magistrados que constituíram a Corte, o do Procurador Geral, os dos defensores, assim como as penas impostas aos culpados. <sup>(153)</sup>

#### MAIS ALGUMAS PROVAS

Reconhecido por sua honestidade e insuspeição era o Reverendo Stainton Moses, médium e ministro da igreja Evangélica; calcule-se, portanto, com que indisposição recebia as comunicações, contrárias às suas idéias religiosas, às suas convicções pessoais, e inteiramente ao arrepio das noções que haurira no berço e se tornaram rígidas com a educação ministrada. Ele procurou esconder as suas produções mediúnicas, espontâneas, que recebia contrariado, e muitas só foram desvendadas quando, depois de sua morte, lhe deram busca no precioso arquivo.

Vejamos um dos casos:

Falecera nas cercanias de Londres uma senhora que Stainton Moses designava pelo pseudônimo de Blanche Abercombry. Ele não soube de sua doença e muito menos de sua morte. Mas, num domingo à noite, estava em seu domicílio, onde vivia muito retirado, quando recebeu uma comunicação da referida senhora, afirmando-lhe que acabava de deixar o corpo terreno.

---

(153) *Chradimsky Kvaj.* 25-8-1891. Raoul Montandon. *La Mort cette Inconnue.* Pág. 152.

Alguns dias mais tarde a mão de Moses foi novamente tomada pelo Espírito de Blanche. Ela lhe assegurava que aquela era a sua caligrafia, que traçara para provar a sua identidade. Nessa mensagem contava fatos muito íntimos, de sorte que o reverendo a guardou, lacrou e escreveu por fora — pessoal.

Quando Moses faleceu, Frederico Myers examinou os seus papéis, e os executores testamentários permitiram-lhe, a bem da Ciência, que abrisse aquelas páginas. Com grande surpresa verificou o filósofo que se tratava de uma comunicação de Blanche Abercombry, dama que ele conhecera. Comparou a escrita do documento com a dessa senhora e verificou a incontestável semelhança. Mandou as folhas escritas aos filhos da defunta e a um perito em grafologia. Todos afirmaram que a escrita do Espírito e a de Blanche Abercombry eram idênticas. Notaram ainda numerosas particularidades semelhantes, sendo que a comunicação era característica da defunta. <sup>(154)</sup>

Vejamos outro fenômeno, este talvez mais interessante pela sua divulgação e pelas pessoas nele envolvidas.

O Rev. Stainton Moses achava-se na Ilha de Wight, em agosto de 1874, em companhia de um amigo médico. Este, além da assistência que prestava ao amigo, acompanhava-o no estudo das comunicações recebidas. Numa delas, manifestou-se, de maneira singular, um Espírito, que se disse chamar Abraham Florentine, ter participado da guerra norte-americana de 1812 e haver falecido em Brooklin, a 5 de agosto de 1874, aos 83 anos, um mês e dezessete dias.

Ninguém conhecera o comunicante. Fizeram-se várias indagações, até que Frederico Myers publicou o caso, com os devidos pormenores, num jornal londrino, pedindo às gazetas americanas que o reproduzissem, a fim de se verificar a autenticidade do comunicado.

Havia um advogado norte-americano encarregado de examinar as reclamações dos soldados de Nova York; ele leu o artigo de Myers e comunicou que vira aquele nome, o de Florentine, e que as necessárias indicações poderiam ser fornecidas pelo Escritório do Ajudante Geral. E a resposta oficial da dita repartição foi a de que um soldado norte-americano de nome Abraham Florentine servira no exército americano no começo do século, e que sua viúva ainda vivia.

---

(154) Sir William Barrett. *In the Treshold of Unseen*. Na trad. francesa. Pág. 164.

O Dr. Cromwell, médico em Brooklin, encontrou o endereço dela num anuário, foi visitá-la e fez as necessárias indagações. Ela respondeu que o marido batera-se em 1812, que tinha um caráter muito vivo, e que morrera em Brooklin a 5 de agosto de 1874, com a idade de 83 anos, um mês e 27 dias. O único erro foi o de 17 dias para 27, que poderia ser falha mediúnica ou mesmo da memória do antigo militar. Como se vê, um fato perfeito de identificação.

Todo o caso, que se encontra na obra de Barrett — *Nos Umbrais do Além* — consta das atas e estudos publicados pela Research Society de Londres, daquele ano. <sup>(155)</sup>

Margery Lawrence narra o seguinte: “Um de meus próximos parentes morrera recentemente. Eu me achava em casa da viúva; essa morte sobreveio bruscamente, em conseqüência de uma intervenção cirúrgica, e a consorte ficou em grande abatimento. Seu tormento foi acrescido pelo fato de não se encontrarem documentos importantes sobre a propriedade, nem entre os objetos do defunto, nem mesmo na repartição do notário.

“Após uma entrevista com este último, que estava tão inquieto quanto nós, voltamos a Londres, ao palacete onde minha parenta devia ficar temporariamente até regular seus negócios. Depois de havê-la conduzido ao quarto, fui para o meu, sentindo-me bastante fatigada e perturbada por causa dos papéis desaparecidos.

“Estava deitada, mas acordada, e com os olhos bem abertos, apesar da obscuridade. Foi aí que vi, no fundo absolutamente preto do quarto, o contorno de uma forma masculina”.

Depois de descrever minuciosamente as peripécias da aparição, continua: “Era meu parente morto, tal como se apresentava em vida, com seu terno de lã cinzenta, sorrindo, e a fazer-me sinais de cabeça para me serenar. Sufocada, mal pude proferir algumas palavras ininteligíveis; ele respondeu imediatamente: — Tudo vai bem, Margery. Sou eu. Vim para ajudá-la nesta dificuldade. A caixinha está em casa de John Stroud (o notário), mas caiu por trás de umas caixas com as letras I.M.A., e alguns maços de papéis escorregaram em cima dela, de sorte que ficou oculta. Diga a Stroud que a procure de novo e a encontrará’.

“A forma começou a evanescer. Procurei retê-la: Espere, não seria possível que V. se mostrasse à viúva? Ser-lhe-ia um consolo.

---

(155) Sir William Barrett. Obra citada.

“Ele fez um movimento negativo com a cabeça, e com um leve sorriso de tristeza: ‘— Inútil; já o tentei; muita emoção, um como nevoeiro em torno dela. . . Diga-lhe que está tudo bem. Minha amizade para ambas. Adeus’.

“A forma fez o seu habitual gesto de despedida; depois extinguiu-se como a chama de uma vela que se sopra. Até agora o digno John Stroud não pôde compreender quem me deu a idéia de telefonar-lhe pedindo que procurasse de novo sob um monte de documentos, atrás de certo caixote, trazendo as iniciais I.M.A. a caixa que faltava e que foi devidamente descoberta”.<sup>(156)</sup>

É pena que a Igreja combata tão acremente a comunicação dos mortos. Essa comunhão é a revelação do Além, e a prova da imortalidade, como diria até o Sr. de La Palisse. E nenhum ambiente tão propício como o da Igreja, com suas orações, seu silêncio, seu recolhimento, seus claustros.

Os monges, nos séculos 11 e 12 — segundo nos refere E. Male — tiraram extraordinário proveito, conversando com os trespassados. Assim nos diz ele que, lendo as páginas de Guibert de Nogent verifica-se que o monge, naquela época, vivia num semi-sonho. Não existiam para ele fronteiras entre o mundo visível e o invisível. Conversar com os mortos era o mesmo que entreter-se com os vivos. Nada de anormal ou sobrenatural. O monge de Cluny, que subia silencioso, a escada do dormitório, encontrava por vezes um monge defunto que lhe pedia preces. As vezes, um que vai para a sua granja, através da floresta, vê surgir diante de si um fantasma. A tarde, à hora em que os monges reunidos na lareira têm a permissão de falar, ouvem-se estranhas histórias. Esses grandes mosteiros beneditinos, onde tudo é tão minuciosamente regulado, onde a vida parece bem monótona, recebe também maravilhosos visitantes; estes porém só manifestam sua presença às almas puras.<sup>(157)</sup>

Tem sido costume, para justificar a mania do fenômeno em apresentar-se como o Espírito de um defunto, dizer-se que o fato é devido à crença do médium. Mas já se viu que isto não pode pegar porque as aparições se manifestam em qualquer meio, em qualquer ambiente ou com qualquer indivíduo,

(156) *Psychic Review*, julho-agosto, 1939; *Psychic*, agosto-outubro, 1939. Pág. 153.

(157) Emile Male. *L'Art religieux du XII siècle em France*. Pág. 365.

não importa a crença que tenha. O caso acima vem demonstrá-lo.

Surgem então novos termos e novas hipóteses, isto é, nomes complicados e coisas difíceis de entender. O fantasma agora é outro.

Não nos explicam os negadores a razão por que os defuntos nos dizem coisas absolutamente ignoradas do médium e dos assistentes, o que a crença deles não justificaria. O caso que se segue é um desmentido às suas teorias.

Quando rapaz, então juiz na Austrália, o Dr. Louis Hilton resolveu com outros rapazes ir a uma reunião de experiências psíquicas. Numa delas disseram-lhe estar presente uma de suas irmãs, falecida por queimaduras de água fervente, a qual, se vivesse, teria então quatorze anos. E que ainda ali estava uma outra irmã, que só vivera uma hora e nascera sem braço.

Quanto ao primeiro informe estava absolutamente certo, mas era inautêntico e inverossímil o segundo.

Narrou o caso à progenitora, e esta, muito pálida, exclamou: "Como é possível que você soubesse isto? Tive de fato uma filha que só viveu uma hora, que não tinha braço, mas esse caso só era conhecido por mim, pelo pai e pela parteira. Nunca disse nada a ninguém".<sup>(158)</sup>

É comum, em casos de comunicações de Espíritos, declarar o cético ou o moderno parapsicólogo (o que é quase a mesma coisa) que é o inconsciente que se faz de morto. E deixam de lado os casos em que é difícil apelar para esta saída, visto que seria impossível descobrir onde o inconsciente fora achar os informes que presta. E como os doutos não topam com os fatos, vamos nós apresentá-los.

A Sra. Ruffié, durante a Primeira Grande Guerra, reunia em seu salão pessoas da alta sociedade. Médium, davam-se em sua casa fenômenos importantes. Um professor do Liceu dizia ironicamente a respeito: "É, estamos em tempo de guerra...". Assim como diria algum nosso patricio — mentira como terra.

Numa visita à casa da Sra. Ruffié, foi logo dizendo, por mostrar-se superior a estas coisas, não acreditar em nada do que se propalava. Entretanto — acrescentava — "se eu conseguisse falar com minha falecida mãe, consentiria em examinar a hipótese de uma possível sobrevivência".

---

(158) Louis Hilton. *L'Astrosophie*. Abril, 1940.

A médium declarou que não tinha uma estação telefônica para o Além, entretanto, tentaria. E pediu-lhe que se concentrasse. O professor esboçou um sorriso irônico e assentiu: "Vou experimentar".

Fez-se silêncio. Repentinamente, a médium toma um lápis e se põe a escrever. Leu depois a mensagem, que não tinha assinatura. O professor, de começo, humorístico, tornou-se sério e depois empalideceu. E tomando repentinamente a folha das mãos da médium, exclamou: "Não! Não prossiga. Não é minha mãe que se comunica, porém, meu pai, o que eu não esperava, por estarmos de relações cortadas. Ele vem desvendar um segredo de família, que só ambos conhecíamos". E o ceticismo do professor desapareceu. <sup>(159)</sup>

É um caso, convenhamos, em que não se pode afastar, de todo, o inconsciente. Há que acrescentar, porém, que se trata de um inconsciente velhaco, delator, revelador de segredos, que não conviria espalhar, haja vista a aflição do cético professor. Também pode ser uma calúnia em cima do dito inconsciente, mas este é irresponsável e não pode defender-se, de sorte que não há perigo de vermos o caluniador envolto nas malhas do Código.

#### UM CASO PESSOAL

O caso acima faz-nos lembrar um que há muito tempo se passou conosco. Era nosso colega distinto homem de letras, por sua vez genro de conhecido escritor, que militara na Monarquia, portador de um título de nobreza e autor de várias obras; distinguia-se pelo muito amor à pátria e por muito se ufanar de seu país.

Nosso amigo não era cético, porém nada conhecia de Espiritismo, e assim é que veio pedir-nos o seguinte: Tinha, ou melhor, tivera um cunhado, delegado de polícia em São Paulo; esse cunhado apareceu morto na banheira. Havia muita aflição na família que, além da perda do parente, não sabia se a morte fora por acidente, assassinio ou suicídio.

Presidíamos na ocasião um centro de experiências e tivemos vontade de dizer-lhe que não mantínhamos uma agência de informações com o outro mundo. Mas, tratava-se de um amigo, um bom amigo, cavalheiro dos mais distintos, de sorte que não soubemos como desiludi-lo, e acabamos prometendo ver o que era possível tentar.

(159) M. Stellet. *Psychica*. 15-10-1932.

Não tínhamos a menor esperança de êxito. Nossas sessões eram fracas, quanto ao rendimento espiritual; não apresentavam casos dignos de estudo; os manifestantes prestavam indicações vagas, inverificáveis. Alguns nem sabiam se tinham morrido, não se lembravam onde moraram, nem que nomes tiveram, nem mesmo quem eram ou quem foram. Um caso magnífico para a Teosofia, com seus cascões.

Destarte, seria um milagre que aparecesse por ali o Espírito do delegado recém-falecido. E o caso se foi apagando de nossa mente, quando, numa das sessões surgiu o nosso amigo. Não o apresentamos a ninguém, pois já se achavam todos em seus lugares. Nem nada dissemos de seu pedido, de que pouco nos lembrávamos, dado o desinteresse com que o ouvimos.

Logo no começo, uma portuguesa declarou estar vendo um cadáver dentro de uma banheira. Parece que se vai dar o milagre — pensamos. Já a essa altura o nosso amigo tinha o ar espantado, e olhava, pávido, para a médium. Iamos solicitar maiores explicações, quando ela cai em transe, e o Espírito se manifesta. Principiou gemendo, queixando-se de forte dor de cabeça. E depois vieram exclamações de desespero: “Eu morrer tão moço, cheio de esperanças, numa carreira triunfante! E de repente tudo desaparece violentamente!...”. Disse-nos mais alguma coisa de sua vida, sempre com os mesmos lamentos, com a mesma dolorosa revolta. A muito custo pudemos falar-lhe e perguntamos, então, como tinha morrido. “Foi um estouro na cabeça — disse ele. — Senti aquele estouro, tive uma dor horrível e caí...” — Mas alguém o atacou, o feriu? O amigo tentou contra a vida? “— Não — exclamava ele — foi o estouro.” — E toca a lamentar-se de novo.

Não pudemos inquirir mais porque o nosso amigo fazia, de seu lugar, sinais ansiosos com a mão. Limitamo-nos a consolar o morto como nos foi possível e, depois de ligeira prece, encerramos o diálogo.

Terminada a sessão, dirigimo-nos ao colega, desanimado: — Então, tudo falso? “— Não, absolutamente não” — respondeu ele. — Então por que aqueles seus sinais, como inspetor de trânsito, no ardor do movimento? “— Era porque estava tudo tão exato, que já não precisava mais. Além disso, eu me achava tão nervoso! Nunca vi uma coisa assim!...” — Ora esta — replicamos — por causa de seu nervoso deixamos em meio um caso digno de investigação.



Ele, porém, ainda muito agitado, interrompeu-nos e indagou: "Vocês dizem que o Espírito adiantado é calmo, sereno, feliz, entretanto o meu cunhado, homem correto, estava naquela aflição...".

Principiamos a explicar que o Espírito recém-desencarnado, ao incorporar, talvez por uma questão de vibrações, ressentete-se das últimas impressões materiais; é assim que lhe voltam as dores da doença que padecia...

"Porque — revidava ele — sem deixar-nos terminar: — Esse cunhado era honestíssimo, cumpridor de seus deveres, e até revoltado contra as injustiças, as indignidades; basta dizer-lhe que, uma vez, um salafrário, um miserável, abusou de uma criança de oito anos... Pois meu cunhado mandou baixar-lhe o pau, até que ele arriou."

— Mas — interrompemos por nosso turno — essa pancadaria estava no Código?

"— Ah, não, mas é que..."

— É que ele exorbitou, foi além de suas funções, transgrediu a lei e maltratou desumanamente um degenerado. Quem sabe, quantas vezes, com os poderes de que estava revestido, em virtude do cargo, teria cometido violências semelhantes?

E como o víssemos muito abatido, dissemos-lhe, a título de consolo: — Mas vá descansar a família; já sabem o que desejavam: — Nem suicídio, nem morte violenta. Um estouro.

## A VIDA NO ESPAÇO

Os rápidos excertos que vamos apresentando são reduzidos exemplos colhidos entre inúmeras revelações. Da sua multiplicidade e concordância, dada ainda a prova da autenticidade do ser comunicante, resulta saber-se o que é a vida e o que se passa nos primeiros planos da espiritualidade.

A passagem da vida à chamada morte é sem abalos nem sofrimentos nos indivíduos com poucas contas a prestar. A facilidade do desprendimento, entretanto, depende da idade, da natureza e duração da doença, das últimas preocupações, do estado evolutivo e principalmente das ações praticadas pelo desencarnado. Há fatores que facilitam ou dificultam o desenlace final.

Quando os mortos tornam à nossa atmosfera é que ficam como que obnubilados, asfixiados, embora não seja esta uma regra geral. Alguns sentem voltar-lhes os sintomas da enfermidade de que foram vítimas, e daí as dificuldades de se comunicarem; tais embaraços, acrescidos da intervenção de espíritos inferiores, mais adaptáveis por essa inferioridade à nossa ambiência, produzem, não raras vezes, as incoerências, as contradições e até os disparates que tanto sabor causam aos desconhecedores da matéria.

Mas, do acervo de provas, já se pode afirmar que, à entrada do Novo Mundo, os sofrimentos físicos e morais desaparecem, nas pessoas normais, bem entendido. Forma-se um novo corpo fluídico semelhante ao material, como já vimos pelo testemunho dos vivos; amigos, conhecidos, parentes, guias, desta e de outras encarnações, os vêm receber, congratulando-se com as vitórias que tiveram, já no combate às próprias inferioridades, já nos benefícios que puderam praticar.

De começo, as esferas que habitam conservam as características terrenas, as quais se vão diluindo à proporção que o Espírito, envolve, ascende, muda de plano. E nesses planos elevados já são mais embaraçosas as comunicações, porque

não nos é dado possuir certos conhecimentos e se torna difícil transmiti-los a quem deles não têm a mínima idéia.

Os espíritos — por certo os que o merecem — remoçam, embelezam, perdem as deformações, cicatrizes, defeitos, quaisquer dos sinais que enfeiam o corpo.

As crianças educam-se no Espaço. Há escolas, creches, asilos, hospitais, casas, jardins, flores, animais... Os Espíritos insistem nesses informes, como para esmagarem, pela reiteração, a risota, a zombaria, o descrédito ou o gargalhar humano.

Referem eles que se sentem flutuar no Espaço; alguns receiam cair; vêem panoramas deslumbrantes, com cores e tons que nunca viram nem puderam imaginar que existissem. Sentem harmonia e paz que nunca experimentaram; sons musicais, melodias indefiníveis, vistas deslumbrantes fazem-nos esquecer para logo as misérias terrenas. Os mais adiantados falam nas harmonias das esferas, e se nunca tivessem vivido diriam que eram falsas as notícias dos ruídos que ferem os nossos nervos, os estampidos, os estouros, os ribombos, o matraquear da metralha, o esbarrondar dos edifícios, o fragor das bombas, o conjunto dos mil ruídos diferentes em que vivemos mergulhados, como num maremoto.

O Espírito inferior fica alheio a tudo aquilo, que é beleza e esplendor. Temos exemplo aqui, quando vemos seres indiferentes a qualquer manifestação do belo. Permanecem diante dos mais interessantes quadros da natureza sem lhes perceber o encanto. São estranhos à música, à pintura, à estatuária, à literatura, à arte, em qualquer das formas por que se apresentem. O seu atraso não lhes permite apreciar uma das mais grandiosas dádivas do Criador. Quanto mais adiantado, porém, é o Espírito, mais apto a percebê-las, o que lhes constitui uma fonte de felicidade.

O ser pouco evoluído sente-se por vezes preso a um monoidéismo. Acompanham-nos certas idéias que alimentaram em vida; vivem ainda no meio terreno; desconhecem que estão mortos e por isso os fenômenos que com eles se passam os perturbam e até alucinam; infestam suas antigas moradas, continuam com os velhos hábitos, prosseguem nas costumeiras funções e revoltam-se porque ninguém os atende. Continuam sujeitos às inibições sensoriais adquiridas, de sorte que a morte não é para eles uma alteração, porém uma existência sem solução de continuidade, a não ser na perturbação em que ficam e no desgosto que deles se apodera.

Ocasões há em que o aspecto material onde se vê o Espírito é formado pelos seus desejos, pelos seus gostos, por suas inclinações. É a continuação da vida planetária com muitos de seus tormentos, visto que nem sempre podem satisfazer os vícios que trouxeram. Alguns, pela sua conduta, pelos bons sentimentos, merecem auxílio. É como acontece aqui, procuram os benfeitores ir-lhes aos poucos amortecendo os hábitos viciosos, como aqueles que não passam sem fumar ou sem beber.

O filho de Oliver Lodge, morto na Primeira Guerra, via soldados mortos que fumavam, comiam, bebiam. Mas isto que parece anedota, explicava o Espírito: "Tratava-se de criações efêmeras, a fim de ir diminuindo os abalos emocionais do recém-vindo".<sup>(160)</sup>

Léon Denis ensina que o ser humano pertence a dois mundos; pelo corpo físico, ao visível, pelo fluido, ao invisível; o sono é a separação temporária, a morte, a definitiva.

A situação do Espírito na morte é a consequência dos seus pendores. Os adiantados rapidamente se desprendem das influências terrestres, o que não acontece com os atrasados.

Charles Fritz, autor da *Vie d'Outre Tombe*, descreve sua morte: "Senti que os laços se iam desprendendo... Via em torno os Espíritos amigos que me esperavam; nada sofrera; os primeiros passos foram de criança que aprende".

Afirma ainda Denis que o ser adiantado possui fontes de sensação e percepções que não tem o encarnado. A morte não altera a nossa natureza, nosso caráter, nosso eu. Torna-nos apenas mais livres. No mais, as mesmas leis, as mesmas harmonias, a possibilidade de fazer o mal ou o bem, de progredir, de reformar-nos.<sup>(161)</sup>

O fenômeno do desprendimento já o temos estudado. Como dizia Bozzano, as narrativas são tão semelhantes, que se tornam monótonas pela sua constante repetição.<sup>(162)</sup>

O que pretendemos salientar, com mais um depoimento, é a persistência dos hábitos e caracteres no Espírito desencarnado.

Ensinava Montandon: "O homem após a sua morte continua o que dantes era, com os mesmos pensamentos, os mesmos sentimentos, os mesmos desejos, as mesmas esperanças, os

---

(160) Sir Oliver Lodge. *Raymond*.

(161) Léon Denis. *Le Problème de l'Être et de la Destinée*.

(162) E. Bozzano. *A Crise da Morte*. Trad. Pág. 77.

mesmos temores. Não há diferença entre uma pessoa viva na Terra e a mesma pessoa depois da morte, como não há entre um homem revestido do seu manto e esse mesmo homem depois que os desvestiu". (163)

E ainda o mesmo autor: "Nossa vida no Além depende das condições do ser que criamos todos os dias neste mundo. Se nossos prazeres só consistem na satisfação do corpo físico, a morte será então uma prova penosa, porque não estaremos mais em condições de satisfazer nossos apetites grosseiros e sofremos por não ser possível saciar ou mitigar os nossos desejos. Ao contrário, se nos esforçarmos por dominar as paixões, substituindo-as pelo trabalho intelectual, o amor das artes, o prolongamento de um ideal moral elevado, esses prazeres serão os que gozaremos do outro lado do véu." (164)

Tais conhecimentos vão já entrando no domínio científico, e assim é que doutrinava o eminente professor Charles Henri: "A morte não significa a perda da consciência e da personalidade. O psiquismo persiste. Ontem era a Metapsíquica, amanhã será a Biologia". (165)

Dizia Antônio Vieira: "No céu não tenho averiguado se se consentem saudades; mas assim como a sepultura é a terra do esquecimento, assim o céu é a pátria da memória e da lembrança. A morte ainda que esfrie o sangue, não acaba os parentescos; nem a diferença da vida faz mudança nas obrigações do amor. Os pais também na outra vida são pais; e como a morte não tem jurisdição nas almas, lá amam os pais e de lá abençoam a seus filhos, lá se gozam dos seus bens, lá se alegram com suas felicidades".

#### AUSÊNCIA DE SOFRIMENTO

As qualidades morais e faculdades intelectuais não se alteram com a morte. O mesmo não acontece com as condições físicas. A mudança é radical, tratando-se de Espíritos elevados.

Uma das suas primeiras e mais agradáveis sensações é a ausência de dores, males e angústias que o assoberbavam. E não só esta ausência, senão ainda uma sensação de bem-estar, alívio com as alegrias que ainda lhe proporcionam os esplendores do seu novo meio.

(163) Raoul Montandon. *La Mort cette Inconnue*. Págs. 323, e outras.

(164) Raoul Montandon. Obra citada.

(165) Prof. Ch. Henri. *L'Homme après la Mort*.

Lemos numa mensagem transcrita por Montandon: "Pela felicidade espiritual que experimentei em meu vôo (*dans mon envolée*) sentia que doces impressões dominavam de muito quaisquer alegrias terrestres. Sentia-me leve, feliz, sem temor pela mudança, sem receio de futuros sofrimentos, como acontecia na Terra, onde uma pena só se dissipa para dar lugar a outra. Mas o ser que se iniciou na vida espiritual sabe que as dores são como as nuvens sombrias que passam. Posso falar assim eu, para quem a vida não foi doce, assim pelas doenças como por outras causas íntimas, que não posso enumerar. E para quê? Passou!...

"Nem me pus a contemplar o corpo para quem tive tantos cuidados e que tanto me fez sofrer: era uma vestimenta de que não me iria mais servir".

E em outra mensagem: "Não será demais informar-vos: O instante supremo que todos temem, isto é, aquele em que a alma escorrega para o abismo, nunca é acompanhado de penosa sensação".<sup>(166)</sup>

Das *Cartas de James Blaire* extraímos a seguinte comunicação: "Há uma sensação deliciosa do Espírito quando se separa do corpo; a parte latente desperta em plena eficiência".<sup>(167)</sup>

E de Duffey: "Com a morte, os sofrimentos cessam, a ansiedade desaparece".<sup>(168)</sup>

Declarava um Espírito ao Juiz Edmonds: "Não escolheria a maneira por que morri. Não me queixo, porém, dada a natureza maravilhosa desta nova existência".<sup>(169)</sup>

De obra muito procurada na Inglaterra extraímos as seguintes notas:

Dizia à filha um Espírito que muito sofrera: "Devo ter dormido longo tempo, mas quando abri os olhos achei-me curada miraculosamente; vi-me tal como era nos melhores anos de minha mocidade, porém mais exuberante de vida, mais lúcida, mais ditosa".<sup>(170)</sup>

As regiões superiores afiguram-se aos Espíritos libertos verdadeiros paraísos. E um comunicava: "No paraíso onde me acho reinam o perfeito amor e a maior harmonia, que se manifestam numa grande apoteose".<sup>(171)</sup>

(166) Raoul Montandon. *La Mort cette Inconnue*. Págs. 343-359.

(167) *Blaire's Letters communicated by James Blaire to his mother*.

(168) E. B. Duffey. *Heaven Revised*.

(169) John Edmonds. *Letters and Tracts on Spiritualism*.

(170) *Messages from the Unseen*.

(171) Obra. cit.

E o Juiz Peckam: "Não me lembro de ter sofrido. Quando caí nágua e imergi não tive medo, frio ou asfixia. Desprendi-me sem perceber. Depois segui minha mãe que me veio acolher". (172)

#### O REENCONTRO DAS PESSOAS QUERIDAS

Outra das profundas alegrias que esperam o morto é o encontro das pessoas que muito estimou. Seria impossível descrever-lhes o contentamento. Suponhamos na Terra que, depois de sabermos desaparecida, sem esperança de tornar a vê-la, uma pessoa cara, encontramos-la, inopinadamente, em carne e osso, ali, em nossa presença. Há no organismo as reações que toldam um tanto o contentamento pelo encontro inesperado: tremores, palidez, afonia, perturbações cardíacas, desmaio... No Espaço, não havendo organismo, não há os inconvenientes que ele proporciona. É apenas o prazer, a satisfação imensa, inebriante, pelo achado do tesouro que se julgava irremediavelmente perdido.

Dizia Mrs. Plats: "Não se poderia pensar em felicidade maior que nesses encontros no meio espiritual, após longas separações que pareciam definitivas". (173)

Conta o Dr. Wolf: "Narrava um soldado, morto na Guerra de Secessão: 'Logo que abri os olhos, vi aproximar-se uma velhinha: — Oh! — exclamei surpreendido: És tu, avozinha? — Sou eu mesma — respondeu ela com grande doçura na voz; sou eu mesma, meu caro Jim, vem comigo. — E me levou para sua morada' ". (174)

Num centro de estudos, afirmava um comunicante: "Não posso descrever a felicidade que experimentei quando vieram a mim, ora uma, ora outra das pessoas a quem mais amara na Terra, e que todas vinham dar-me as boas-vindas".

Lê-se ainda nas *Mensagens do Invisível*:

A sua filha declara o Espírito da progenitora: "Quando despertei do lado de cá, vi-me cercada por todos que amara na Terra: ali estavam os semblantes das pessoas queridas que conhecera nas diferentes épocas da vida, a partir da infância". (175)

(172) E. H. Peckam. *A Heretic in Heaven*.

(173) Mrs. Jessie Plats. "The Witness", pub. na *Rev. Spiritist*, set. 1928. Pág. 393.

(174) Dr. Wolf. *Starling Facts in Modern Spiritualism*. Pág. 388.

(175) *Messages from the Unseen*.

Narrou o seguinte o Espírito do Dr. Horace Abraham: "Ouvi dizer que os desencarnados eram recebidos por parentes e amigos. Não vi ninguém. Enganei-me, pensei eu. Mas, tanto que me surgiu este pensamento, percebi dois desconhecidos e me vi atraído para eles. Chamaram-me familiarmente, embora não lhes tivesse dado o nome, e parti em sua companhia, sentindo-me extraordinariamente feliz." (176)

O reverendo protestante que se assinava "Amicus" descrevia: "Vi-me acolhido e reconfortado e ajudado por pessoas que conhecera na Terra e que me precederam na grande viagem. Mas o que constituiu a grande alegria daquela hora foi encontrar-me com a querida companheira". (177)

Outro Espírito revelava à Sra. Duffey: "Experimentava penoso sentimento de decepção. Apenas surgira ele, achei-me numa planície. Era indescritível a beleza da paisagem... Depois vi diante de mim dois mancebos de radiosa beleza. Muitos anos antes levava, desesperada, ao túmulo, dois filhos adorados... Quando percebi aqueles moços, um instinto súbito me preveniu que eram os meus filhinhos já adultos. Não hesitei um instante em reconhecê-los. Estendi os braços como fazia outrora na Terra, e desta vez apertei-os realmente ao meio seio". (178)

David Gow, que folheou o arquivo de um ministro anglicano, dele extraiu a seguinte mensagem de um Espírito: "Após algum tempo, quando despertei deste lado, percebi que minha defunta mulher se achava a meu lado, e sorria, numa extraordinária expressão de ventura". (179)

Da coleção de Peckam sobre mensagens do Além há as que se referem à presença junto ao morto de pessoas amadas e conhecidas. Numa diz o desencarnado: "...Em seguida, vi surgirem de todos os lados seres espirituais que vieram ao meu encontro com grandes expressões de júbilo". (180)

O Espírito da conhecida psiquista Felícia Scatterd, numa de suas mensagens, escrevia: "Muitas pessoas que me eram mais caras vieram ter comigo e entre elas a mais querida: Minha mãe. Mas como estava mudada! Tornei a vê-la tal como era em plena mocidade..." (181)

(176) De Morgan. *From Matter to Spirit*. Pág. 78.

(177) Amicus. *The Morrow of Death*.

(178) E. B. Duffey. "Heaven Revised", pub. na *Rev. Spirite*. Nov. 1928. Pág. 488.

(179) *Light*, 1927. Pág. 230.

(180) E. H. Peckam. *A Heretic in Heaven*.

(181) *Light*, 1927. Pág. 314.



HABITAÇÕES, MORADAS, OCUPAÇÕES  
COMO SE VIVE NO ESPAÇO

Um dos pontos mais interessantes da vida dos Espíritos é o que se refere às suas moradas e ocupações. E tanto mais de relevo quanto os céticos, desconhecedores como se acham do assunto, declaram que os Espíritos nunca souberam dizer nada de sua vida sobrevivente. Nunca! Já o vimos. A afirmativa é generalizada.

Destarte, comentava Tischner: “Assim o Espírito foge às perguntas, e isto resulta muito decepcionante quando no instante anterior se encontrava em plena forma. Enquanto sabe tantas coisas de sua vida anterior, não se entende bem porque sempre foge ao assunto quando se trata de sua vida atual. As comunicações dos médiuns, a este respeito, parecem inverossímeis e geralmente muito pouco convincentes. É indispensável que um pintor continue ocupando-se em pintar quadros no Além, que um médico se preocupe constantemente com enfermos, que Beethoven sofra ainda de sua surdez? O filósofo inglês Schiller alega que a tendência notória da Ciência em admitir a estabilidade não poderia pretender que o homem seja um ser completamente novo no além; seria mais provável uma evolução progressiva, sem mudanças bruscas. O argumento é especioso, pois não explica a incapacidade dos mortos de nos informarem sobre a maneira precisa de sua vida atual”.<sup>(182)</sup>

Schiller dir-se-ia inspirado quando percebeu a continuidade da atividade e da vida nos planos espirituais. Um pintor que se ocupe em pintar, além de mostrar que ainda se acha ligado à Arte, vem com sua pintura identificár-se e trazer uma nova prova da imortalidade. Os médicos que tratam de enfermos prosseguem em sua obra meritória, e nesse santo mister de aliviar os padecentes resgatam muitas vezes antigas faltas.

O que não é certo é que Beethoven sofra ainda de sua surdez. Que as enfermidades persistam é o que não nos dizem os Espíritos. A surdez é mal terreno, doença física. E esses males só se conservam no Espaço, quando o ser, por sua inferioridade moral, deles não se pode libertar. Não é curial, nem nunca ninguém o disse, que aquele mestre continuasse surdo. O Espírito só mantém os defeitos por prova e o genial compositor, tão experimentado na vida, e de quem não se conhecem pecados, não poderia continuar experimentando surdez

---

(182) *Apud*, Osmard A. Faria, *Hipnose e Letargia*, 1959. Pág. 199.

no Além. Suas dívidas expungiu-as numa vida de arte, de benefícios e de sofrimentos.

Quanto a fugirem os Espíritos ao assunto da sua vida atual é o que já temos visto e o que iremos ver.

Repitamos. A vida é um *continuum* com diversos planos. Dir-se-iam planos superpostos ou planos inclinados, mas habilmente feitos, por forma que se vai subindo suavemente sem se dar pelo aclive. As diversas moradas de que fala o Evangelho se vão diferenciando aos poucos e só lhes notamos as nuances após longa viagem. Daí então poderemos lançar a vista para o passado e encarar o espaço percorrido. E vendo a distância transposta regozija-se o peregrino pelo grande trato que já venceu.

Os planos mais próximos à Terra tanto a ela se assemelham que o morto, nos primeiros momentos, ou mesmo algum tempo depois, conservando-se em estado de perturbação, não percebe a alteração por que passou.

Ernesto Bozzano em *A Crise da Morte* salienta o fato do defunto descrever modalidades da existência espiritual em oposição às opiniões reinantes, mormente à do meio cristão, o que bastaria para excluir as hipóteses de sugestão e dos romances subliminais, além de outras.

“Ninguém nega — afirma o cientista italiano — que muitas mensagens obtidas nas reuniões familiares provenham de uma atividade subconsciente; ninguém nega o acervo de elucubrações vazias, mas o senso comum é suficiente para fazer-nos distinguir as mensagens supranormais.”

Essa uniformidade no encarar a vida espacial próxima à nossa como muito a ela semelhante, já vem de longe. Os antigos supunham assim, e esta suposição era atribuída ao atraso desses povos, quando eles mais não faziam que reproduzir o que lhes diziam os seus irmãos extintos.

Escreve Lemaitre: “Encontra-se nos povos primitivos a crença de que no Além há as mesmas paisagens, habitações, e misteres que no mundo terrestre. Tudo aí é o duplo do mundo habitual, a tal ponto, que os índios Hopé acreditam que as cerimônias se celebram ao mesmo tempo na Terra e no espaço.

“Para os babilônios, os mortos habitavam uma caverna eternamente sombria, povoada de gemidos”.<sup>(183)</sup>

Necessariamente, não mereciam eles morada mais luminosa.

Montandon escrevia: “As mensagens do Além, conforme o

---

(183) Solange Lemaitre. *Les Mystère de la Mort*. Paris, 1943.

ensino ocultista, autorizam-nos a encarar as condições de existência desse além com grandes analogias com as da Terra. Convém porém não esquecer que quanto mais se eleva o indivíduo na hierarquia dos mundos invisíveis, quanto mais se modificam as condições do meio, os pontos de contato se vão tornando cada vez mais afastados”.

E mais além: “Um desencarnado ao qual se pediam informações sobre seu gênero de vida, respondeu, de acordo, aliás, com outras mensagens: ‘Nosso mundo não é material no sentido que dás a esse termo, mas nem por isso menos real. Possui vibrações muito mais rápidas que as dos elementos materiais do vosso mundo. Tenho um corpo que é o duplo do que possuía na Terra e que já interpenetrava meu corpo físico. Podemos comer e beber, não como na Terra, porque há uma espécie de prazer mental e não corporal.

“Podemos estar em sociedade e dar-nos ao prazer da leitura; é lícito viver em belas moradas, passear, colher flores, respirar-lhes o perfume. Tudo tem mais beleza que na Terra e maior espiritualidade. Podemos continuar a instruir-nos, porque temos instrutores que são Espíritos mais evoluídos. A linguagem não exige palavras e correspondemo-nos pelo pensamento”.

(184)

Conan Doyle tem um capítulo com o título “The after-life as seen by spiritualists” ou O após-morte visto pelos espíritos. Melhor seria dizer: visto pelos Espíritos, porque são os Espíritos que vêm.

Explica o autor: “Dizem que essas narrativas variam muito e são contraditórias. Não penso assim. Num longo curso de leitura onde foram examinados muitos volumes com as chamadas experiências póstumas, como também depois de grande número de mensagens obtidas em reuniões particulares, fora do público, somos abalados pela concordância geral que nelas se notam”.

Não deixa ele de verificar uns tantos lapsos, aqui ou ali, mas o mesmo aconteceria se um crítico de Marte recebesse histórias de pontos diferentes. Conan Doyle explica que do Outro lado há três classes: uma é a dos que se acham presos à Terra; essa infeliz classe é responsável pelas aparições de fantasmas, assombrações e tropelias: aí está o cruel, o egoísta, o fanático, o frívolo. Só alcançam vida nova quando se desprendem do orbe.

O autor sente que as informações são mais completas quando provêm de melhores regiões. São as regiões felizes: o

(184) Raoul Montandon, *La Mort cette Inconnue*. Págs. 73-75.

ar, as vistas, as casas, o ambiente, as ocupações, tudo tem sido descrito pormenorizadamente. Aí, o céu espiritual dir-se-ia uma reprodução da vida terrena em muito melhores condições.

Um Espírito dissertou sobre suas ocupações, sobre música, educação de crianças... E dizia: "Nada aborrece a gente aqui — Minha morada é bonita, com flores, perfumes maravilhosos, um mundo de cores. Não há mente terrena — acrescentava — que possa conceber a maravilha de tudo isso. — Estou — dizia ainda — com meus entes queridos: A vida foi uma preparação para esta esfera".

Narra finalmente o novelista que Herbert Wales, cético, captara uma vez certa comunicação sobre a vida do além, a que não deu maior importância; grande, porém, foi seu espanto ao ler um trabalho de Conan Doyle sobre a morte e suas condições, pela perfeita identidade dos escritos:

O autor de Sherlock remete ainda o leitor a várias obras, como *Raymond*, de Oliver Lodge; a *Vida Além do Véu*, de Dale Owen; a *Testemunha*, de Mrs. Platts; o *Caso de Coltman*, de Walbrook; a *Gone West* de Mr. Ward, as de Swedenborg, ao *Spiritualism*, de John Edmonds, e a muitas outras, que dão idéias claras e consistentes da vida do Além — "and other volumes give clear and consistent idea of the life beyond". (185)

Em outra obra refere-se ainda Conan Doyle a várias mensagens que chovem do Além com referência ao que se passa antes, durante e depois da morte. De onde se verifica que a passagem para o Além é fácil, sem sofrimento, com a sensação posterior de paz e bem-estar. Vê-se o Espírito com um corpo igual ao que possuía, mas sem fraquezas nem deformidades.

Quando expira, surgem-lhe figuras familiares que o abraçam e beijam. Um ser radioso por vezes também se apresenta. Antes de entrar na nova vida, passa por um adormecimento cujo tempo varia. Em regra, os Espíritos que nos vêm falar são Espíritos mortos recentemente e portanto de uma geração anterior à nossa.

Miss Julia Ames notou que os Espíritos, depois de ascenderem e estarem juntos dos que amaram, não têm mais vontade de falar conosco. Os que vivem em planos inferiores não podem ir aos superiores, mas pode dar-se a inversa.

Os seres vivem vestidos e em comunidade, pela lei de atração. O Espírito masculino encontra sua companheira, se bem

---

(185) Arthur Conan Doyle. *The History of Spiritualism*. Págs. 278-290.

não haja sexualidade. Alguns possuem excelente biblioteca, a julgar por suas inúmeras citações e mesmo por se reportarem a ela.

Infinitos círculos inferiores se sucedem até às trevas, como infinitos outros se escalonam até à glória. <sup>(186)</sup>

Um vasto repositório sobre as condições da morte e vida dos Espíritos “segundo o depoimento dos Espíritos que se comunicam”, é a obra de Bozzano *A Crise da Morte*. Com seu grande conhecimento e seu opulento arquivo, o eminente filósofo apresenta-nos uma grande fonte de estudos para os que a eles se dedicam. <sup>(187)</sup>

O Professor James Hyslop salienta que as mensagens mediúnicas que recebeu concordam com as dos médiuns primitivos, aliás sem cultura nem idéias religiosas.

Já notara que o desencarnado é levado a gravitar para o meio espiritual correspondente à sua evolução, e daí a diferença que por vezes notamos nas descrições dos mortos. Salienta o fato de serem as mensagens antigas idênticas às de agora, no que se referem aos meios espirituais, não obstante estar a mentalidade do médium contaminada pelas concepções religiosas tradicionais. Afirmam, entretanto, os Espíritos que o meio espiritual é o mesmo terrestre espiritualizado. Há variedade de informes nos casos extremos, o de desencarnados evolvidos e os degradados da espiritualidade. <sup>(188)</sup>

Como diz Hyslop, como observa Russel Wallace, como afirma Bozzano, a uniformidade das mensagens é a mesma, a concordância é impressionante, não obstante as diferentes épocas em que são recebidas e os diferentes médiuns que as recebem. É exemplo o que consta dos trabalhos mediúnicos de Jackson Davis, que nasceu em 1826, há portanto cento e quarenta anos.

Andrew Jackson Davis era denominado o vidente de Poughkeepsie, ou o Profeta da Nova Revelação. Era inculto. “Davis era o homem mais ignorante que poderia ser encontrado em Nova York”. Entretanto — diz Conan Doyle —

---

(186) Sir Arthur Conan Doyle. *New Revelation*. Londres, 1913, Págs. 83-107.

(187) Ernesto Bozzano. *A Crise da Morte*: Trad. de Guillon Ribeiro. Ed. da FEB.

(188) James Hyslop. *Journal of the S.P.R.* 1913. Págs. 235 e 237; 1914, Págs. 462-463.

"He was one of the most remarkable men of whom we have any exact record", isto é, foi um dos mais notáveis homens de quem temos tido conhecimento. Recebeu livros extraordinários que fizeram a admiração do mundo científico e que trataram das mais variadas questões. Declarava Victor Wilson: "Seus trabalhos sofreram a investigação das mais altas inteligências".

Reportemo-nos à parte que nos interessa, que é a vida do Espaço. Transcrevamos ainda, Conan Doyle: "Ele viu uma vida semelhante à da Terra — (he saw a life which resembled of earth) — vida que poderia ser chamada semimaterial, com prazeres e objetivos que se não transformaram pela morte. Viu estudos para os estudiosos, tarefas adequadas para os enérgicos, arte para os artistas, beleza para os amantes da natureza, repouso para os fatigados. Viu fases graduadas da vida espiritual por onde se subia lentamente para o que era sublime e celestial. O objetivo da vida era o adiantamento, o melhor método era o de livrar-se do pecado, entre outros o do fanatismo, o da curteza de vistas, o da dureza; dinheiro, álcool, luxúria, violência são empecilhos do progresso..." (189)

A *Vida Além do Véu* de Dale Owen é uma descrição pormenorizada da existência do Além: há árvores e flores, abismos e pontes, luzes e música; cidades, casas, salas, salões, hospitais; estradas e paisagens... E por aí vai.

O tradutor escreve no prefácio: "Por essas mensagens, sabe-se como lá se vive, o que lá se aprende, como lá se procede; fazem-nos entrever o que nos aguarda assim que transpomos o ádito dessas ignoradas regiões; dizem-nos como estão cheios de afeto os corações dos que lá habitam, como a tranquilidade transpira em toda a parte, como a arte divina se patenteia por todas as formas". (190)

Findlay, em sua obra, fala-nos em vegetação, árvores, flores, livros, estudos do outro lado da vida. Regiões também existem inferiores onde os seres pouco elevados continuam com os mesmos hábitos maus, as mesmas idéias atrasadas e conseqüentemente os mesmos infortúnios. (191)

O Espírito de Lester Coltman dedica-se no Espaço à Ciência e possui um laboratório. Esse Espírito fala na sua casa, muito

(189) A. J. Davis. *Harmonial Philosophy*. A. C. Doyle; *The History of Spiritualism*, 1. Págs. 42-59.

(190) Rev. Dale Owen. *The Life beyond the Veil*.

(191) Arthur Findlay. *No Limiar do Etéreo*. Trad.

agradável, na sala de música, nos quadros, nas pinturas, nas suas visitas. Há escolas onde aprendem os Espíritos-crianças, isto é, aqueles que morreram na infância. <sup>(192)</sup>

Pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, o médium mineiro, foram recebidas as obras de André Luiz. São a reprodução dos trabalhos transmitidos nos diversos pontos do planeta — essa vida no Espaço de que se diz “nunca os Espíritos vieram falar-nos”; vida, entretanto, já amplamente descrita desde o século de Swedenborg, que já apresentava as várias esferas como diversas regiões habitáveis e habitadas, com seus encantos e desencantos, estas para os mais atrasados, aquelas para os evolucionados, com casas, palácios, templos, a exuberância das plantas, o sabor dos frutos, o perfume das flores, monumentos de arte e de saber, tudo o que é necessário para a cultura do intelecto e a beleza da vida.

Folheie-se *Céu e Inferno*, *A Nova Jerusalém*, enfim as obras do Vidente, e encontraremos essas descrições que se diriam monótonas, na opinião de Bozzano, se o interesse pela leitura não sobrepujasse a monotonia da uniformidade.

E os Mestres a conclamarem que nunca se soube nada do Além!

A médium Elsa Baker transmite o que lhe disse o Espírito do juiz americano David Hatch (*Cartas de um morto sempre vivo*, 1928). Descreve aspectos da vida dos desencarnados. Conta, por exemplo, que em determinada zona há a “região dos modelos”. O que será realizado no Mundo está ali pre-estabelecido.

Viu o Espírito ali vários objetos. As entidades já encarnam com fins determinados, devendo aplicar na existência terrena o que viram e aprenderam. Conseguem ainda os Espíritos inspirar aos homens imagens, artes, engrenagens, preceitos e leis que irão enriquecer o patrimônio artístico e científico da humanidade. <sup>(193)</sup>

Temos assim o fenômeno da inspiração, e pela comunicação justificam-se os surtos geniais.

Os Espíritos também se curam das doenças terrenas. Um disse que o levaram ao hospital. Outro declara: Há coisas que se parecem às mesmas da Terra. <sup>(194)</sup>

(192) Lilian Walbrook. *Case of Lester Coltman*. Pág. 34.

(193) Vincenzo Coresi, “Homens e Meninos-Prodígios”, pub. em *Estudos Psíquicos*. Lisboa. Julho de 1965.

(194) *Light*, 1925. Pág. 234.

Como se vê e como vimos, nos planos próximos à Terra tudo se assemelha ao que aqui se passa, e daí muitos recém-mortos se suporem vivos. É um molde que às vezes consola e às vezes desconsola.

Stelle Livermore, em suas notáveis materializações, trazia flores nos cabelos, nas mãos, nas vestes. E como lhe perguntaram de onde elas provinham, respondeu: "Nós aqui também temos flores".<sup>(195)</sup>

Do que acabamos de expor, há que concluir a inexistência da morte. Não devemos temê-la, que não é ela mais "o inverno tenebroso e sempre noite chamada Eternidade", senão o pórtico do Progresso e da Redenção.

Não deve haver o medo da morte, quando as flores da virtude e do bem afestoarem o túmulo.

#### O CARMA É INEXORÁVEL

Assim dizia Buda, e certos fenômenos psíquicos o demonstram.

O indivíduo faltoso, além dos maus pedaços que curte na vida do Espaço, volta à Terra para resgatar a falta. Vem expiar o crime onde o cometeu e pela maneira por que o cometeu. É a reencarnação como processo expiatório e regenerador.

Certo indivíduo foi enterrado vivo: caso de morte aparente; morte tenebrosa a que a sucedeu, como é fácil de ver. Comunicando-se com os vivos, informou que sofrera atrocemente quando acordou dentro do caixão e percebeu o que lhe tinha acontecido: estava enterrado... e vivo. Vivo numa agonia indescritível, sem saber como apressar aquela morte. "Terrível prova, que nem imaginar se pode — dizia ele — mas que foi um resgate — o último".

Em encarnação passada tinha sido um pirata, de nome Hasting, muito afamado por suas tropelias e invencibilidade. Certa vez achou-se diante de uma cidade inexpugnável e que resistia a todos os seus ataques, a cidade de Luna. Hasting não poderia retirar-se como animal que não consegue apanhar a presa; usou então de um stratagem: fingiu-se de morto, meteu-se num caixão, e seus guerreiros, muito compungidos, foram aos sitiados e imploraram que o inumassem

---

(195) Benjamin Coleman. "The Spiritual Magazine", pub. em *The Spiritualism in America*, 1865.



em terra cristã, que só poderia ser a da cidade. Era o seu último desejo. O inimigo enterneceu-se com este ato de piedade e contrição. Acederam. Abriram-se as portas para entrar o convertido defunto. Levaram-no para dentro, e procedia-se à cerimônia fúnebre quando, de repente, o caixão se abre, o morto salta como um demônio de sabre em punho, e enquanto uns companheiros abrem as portas da cidadela aos que estavam de fora, ele e os guerreiros de dentro vão acutilando quantos lhes estavam ao alcance.

O prêmio desta façanha veio recebê-la em vida posterior: era a morte aparente.

Temos com efeito tratado da morte tranqüila das pessoas de bem. Era a essa que se devia referir Leopardi quando dizia — “due cose belle ha nel mondo — amore e morte”. Ou Petrarca, que via na morte o espelho da vida — “um bel morir tutta la vita onora”.

O Dr. Michaud notava “a expressão de paz e calma que se pinta no rosto da maior parte dos mortos, que não é uma expressão de beleza no sentido estético, mas de serenidade, de tranqüilidade, reflexo da alma em repouso”.

A Sra. de Recamier, segundo uma testemunha à sua cabeça, no leito mortuário, tinha uma expressão de serenidade angélica. E Banville observava que Teófilo Gauthier, nos seus últimos momentos, estava calmo, radiante, liberto de todos os sobressaltos.

Diz um velho prolóquio que “muito custa um pobre a viver e um rico a morrer”. Tal adágio demonstra o que chamamos a sabedoria popular, e que não é mais que o resultado de uma observação milenária. E ali, quando se fala do rico, é do egoísta, do ambicioso, do que vive para seus prazeres e para sua pessoa, completamente alheio ao infortúnio do próximo. Em geral, o indivíduo que enriquece, como os que se elevam — salvo as honrosas exceções — acreditam que o Criador teve as vistas especialmente voltadas para eles, se não foi o seu valor, como acreditam, que os fez subir. É a vertigem das alturas. Já por isso dizia o Cristo: “É mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha que um rico no reino dos Céus”. E os Espíritos, no ensino trazido a Allan Kardec, apontavam como uma das mais perigosas provas terrenas, a da riqueza, pelos arrastamentos a que se entrega o indivíduo, descuidando o que mais poderia contribuir para o seu progresso espiritual — o amor do próximo.

Assim, se, por um lado, a morte do justo é suave, e o que o espera é a felicidade a que fez jus pelos seus padecimentos e pelo bem que proporcionou, a do injusto é sobremaneira terrível, e as dores que o esperam estão na proporção dos desatinos que cometeu.

Ilustrará o nosso asserto esta pequena história que nos foi narrada por antiga e honesta fazendeira.

Era dono da fazenda o seu avô, homem ambicioso, egoísta, mau; possuidor de grandes terras, cheio de escravos, não tinha a mais ligeira benignidade para aqueles que lhe avolumaram a riqueza com o suor, com o pranto, com o sangue. A sua severidade não conhecia limites. A menor falta do escravo, mandava tagantá-lo até sangrar. E tal fosse para ele a gravidade da falta, as chicotadas iam até a morte do infeliz.

O seu cavalo era o mais bravo, para não dizer o mais feroz. Dava tiros junto ao ouvido do animal para acostumá-lo. Ele devia ser tão temível como o dono. Quem o contrariasse era indivíduo morto; para isso tinha bons capangas e muitos asseclas. Avilanado no proceder, atascado no crime, nunca pensou na última hora.

Ela chega, porém, e ela chegou. Todas batem, até que uma fere de morte. *Omnia vulnerant, ultima necat.* Aí é que se apresentou a cena mais terrificante que seus parentes presenciaram, eles acostumados a tantas de confranger.

Os estertores do criminoso eram de apavorar: agarrava-se aos lençóis, ao colchão, às tábuas da cama, como se o quisessem arrancar dali à força de braço. Dir-se-ia que ali se achava arrincoado entre o leito e um bando de malfeitores que forcejavam por levá-lo. E ele como que procurava fugir, com o último alento de vida que lhe restava, aos repuxões violentos de garras invisíveis.

Tinha os olhos esbugalhados, os dedos crispados, um suor gelado a lhe filtrar da pele, as feições transtornadas pelo pavor. E bradava, numa angústia indescritível, a dos réprobos à porta do Inferno imaginado para seu castigo: — Segurem-me... não me deixem... eles querem levar-me... os bandidos, os demônios... E arquejava, e suas mãos buscavam um amparo, como quem procura um socorro no horror da frágua, a prancha salvadora no revolto das ondas.

Chamou-se um padre a toda pressa. Ele continuava forcejando desesperadamente por encontrar um ponto onde pudesse firmar-se e fugir do abraço da morte ou escapar da-

queles tremendos arrancos produzidos não se sabia como. O sacerdote entrou e fechou-se no quarto com ele. Esperou-se que a confissão e o cerimonial aplacassem aquelas ânsias ou as abreviassem. Mas o colóquio pouco durou, pois se viu, dentro de poucos minutos, sair dali o padre apressurado, esbaforido, aflante, com os braços do ar e a clamar: "Não é possível mais nada! É um energúmeno!...".

Como foi a chegada daquele infeliz do outro lado não o soube dizer a fazendeira, pouco entendida nesses assuntos. O que nos afirmou é que o cadáver tinha uma feição tenebrosa. Talvez pudéssemos parodiar o nosso poeta, assegurando: "Tanto era feia no seu rosto a morte".

## EPÍLOGO

Pelo ensino dos Espíritos e do muito que já expusemos, podem-se apresentar, em traços gerais, algumas noções sobre a morte; têm elas a base sólida do testemunho universal, visto que as narrativas, oriundas dos mais diversos pontos, revestem-se de grande concordância.

Há, logo que o Espírito se emancipa, o sono reparador em que mergulha para repousar das aflições de uma vida tempestuosa, ou das agonias de moléstia prolongada, ou do termo de uma longa existência. Em outros, porém, o sono é antes um pesadelo, reflexo de uma vida faltosa, e o acordar no Espaço, uma tenebrosa surpresa. Assim despertam os criminosos.

Para os melhores aquinhoados existe o encontro de parentes e amigos, um dos maiores encantos da vida de além-túmulo. As sociedades são formadas pela atração e afinidade dos Espíritos. Diferem os planos em que eles se estabelecem, como são diferentes as condições em que se vão encontrar. Esses planos estão de acordo com a moral dos que neles ingressam. Ascendem evolutivamente; ou reencarnam, se ainda necessitam das provas terrenas. Os libertos das provas voltam ao Mundo como missionários.

Não há localização geográfica. Os Espíritos dirigem-se para as esferas que lhes cabem. As crianças continuam o seu desenvolvimento. Lá se estuda, lá se aprende, lá se progride. Desaparecem os cuidados econômicos, as necessidades de alimentação, as deformidades físicas, o cansaço, o exaurimento, as apreensões, as preocupações aflitivas.

Não há as inclemências da natureza e as asperezas do semelhante. Não existe racismo, nem miséria, nem ambições, nem egoísmos, nem ciúmes, nem conflitos armados ou desarmados, nem guerras. Está-se a ver que o quadro se refere aos casos normais.

O julgamento é automático. Reflete-se nas sensações do Espírito, boas ou más, conforme as suas qualidades e as suas ações. A felicidade ou infelicidade em regra são estados de alma; é a esperança ou a desesperança, a calma ou a angústia.

Há sempre progresso. O estacionamento é temporário. O que lá impera é a fraternidade por lei, a evolução por meio, o bem por princípio, a paz como remate.

Referimo-nos, por certo, aos planos superiores à Terra.

Que ninguém se apresse, porém, em ir para o Espaço, com as descrições da vida que lá se vive. Muitos têm dado este salto, verdadeiro salto no escuro, e o escuro é que encontram, quando supunham encontrar esplendores, porque o termo da existência está previamente estabelecido e não o podemos abreviar de forma alguma ou a qualquer pretexto.

Há vários motivos para o suicídio: o desgosto da vida e ânsia por abreviá-la; uma revolta contra o destino, com o desejo de mostrar que é possível modificá-lo; os que perderam pessoas, supondo que, matando-se, vão encontrá-las novamente; a saudade subconsciente de uma vida anterior, onde fomos muito mais felizes, quer por virmos de mundo mais adiantado e cujo progresso não pudemos acompanhar, quer por terem sido melhores os dias de uma vida precedente, onde abusamos impunemente da nossa liberdade. Há os que, inteiramente ignorantes das condições da vida e da morte, matam-se para reencarnar em regiões mais interessantes, um Céu povoado de huris, ou o Céu tranqüilo, à mão direita de Deus Padre.

Mas tais passos para o desconhecido conduzem à mais dolorosa das desilusões. Nem a extinção de sofrimento; que antes centuplicam, nem o reencontro de pessoas amadas, que antes mais dilatado fica o tempo em que tornaremos a vê-las; nem regiões mais belas e melhores, nem o Céu de Alá, nem o Nirvana búdico, nem o Paraíso cristão; apenas os horrores da Terra, em sua pior expressão, com o desalento indefinível, com a sensação do desespero, porque as dores são acrescidas da idéia de que não findarão mais. Quem quiser pintar o Inferno com as mais terríveis cores não terá mais que descrever a morte de um suicida.

Ninguém se apresse, pois. Esperemos. Esperemos, como for possível, o fim de nossos dias, que será o fim de nossos pesares; esperemos, que a mão do Destino é inexorável e

ninguém foge, jamais, à sentença escrita no Alto e para o cumprimento da qual descemos a este vale de lágrimas.

O que temos a fazer é esperar. Esperar, suportando os mais duros reveses, com o poder da vontade, da paciência, da resignação e da fé. O pano do cenário cairá e terminará o drama da vida, para que esse pano se erga em outro ato, onde os esplendores aguardam aqueles que souberam viver de acordo com as prescrições do bem e do amor da Humanidade.

A handwritten signature in cursive script, likely belonging to José de Alencar, the author of the text. The signature is written in dark ink and features a prominent flourish at the end.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKSAKOFF, Alexandre — *Animismo e Espiritismo*.  
AMICUS — *The Morrow of Death*.  
BARRETT, Sir William — *In the Treshold of the Unseen*.  
BAUMANN, Emile — *Après la Morte*.  
BEDBROOK, David — *Dons Spirituels*.  
BELLOTI, Luigi — *Per Viaggiare in Astrale*.  
BENECK — *Walmes Leben*.  
BREDIAEFF, Nicolas — *Les Cahiers Contemporains*.  
BERGSON — *L'Âme et le Corps*.  
BODIER, Paul — *La Mort*.  
BOUQUET, Henri — *Le Paradoxe du Cerveau*.  
BOURDEAU, Louis — *Le Problème de la Mort*.  
BOZZANO, Ernesto:  
— *Delle Manifestazioni tra i Popoli Selvaggi*;  
— *Cerveau et Pensée*;  
— *Animismo e Espiritismo*;  
— *Delle Comunicazioni tra Vivente*;  
— *A Crise da Morte*.  
BRINTON — *Religions of Primitive Peoples*.  
BRUNTON, Paul — *L'Egypt Secrète*.  
BUBER, Martini — *L'Homme Après la Mort*.  
BUREAU, George — *Mors et Vita*.  
CARREL, A. — *L'Homme, Cet Inconnu*.  
CARRINGTON, Hereward — *Problems of Psychic Research*.  
CASLANT, E. — *Cahiers Contemporains*.  
CHATEAUBRIAND — *Martires*.  
CHEVREUIL, L. — *On ne Meurt Pas*.  
COLEMAN, Benjamin — *The Spiritualism in America*.  
COSTA, Giuseppe — *Di là della Vita*.  
CRAWFORD, W. J. — *The Reality of Psychic Phenomena*.  
DAVIS, Jackson — *Grand Harmony*.  
D'HALLUIN, Maurice — *La Mort Cette Inconnue*.  
D'EGMONT, Trarieux — *La Vie d'Outre Tombe*.

- DELANNE, Gabriel — *Les Apparitions Materialisées.*  
 DENIS, Léon — *Le Problème de l'Être et de la Destinée.*  
 D'ESPÉRANCE, Elisabeth — *Shadowland.*  
 DOYLE, Sir Arthur Conan:  
 — *The History of Spiritualism;*  
 — *New Revelation.*  
 DUFFEY, E. B. — *Heaven Revised.*  
 DURVILLE, Hector — *Le Fantôme des Vivants.*  
 EDMONDS, John — *Letters and Tracts on Spiritualism.*  
 ERNY, Alfred — *Le Psychisme Experimental.*  
 FARIA, Osmard A. — *Hipnose e Letargia.*  
 FEUERBACH, Ludwig — *A Morte e a Imortalidade.*  
 FINDLAY, Arthur — *No Línhar do Eetéreo.*  
 FLOURNOY, Th. — *Métaphysique et Psychologie.*  
 FREIRE, Antônio J. — *Da Alma Humana.*  
 GELEY, Gustave — *De l'Inconscient au Conscient.*  
 GIBIER, Paul — *Analise des Choses.*  
 GURNEY, MYERS e PODMORE — *Phantasms of Living.*  
 HADDOCK — *Sonambulisme et Psychisme.*  
 HENRI, Professor Ch. — *L'Homme Après la Mort.*  
 HENRY, Père — *Nos Devenirs.*  
 HILTON, Louis — *L'Astrosophie.*  
 HUXLEY, Aldous — *Heaven and Hell.*  
 JACOLLIOT, Louis — *Les Fils de Dieu.*  
 JAMES, William — *Immortality of Man.*  
 KENA, Mac — *O Medo da Morte.*  
 LAKHOVSKY, Georges — *L'Éternité, la Vie et la Mort.*  
 LEMAITRE, Solange — *Le Mystère de la Mort.*  
 LEMOINE, M. — *La Mission du Médium Guérisseur.*  
 LODGE, Sir Oliver:  
 — *Why I Believe in Personal Immortality;*  
 — *Raymond.*  
 LOMBROSO, César — *Ricerchi sui Fenomeni Ipnotici e Spiritici.*  
 LUTOSLAWSKI, Vicenty — *The World of Soul.*  
 MALE, Emile — *L'Art Religieux du XII Siècle en France.*  
 MARRYAT, Florence:  
 — *There is no Death;*  
 — *The Spirit World.*  
 MARSHALL, Catherine — *To Live Again.*  
 MONTANDON, Raoul — *La Mort Cette Inconnue.*  
 MONTAIGNE — *Essais.*  
 MORGAN, August de — *From Matter to Spirit.*  
 MORVAND, Roger — *Documents Pour Servir à l'Étude de la Vie.*  
 MYERS, Frederic — *The Human Personality.*

- OSTY, Eugène:  
 — *Comment Décèler, Developper la Faculté de Connaissance;*  
 — *La Vision de Soi-Même;*  
 — *Metagnomie et Psychophysiologie*, in Rev. Mét. n.º 6.  
 OWEN, Reverendo Dale — *The Life Beyond the Veil.*  
 PECKAM, E. H. — *A Heretic in Heaven.*  
 PEIXOTO, Afrânio — *Medicina Legal.*  
 PLATÃO — *Fédon.*  
 PUCHESSE, Bagueuault — *L'Imortalité — La Mort et la Vie.*  
 QUEVEDO, Padre Oscar Gonzalez — *A Face Oculta da Mente.*  
 REZENDE, G. de — *Miscelânea.*  
 RICHET, Charles:  
 — *L'Avenir et la Prémonition;*  
 — *Traité de Métapsychique.*  
 ROBERTSON — *Histoire d'Amerique.*  
 ROESEMULLER, M. — *Die Ubersinnliche Welt.*  
 RUSSEL, Georges — *Candle of Vision.*  
 SANTOS, Isidoro Duarte — *Os Mortos Vivem.*  
 SENN, Alois — *Le Monde Supérieur.*  
 SNELL, Joy — *The Ministry of Angel.*  
 STUART, Mrs. E. — *No More Tears.*  
 TAYLOR, I. — *Primitive Culture.*  
 THURSTON, Hubert — *The Church and Spiritualism.*  
 TURVEY, Vicenzo — *The Beginnings of Seership.*  
 VASCONCELOS, J. de — *Uma Cura Extraordinária.*  
 VIEIRA, Padre Antônio — *Sermões.*  
 VIEIRA, V. — *O Vegetariano.*  
 WADIA, P. — *Les Cahiers Contemporains.*  
 WALBROOK, Lilian — *Case of Lester Coltman.*  
 WOLFF, N. B. — *Starling Facts in Modern Spiritualism.*  
 XENOFONTE — *Apologia.*

*Met. D. 11*